



Júlia Lopes de Almeida

TRAÇOS
E
ILUMINURAS

Contos



A MEUS PAIS

REGINA

AS VIOLETAS

PRENDA DE AMOR

TIA ANGELICA

AINDA BEM

A REABILITAÇÃO

A FASCINAÇÃO DO LUXO

O RELOJOEIRO

ENTRE MALMEQUERES

O SINEIRO

PIÈRRETTE

O REMORSO DA VISCONDESSA

A ESCRAVA

MEMÓRIAS DE UM LEQUE

O TRIBUNAL

CONFESSOR E PENITENTE

Miss WILKENS

NUM SERÃO DE MARINHEIROS

QUADRO BÍBLICO

A FALÊNCIA

O DINHEIRO

IRMÃ CHRISTINA

LA POBRE CHICA

ACTA EST FABULA

CRONOLOGIA

COLABORAÇÃO EM JORNAIS E REVISTAS

JOHN BULL

FALE CONOSCO

REGINA

Encontrei-a a bordo do Arawa, o grande paquete¹ escocês, que me devia trazer do Rio à Inglaterra.

Na véspera, tinham-me dito:

— Vai ter uma bela companheira de viagem, a Regina Camargo.

— Sim?! — exclamou a meu lado o Doutor Figueiredo, muito atônito. — A Regina vai! Com quem?

— Com a avó.

— Deveras!?

E na fisionomia de Figueiredo, transparecia o desgosto.

— A Regina vai! A Regina vai! — repetia ele, oprimido; mas de repente: — Impossível! A baronesa está velha e não terá o mau-gosto de viajar só com a neta.

— Por que não? A baronesa foi sempre muito independente...

— Pois sim, mas... quer-me parecer que está enganado.

— Afianço-lhe, doutor. Vi os passaportes no escritório da agência.

— Mas quem é Regina? — perguntei, já mordida de curiosidade.

— É a menina mais elegante das Laranjeiras — disse o Figueiredo.

— E a mais rica — observou o outro.

— E a mais bonita — afirmou o primeiro.

— E a mais instruída — concluiu o segundo.

¹ Paquete é a denominação dada aos antigos navios de luxo de grande velocidade, geralmente movidos a vapor. Esses navios faziam travessias regulares levando encomendas além de passageiros; eram navios de carga e passageiro ao mesmo tempo

E davam-me os parabéns. Na verdade, não podia haver melhor companhia numa longa e monótona viagem por mar, diziam todos. A Regina é talentosa, graciosíssima, tem muito espírito e é amável. Canta como um canário e ri como uma criança... Adorável, a Regina! Verá!

— Eu a conheci em Petrópolis — disse o doutor — há dois verões. Tinha saído do colégio havia pouco, contudo, parecia ter já longa prática da sociedade. Vestia bem...

— Tem muito gosto, tem — interrompeu o outro.

Dançava perfeitamente, representava comédias de salão com graça fina, leve, e uma ironia sutil, deliciosa. A baronesa retirou-se antes da chegada do inverno para o Rio, cansada de ouvir pedir a neta em casamento. Fez uma esplêndida entrada no mundo social, aquela pequena... Antes, ninguém ouvira falar nela. Esteve nas Irmãs de Caridade até os dezessete anos! Dizem que a avó não queria perturbar o sossego do seu silencioso viver chamando para junto de si aquele formoso diabrete.

— Admira-me o estar ainda solteira — objetava um deles.

— Não lhe faltam noivos, mas não tem querido. A avó, a cada pedido que lhe fazem, ri-se e responde, “Se ela quiser... Pergunte-lhe, meu amigo!”

O amigo, ou não pergunta, percebendo a malícia, ou, se cai na asneira de o fazer, ouve um não entre duas risadinhas de cristal.

— É uma rapariga original; nunca se apaixonou.

— A primeira vez que entrei em sua casa — continuou o doutor —, foi o ano passado; apresentou-me um amigo da família, o Araújo de Andrade, que...

— Sei, sei...

— Bem, pois foi ele quem me levou lá. Antes de entrar no jardim, parei um momento, indeciso, acanhado como um

rapaz de quinze anos. Através da grade, mal enleada por uma trepadeira de perfumosas flores cor de leite, vi as janelas abertas do *rez-de-chaussée*² iluminadas, e umas sombras, que se moviam lá dentro por detrás das cortinas de renda e que não pude distinguir bem. Arrastado pelo meu bom Araújo, entrei. Passamos, na verdade, uma encantadora noite. Regina, mergulhada num fofo divã escarlata de arabescos vivos, vestida de escuro, destacava-se majestosa daquele fundo de tecido árabe. Numa cadeira de balanço austríaca, em frente ao piano, a baronesa, recostada indolentemente, abanava-se com uma ventarola de palha, onde prendera um ramo de ipomeias cor de sangue, frescas e brilhantes. Numa mesa a um canto conversavam alegremente umas meninas da vizinhança, amigas de Regina. Parece-me estar mesmo vendo agora a sala...

O Araújo tinha intimidade ali e apresentou-me com frases lisonjeiras. Conversamos muito. A baronesa, que estivera longo tempo silenciosa, piscando os olhinhos míopes, voltou-se para o meu amigo (lembro-me tão bem...) e perguntou-lhe o que fizera da sua esmeralda, daquela esmeralda que era o encanto de toda a gente, e que ele não trazia no dedo havia já um pouco de dias... Um aparte de Regina fez-me perder a resposta do Araújo. Quando voltei a ouvi-los, dizia a baronesa:

— Nós as brasileiras temos a mania das flores e das pedras. Eu por mim, confesso, sou grande admiradora de umas e de outras. Desde criança professo o culto dessa religião. O barão apaixonou-se por me ver sempre com um ramo de flores... e ainda hoje, apesar de velha, vejam — dizia ela, apontando para as ipomeias da ventarola —, não deixo de usá-las. Foi por causa das flores e das pedras que aliviei o meu

² Piso térreo; andar inferior; rés do chão.

luto de viúva, aliás, tê-lo-ia conservado até hoje; mas abandonar no fundo escuro de uma gaveta umas safiras, que estão mesmo a desafiar a luz, e deixar morrer nas roseiras umas flores esplêndidas e dignas de uma viagem à Rua do Ouvidor³, seria crueldade indigna de uma mulher de gosto. Não acha?

O Araújo dizia que sim, e que ele já notara o que a baronesa acabava de dizer, que nenhuma mulher mais do que a brasileira adora as cintilações das pedrarias e a graça gentilíssima das flores.

Regina interrompeu a conversa com uma *romanza*⁴ de Denza.

Passei umas horas realmente belas. Dias depois voltei, e no fim de um mês, dizia-me a baronesa, concluindo uma conferência que tivera comigo a sós: “Se ela quiser... Pergunte-lhe, meu amigo!”.

³ A Rua do Ouvidor, que chegou a ser um dos mais importantes trechos do Brasil, foi aberta em 1567, conhecida como Desvio do Mar. Só passou a ser chamada de Rua do Ouvidor em 1870. Nesse ano, o ouvidor Francisco Berquó da Silveira, oficial de justiça da cidade, foi morar em uma casa na esquina com a Rua do Carmo. As pessoas começaram a chamar o logradouro de Rua do Ouvidor. Em 1897, o governo brasileiro mudou o nome para Moreira César. Porém, a população já havia adotado a alcunha anterior. Em 1916 o lugar voltou a ser, oficialmente, chamado de Rua do Ouvidor.

Desde sempre, a Rua do Ouvidor, uma das mais antigas da Cidade Maravilhosa, teve vocação para ser grande. Por lá se encontravam as lojas mais concorridas, as livrarias, as discussões intelectuais nas confeitarias e boa parte das pessoas mais influentes do país. Era o centro do centro do Rio. Até Dona Leopoldina, primeira imperatriz do Brasil, fazia compras na Ouvidor.

⁴ Variação de *romanza*; melodia para canto e piano, de fundo sentimental e caráter simples, ingênuo e tocante, baseada na letra de um pequeno romance em que o assunto é geralmente uma história amorosa.

Pois saibam que fui suficientemente tolo para lhe perguntar, e por isso, ouvi, como muitos outros antes de mim, um não entre duas risadinhas de cristal.

Não voltei à casa de Regina; cortei, despeitado, declaro, as relações com a família; vejo-a raras vezes, mas tenho pena que vá para a Europa.

— Enfim, por um lado, folgo, porque desse modo terá a minha querida amiga — disse voltando-se para mim —, uma bela companheira de viagem.

No outro dia, embarquei ao entardecer. Uma bela tarde de março aquela, quente e brilhante. Entregue nessa ocasião à tristeza da despedida, não reparei em Regina, que conversava rindo com diversos, que a cercavam lisonjeando-a muito.

Às oito horas, dirigiam-se para terra os amigos que tinham vindo acompanhar ao bota-fora⁵ os viajantes. Os escaleres⁶ cortavam a água na direção da terra; destacavam-se na sombra, como asas cândidas agitando-se trêmulas, os lenços em repetidos adeuses. Fomos deixando de distinguir esses sinais, a que do alto da amurada correspondíamos. A pouco e pouco, como figuras indecisas, perderam-se de todo na escuridade. O olhar então seguiu, seguiu a luz avermelhada da lanterna da proa do escaler, que se ia afastando, esmorecendo na distância, extinguindo-se, como a luz do olhar do moribundo, perdendo-se ao longe, como uma saudosa estrela...

⁵ Marinha (termo de) náutica: despedida que se faz ao navio que está prestes a deixar o porto; por extensão: ato ou efeito de se despedir de quem sai de viagem, com festa e/ou acompanhando-o até o momento da partida.

⁶ Pequena embarcação, geralmente a remo, que serve para transbordo de mercadorias nos navios ou para pequenos serviços no mar; bote.

No dia seguinte, subi cedo para o tombadilho⁷.

O sol mordida a superfície quebrada do mar, que faiscava luminosamente. Um ar livre, puro, forte enfunava as grandes velas do Arawa.

Não há nada mais salutar, mais purificador para as organizações doentias do que essas esplêndidas manhãs de bordo.

Os pulmões dilatam-se àquele ar que enrija e queima a gente. A vista estende-se pelo azul límpido afora, por todo o enorme globo transparente e brilhante.

A ideia do perigo de nos acharmos isolados naquela vastidão, como que lhe duplica o encanto.

Belo dia aquele; as inglesas admiravam-no, trocando as suas exclamações guturais. Os passageiros vindos da Austrália e da Nova Zelândia observavam atentamente os chegados na véspera do Rio.

Regina principalmente atraía a atenção de quase todos. Passeava de um a outro extremo conversando em inglês com o capitão, que a seguia ao lado, curvando para ela a cabeça e alisando com a mão direita a barba muito loira.

Ela ia olhando para a frente, para o espaço, sem reparar em ninguém; só quando o comandante falava, é que voltava o rosto, demorando nele os seus grandes olhos serenos e escuros, muito escuros.

Cansada naturalmente do passeio, Regina sentou-se numa cadeira de lona, despedindo-se com um gesto amável do comandante, que minutos depois voltou, trazendo um livro; ela riu-se, trocou ainda algumas palavras, e principiou a ler logo que ele desceu.

⁷ A parte mais elevada de um navio, que vai do mastro da mezena até a popa.

Um inglês a meu lado ocupava-se então em desenhar Regina, numa folha da sua carteira; detinha nela o olhar, e retirava-o para o papel, onde com verdade e nitidez reproduziu numa miniatura graciosíssima a sua figura gentil. Ela ali estava tal e qual, com o seu airoso vestido de xadrez muito simples e distinto; esbelta, fina, elegante; recostada na cadeira, mostrando sem afetação os pezinhos estendidos, bem-feitos, calçados à inglesa, sapato de pelica de pequeno salto, atado com um grande laço no tornozelo sobre a meia de seda preta

O inglês, notando a minha curiosidade, entregou-me a carteira, pedindo-me que a folheasse.

— É o meu entretenimento — afirmava ele. — Tenho aqui o retrato de todos os passageiros... É uma lembrança de viagem como outra qualquer. — E mostrava-me: — Olhel! Aqui está o reverendo Mr. Cumbs, aquele que lá vem.

— Perfeito!

Mr. Cumbs... baixo, grosso, todo vestido de preto, com um chapéu de feltro de abas largas a sombrear-lhe o rosto sem barba. Aqui está, é Mis Moore... Original!... cara de menina em corpo de rapaz, vestido escorrido muito curto, gorro de veludo mal assente sobre o cabelo loiro-cinzento. Aqui, esta, é Miss Cumbs, irmã do reverendo; muito alta, muito magra, chapéu coberto de cambraia branca e vestida com uma singeleza atroz.

— E este?

— É o médico de bordo. — Homem alto, gordo, corado, todo vestido de branco, inclusive os sapatos.

E passou-me diante dos olhos a galeria pitoresca dos passageiros todos. Agora, era uma pequena, filha de Mrs. Russel, Eva, com o seu anelado cabelo cor de fogo, olhos

inteligentes, bibe⁸ elegantemente posto; daí a nada, um criado, o George, correto, atencioso, bem perfilado, com o guardanapo pendente do braço. Mais adiante, três raparigas, irmãs de um negociante australiano, e australianas também, muito parecidas, e tanto que ele, não as distinguindo, confundia-lhes os nomes.

La principiar a explicação de um novo personagem; chegou mesmo a dizer: este é... quando o interrompeu o metálico tam-tam, chamando para o *lunch*.

O inglês, cortejando-me à pressa, fechou a sua grande carteira e desceu rapidamente a escada.

Uns interromperam a leitura; outros, a conversa; e ainda outros, o sono.

Desci por último a escada atapetada, com frisos de metal amarelo e corrimão de madeira polida.

Na grande sala de jantar, tiniam os talheres dos mais impacientes, alguns já iam mesmo pelas alturas da fruta.

O meu lugar à mesa era ao lado do de Regina. Entabulamos uma conversação sobre não sei que assunto fútil.

A avó enjoara e não tinha ânimo para levantar a cabeça da almofada, não podia sair do camarim.

Em frente de nós, um sujeito magro, de longa barba grisalha, acumulava no prato gelatinas, gomos de laranja mal descascada, arroz, um arroz muito branco, coroadado de doce de ameixas que não deixava de aparecer nunca, e que tinha nele um grande apreciador.

⁸ Avental com mangas, cuja função é resguardar a roupa das crianças.

Ao lado desse intolerável gastrônomo, sentava-se um seu patrício, um verdadeiro John Bull⁹, a quem pela seriedade inalterável deram a bordo o nome de “O Sinistro”.

À esquerda de Regina, ficava o lugar vazio da avó; a sua direita, eu. Não tinha, portanto, outra companheira a essa hora; e sem reservas, numa maneira franca e graciosa, dirigiu-me a palavra. Conversamos largamente. Quando subimos, passeamos juntas no convés e jogamos uma partida de malha¹⁰.

Não me tinham exagerado as suas qualidades. Regina era adorável, bonita, inteligente, afável, despretensiosa, *chic*.

Chic é realmente a melhor classificação.

Vestia bem, falava com graça.

De manhã cedo, quando atravessava o corredor para o quarto de banho, envolta nas largas dobras do seu peignoir forrado de seda, com as tranças negras mal seguras a fazerem-lhe pender para trás a cabecinha redonda, havia nela, ainda morna do leito, um não sei que de encantador e de suave como nas imagens italianas.

Gostava muito de versos.

À noite, no tombadilho ou na sala, brilhantemente iluminada à luz elétrica, dizia-os muitas vezes, a pedido nosso, com os olhos cerrados e as mãos cruzadas no regaço. A voz

⁹ John Bull é uma personificação nacional do Reino da Grã-Bretanha criada pelo Dr. John Arbuthnot em 1712 e popularizada inicialmente pelos impressores britânicos e depois por ilustradores e escritores como o americano Thomas Nast e o irlandês George Bernard Shaw. É por vezes usado como símbolo ou representação de todo o Reino Unido, como o Tio Sam é usado nos Estados Unidos. É representado nos cartoons e caricaturas como um fazendeiro próspero do Século XVIII. Imagem [aqui](#)

¹⁰ O jogo da malha, chinquillo ou jogo do fito é um esporte em que se lançam discos de metal (ou pedras chatas, no caso do jogo do fito) em direção a um pino com a intenção de derrubá-lo e/ou deixar a malha o mais próximo possível deste pino.

era clara, argentina, fresca como um buquê de rosas orvalhadas.

Em pouco tempo, tratávamo-nos com familiaridade, como se nos conhecêssemos havia muito. Entre gente moça, fazem-se depressa as amizades.

Convivíamos desde manhã até a noite. Líamos no mesmo livro, trocando impressões; procurávamo-nos mutuamente como um refúgio contra a monotonia de bordo.

Uma ocasião principiámos insensivelmente a falar do passado.

Regina, sentada de costas para o mar, em frente a mim, contou-me um trecho da sua meninice. Que tinha entrado tarde para o colégio, com treze anos já. Eu era franzina, débil, nervosa. O médico da família receava que eu não chegasse a moça por ser muito esperta e faladora.

— As minhas perninhas eram assim... — E mostrava-me o dedo mínimo muito delgado e branco. — Vovó não admitia bulha em casa, sofria muito nesse tempo, de enxaquecas... Ora eu adorava o barulho, riso, o estrondo. Se não fosses tão frágil, dizia-me muita vez, punha-te no colégio e pensionista. Um dia realizou a ameaça, só por eu ter quebrado na véspera uma grande talha da China¹¹, que ela estimava muito. Aquele acontecimento tão comum foi de uma extraordinária influência na minha vida.

E Regina, segurando-me nas mãos, fixando nos meus os seus grandes olhos escuros, dizia-me:

— Tenho um tio que é pai de uma menina e de um rapaz, o Guilherme. Minha prima casou-se, era eu ainda pequenita; o irmão, muito mais novo do que ela, está para casar agora. No dia do desastre, quando quebrei a

¹¹ Porcelana decorada a branco e azul, muito apreciada na era vitoriana e exclusiva dos mais abastados.

monumentosa talha da China, de feliz memória, o Guilherme atirou-se, lavado em lágrimas, aos pés de minha avó, pedindo que me não mandasse para as Irmãs de Caridade, que me deixasse em casa. Riram-se todos muito, mas não foi concedida a graça.

— E Guilherme — perguntei —, onde está?

Regina, levemente corada, respondeu:

— Em Londres...

— Ah!

Dias depois, contando-lhe eu o que me haviam dito a seu respeito, “Regina nunca amou”, ela desprende uma gargalhadinha sonora e, puxando-me pelo braço, apoiando-se nele, principiou a passear comigo, dizendo-me:

— A minha amiga há de presenciar os dias mais felizes da minha vida. Estão perto. Deixe-me, portanto, dizer-lhe toda a verdade. Diz muita gente que eu nunca amei, exatamente porque amei sempre, desde o dia em que se quebrou a grande talha chinesa, desde a hora em que eu vi o meu pobre Guilherme ajoelhar-se lacrimoso aos pés de minha avó. Tinha ele então quinze anos. Era tão bonito e tão meigo! O meu tio principiou a chamar-me sua nora, e a avó sorria-se quando me via passear pelo braço do primo no jardim. Um dia, no carnaval, vestiram-me de noiva e a ele de noivo. Tudo aquilo fazia-me impressão... Quando entrei para o colégio, Guilherme foi para a província; quando voltou, tinha já dezessete anos, foi visitar-me; abraçamo-nos e tratamo-nos por noivos... Ele veio para Inglaterra, de onde me escrevia sempre cartas imensas; devia ter voltado o ano passado, mas não pôde. Voltará... Voltará, mas casado.

— E ele já as espera?

— Não! É surpresa. A ideia foi minha... Chegamos a Londres e escrevemos a Mr. Wright, que é o nosso correspondente e sabe onde mora Guilherme; ele mesmo há

de levá-lo ao hotel sem dizer a que vai. Havemos de arranjar um pretexto. Quero ver se o Guilherme me conhece logo à primeira vista!

E Regina entusiasmada, corada, risonha, expandia-se no seu adorado sonho.

Eis a razão por que tantos pretendentes lhe ouviram um não entre duas risadinhas de cristal!

Chegamos a Plymouth¹² num dia úmido, frio. Regina abotoada na sua capa de veludo azul-escuro, conchegando os cotovelos ao corpo, alongava a vista por sobre as montanhas baixas, bordadas de fortalezas. O comandante ofereceu-lhe um ramo de *prime-roses* cor de palha, vindas nesse momento da terra; ela prendeu-o no peito distraidamente, sem agradecer quase. Tinha o pensamento alheio a tudo ao aproximar-se da sua esperada ventura.

A baronesa, sofrendo durante toda a viagem, poucas vezes aparecia em cima. “Só deitada estou bem”, dizia ela, e não saía do camarim senão raramente. Quando o pacote aportava, ao senti-lo bem firme, é que subia ao tombadilho a refrescar os pulmões e recrear a vista com a observação da terra. Empunhava então o binóculo, pedindo explicações de tudo com uma curiosidade inteligente.

Chegamos por fim a Londres. Fomos para o mesmo hotel que Regina. Ela colava o rosto aos vidros da carruagem dizendo: “Quero ver se o vejo...” A sua ideia obstinada e fixa era essa: encontrá-lo.

¹² Cidade portuária situada no condado de Devon, sudoeste da Inglaterra. Base principal da Marinha Real Britânica.

Logo que entrou em casa escreveu a Mr. Wright, pedindo que lhe fosse falar; mas Mr. Wright não apareceu. Depois de alguns dias de impaciente espera, tornou a mandar-lhe o seu cartão. Os bilhetes sucederam-se durante muito tempo, mas sempre inutilmente.

Não queriam ser as primeiras a visitar o velho correspondente. Tinham feito o seu plano e caprichavam em executá-lo à risca.

Regina não saía, temendo que Mr. Wright a procurasse exatamente na ocasião em que estivesse fora. Por fim, desanimada, consentiu em acompanhar-nos.

Mas nenhum dos muitos e soberbos espetáculos lhe absorvia o pensamento, girando sempre sobre a mesma ideia.

Andava abstrata, numa ansiedade febril, por isso, nem os quadros da Galeria Nacional¹³, nem o aspecto animado e sombrio das ruas, nem as representações alegres do Alhambra¹⁴, nem os múltiplos encantos do Palacio de Cristal¹⁵, nem a beleza grandiosíssima dos templos, nem a

¹³ National Gallery (Galeria Nacional) é um museu de arte em Trafalgar Square, em Westminster, no centro de Londres. Fundada em 1824, abriga uma coleção de mais de 2 300 pinturas que datam de meados do século XIII a 1900.

¹⁴ O Alhambra era um teatro e *music hall* popular localizado no lado leste da Leicester Square, no West End de Londres. Foi construído originalmente como o Panóptico Real da Ciência e Artes, inaugurado em 18 de março de 1854. Foi fechado após dois anos e reaberto como Alhambra. O prédio foi demolido em 1936.

¹⁵ *The Crystal Palace* (literalmente Palácio de Cristal) foi uma enorme construção em ferro fundido e vidro erguida no Hyde Park, em Londres, para albergar a Grande Exposição de 1851. Em 1854, depois da exposição, o edifício foi trasladado para um novo parque numa zona mais alta, saudável e rica de Londres chamada Sydenham Hill, uma área que não mudou muito até hoje no seu perfil de subúrbio endinheirado, cheio de grandes *villas* vitorianas, que foi durante o seu apogeu na Era Vitoriana. Nessa época, o edifício foi ampliado, tendo atraído muitos visitantes de

observação dos costumes, dos tipos, nada do que seduz, atrai, prende irresistivelmente o espírito, a desviava um momento do seu sonho adorado.

Quando a censuravam, respondia:

— Eu tenho vivido toda a vida com os olhos fitos nele; hei de abandoná-lo agora?!

Uma vez entramos na Catedral de São Paulo¹⁶, onde um padre pregava debruçando-se no púlpito e estendendo o braço para os fiéis, atentos uns, dormindo outros.

Regina segurou-me com força a mão, apontando-me um pequeno muito lindo, que oferecia um ramo de tulipas e jacintos.

— Parece-se com ele, com o Guilherme, quando quebrei a talha da China!

E chegando-se ao menino perguntou-lhe o nome.

— William — respondeu.

Regina, comovida, comprou-lhe as flores. “Há coincidências na vida!”, disse ela depois, chegando o rosto alvo e levemente pálido às tulipas vermelhas e aos jacintos cor-de-rosa.

A baronesa impacientava-se e arrependia-se de ter cedido ao capricho da neta.

— Se não era muito mais razoável terem mandado avisar o Guilherme e mesmo Mr. Wright? Teriam evitado tantos desgostos, tantos! — dizia ela.

No fim de quinze longos dias, a baronesa, cansada de escrever ao velho Wright, decidiu-se a ir à sua casa, e encontrou um criado, que lhe explicou deste modo a demora do amigo:

todos os níveis da sociedade e permanecendo no novo local até à sua destruição, por um incêndio, em 1936.

¹⁶ *St Paul's Cathedral* é uma catedral anglicana localizada em Ludgate Hill, na cidade de Londres, na Inglaterra. É a sede do Bispo de Londres.

— Mr. Wright está há um mês em Richmond, onde quebrou uma perna ao descer de um carro.

— Mas as minhas cartas!? — exclamou a baronesa indignada.

— Mrs. Wright deu ordem aos fâmulos¹⁷ que guardassem no escritório do marido as cartas e os jornais do correio de Londres, e só lhe mandassem as do estrangeiro.

Haveria razões para isso.

Os médicos recomendaram sossego, muito sossego, ao doente...

A baronesa resolveu ir a Richmond nesse mesmo instante.

O criado, muito sério, pediu permissão para observar que seria melhor esperar.

— Mr. Wright chega a Londres amanhã — disse ele, curvando ligeiramente o corpo. — Entregar-lhe-ei todas as cartas logo que vier ao escritório.

A baronesa, mais animada, voltou ao hotel.

Regina chegara comigo de Hyde Park, e sentada ao canto do divã, encolhida com frio, esperava impaciente a avó.

Colocara ao lado o chapéu e as luvas, e entretinha-se maquinalmente a tirar e pôr no dedo o seu anel, um aro fino com uma pérola negra muito redonda e grande.

— Guilherme, quando souber que estamos em Londres há quinze dias, há de ficar sentido! — murmurava ela, olhando acariciadoramente para o ramo de tulipas e jacintos comprado na véspera na São Paulo, e que estavam ali num vaso de pé de níquel, elegante e fino, sobre a mesa coberta de álbuns, de livros ilustrados e de jornais ingleses.

E lembrava-se, rindo, do espanto do pequenito, quando ela lhe perguntou o nome.

¹⁷ Criado, servidor, serviçal.

— Eu devia tê-lo levado a um fotógrafo — continuava Regina animadamente. — Queria ter um retrato dele, assim, com aquele casaco roto na gola e nas algibeiras, os sapatos maiores do que ele todo, o cabelo caído na testa e o formoso rosto meio erguido como quando me falou. Guilherme, naquela idade, tinha a mesma expressão, doce e inteligente, e era também alvo e loiro.

A baronesa veio arrancá-la a atitude preguiçosa de gatinha amimada. Logo que a avó apareceu na sua confortável sala de conversação, Regina levantou-se, num movimento rápido, e antes mesmo que a pobre senhora se sentasse, dirigiu-lhe nervosamente um rosário de perguntas: Mr. Wright estava? O que lhe disse? Tem visto Guilherme? Quando vem?

A avó sorria-se àquela impaciência e calava-se maliciosamente. A neta interpretou mal a mudez da sua velha amiga e correu a afastar o reposteiro, cuidando encontrar atrás dele o primo.

Ninguém na sala imediata!

— Vem cá, minha doidinha — chamou a baronesa e contou-lhe tudo o que se passara.

Regina de pé, com os braços pendidos ao longo do corpo, curvava a cabeça para a avó, que levantava os olhos para ela, descrevendo umas rissonhas promessas para o dia seguinte.

— Amanhã — afirmava —, Mr. Wright virá jantar conosco e trará consigo o nosso Guilherme sob qualquer pretexto.

— Mas que pretexto, minha avó?

— Ora, não faltam expedientes a um homem como o amigo Wright...

E puseram-se a fazer projetos alegremente

Nessa noite fomos, como quase sempre, juntas ao teatro. Enquanto admirávamos o ator Irving¹⁸ no seu belo trabalho de Mefistófeles, Regina passeava o binóculo pela plateia do Lyceum e pelos camarotes numa ansiedade febril.

— Tu não te lembras que estás em Londres, e que isto é um mundo? — perguntava-lhe a baronesa, batendo-lhe com o leque uma leve pancadinha no braço.

Regina sorria-se e voltava para o palco a cabeça.

— Esta noite não durmo — disse-me ela ao despedir-se — a pensar na minha felicidade de amanhã.

Eram seis horas da tarde quando entrei na sala de Regina.

Encontrei-a radiante com o seu vestido de pelúcia branca muito justo e afogado; o cabelo escuro, preso no alto com a sua costumada simplicidade; uma pérola atarraxada, como um botão, em cada orelha, e nenhum adorno mais. A baronesa fazia paciências sentada à uma mesa ao lado da janela.

— Mr. Wright? — perguntei-lhes.

— Esperamo-lo...

— Não pode tardar... — replicou suspirando a baronesa, que, juntando as cartas e baralhando-as, perguntava-me qual tinha sido o meu passeio nesse dia.

¹⁸ *Sir* Henry Irving, nascido John Henry Brodribb, também conhecido como J. H. Irving (Keinton Mandeville, 6 de fevereiro de 1838 – Bradford, 13 de outubro de 1905) foi um ator inglês da Era Vitoriana. Conheceu Bram Stoker em 1876, desde essa época ficou sendo seu amigo, até morrer em 1905 com 67 anos de idade, mesma época que Bram Stoker teve um derrame cerebral. Foi cremado, e as suas cinzas foram sepultadas na Abadia de Westminster. Sua representação de Mefistófeles pode ser apreciada, ainda nos dias de hoje, através de gravuras pintadas à mão.

Demorei-me a falar-lhe do que vira em Kew Garden, o belo e extensíssimo jardim; das suas estufas esplêndidas, onde florescem camélias e parasitas, todas as mais finas e esquisitas plantas tropicais; do lago em que viceja a grande flor aquática vitória-régia, natural do Amazonas; das margens do Tamisa, que subíramos num vapor, dos subúrbios; das cottages da estrada por onde regressáramos à cidade...

— Eu hoje não saí — falava a baronesa. — É realmente estúpido estar-se um dia todo no hotel, numa cidade destas; mas esperamos a todo o momento Mr. Wright. Não calcula; a minha Regina passou a noite em claro, nervosa, com febre, a pensar na visita do noivo... É uma verdadeira criança

A neta ria-se e beijava numa efusão de alegria as faces morenas e engelhadas da avó. “Sou tão feliz!”, afiançava ela, e ensaiava a maneira de receber o primo.

— Olhe, há de ser assim: deixo-o primeiro tomar-lhe a bênção e... não, tenha paciência, minha avozinha, permita que seja meu o seu primeiro abraço, sim? Santo Deus! Que de coisas eu tenho para dizer a Guilherme!

E projetava depois demorar-se em Londres uns meses, casar-se, ir à Itália. Era o seu desejo ir à Itália.

— Primeiro vamos à Alemanha — observava a baronesa.

— Pois sim! Iremos à Alemanha, Rússia, Suíça, a toda a parte; contanto que vá o Guilherme também.

— Se ele quiser.

— Oh! Se há de querer!

A baronesa tentava conter as expansões de Regina, mas era trabalho inútil.

— Quando se tem uma felicidade intensa, não se olha a convenções — murmurava ela a meia voz, estendendo de novo sobre a mesa de charão as cartas para a paciência.

Neste momento, um criado trouxe-lhe numa salva¹⁹ um cartão; a baronesa depois de o ler disse para a neta placidamente com um sorriso:

— É ele. — E voltando-se para o criado, ordenou que fizesse entrar a visita.

Regina empalideceu e, levantando-se, firmou a mão nas costas do *fauteuil*²⁰ junto à mesa.

Um silêncio, o silêncio da comoção, substituiu os alegres rumores de há pouco.

O criado correu por fim o reposteiro, e Mr. Wright atravessou coxeando a sala, indo curvar-se respeitosamente em frente da baronesa.

Regina, imóvel, tinha os olhos muito brilhantes fixos na porta.

— E o meu neto?! — interrogou a baronesa; levemente assustada.

Mr. Wright sorriu.

Regina olhava para o largo reposteiro cor de fogo. A baronesa com o pescoço estendido, os lábios secos entreabertos, parecia querer ouvir de perto a resposta do inglês, que, sem alterar nem de leve a fisionomia, esperava evidentemente qualquer coisa.

A baronesa, compreendendo-o, apontou-lhe então uma cadeira, sem ânimo de dizer mais nada, como ferida de um pressentimento. O inglês sentou-se e principiou:

¹⁹ Espécie de bandeja, rica em detalhes.

²⁰ Um *fauteuil* é uma poltrona de braços com o quadro em madeira exposto. Os *fauteuils* são feitos em madeira, frequentemente talhada para ornamentação. O assento, o encosto e os braços são estofados. Os elementos de madeira podem ser dourados ou pintados. Sendo antepassados dos *caquetoire*, das cadeiras com braços ou dos *faudestuil* renascentistas, foi apenas em 1636 que o termo *fauteuil* entrou no vocabulário na França.

— A senhora baronesa chegou tarde; Guilherme partiu há, seguramente, vinte dias...

— Para o Rio?!

— No, *madam*, para New York, donde era filha a senhora com quem casou.

— Com quem casou!? — perguntou num falsete estrangulado a avó de Regina. — É impossível, Mr. Wright! É impossível!

Regina, imóvel, desviara os olhos da porta e fitava-os no rosto avermelhado do inglês, que, sorrindo, continuava:

— Aquilo foi rápido; ele viu-a num dia, declarou-se no outro, pediu-a no imediato àquele em que se declarou, e casou-se no imediato àquele em que a pediu. Não se admirem! aqui não é raro acontecerem essas coisas.

— Mas... e o meu consentimento?!

— Tudo se dispensa quando há pressa, muita pressa, *you know*... — respondeu o inglês.

Regina, silenciosa, ouviu a narração do casamento do primo sem pestanejar.

Quando Mr. Wright saiu, a avó voltou-se para ela, e sem proferir uma palavra consoladora, achando imprópria toda a expressão, contentou-se com abanar amargamente a cabeça, demorando pesarosa os olhos na sua querida Regina, que se vestira como num dia de núpcias, o grande dia iluminado pelo ridentíssimo sol da felicidade.

— Em vez de festa, tens luto, pobre criança adorada! — dizia o doce olhar da bondosa senhora.

Regina permanecia ativa e serena como uma estátua. Nem uma lágrima turvara a placidez do seu rosto. Conservou-se assim durante alguns segundos, depois atravessou a sala com passo firme, mas vagaroso, como se arrastasse um pesado manto de dores e sofrimentos, e sumiu-se atrás do reposteiro do seu quarto.

No dia seguinte, Regina conversou muito à mesa, fincando os dentinhos claros no *roast-beef* sangrento. A baronesa é que, contra o costume, guardou silêncio e não jantou.

Ao levantarmo-nos, disse-me ela, apontando a neta:

— Aquilo é uma heroína!

E nunca mais aludimos, nem de leve, ao desenlace do seu querido sonho.

Regina acompanhou-nos a Paris, onde procurou divertir-se muito; foi uma bela companheira, amável, risonha e apreciadora.

Gostava de sair, de ver, de criticar, era realmente incansável.

Vivemos reunidas durante o tempo em que estivemos na grande capital, até que uma manhã despedimo-nos, e talvez para sempre, como acontece geralmente aos viajantes. Ela subiu para o norte, e eu desci para o sul.

Lisboa, 1886.

AS VIOLETAS

O vigário da freguesia de ***, no Rio de Janeiro, acabava de almoçar regaladamente e começava a beber com toda a pausa a sua chávena de chá, quando entrou seu sobrinho, o Padre Lucio. O tio apontou-lhe uma cadeira perto da mesa e ofereceu-lhe almoço.

Sobre a toalha adamascada, nos bonitos pratos de porcelana fina, estavam ainda uns restos de perdiz em salada, bifes, fiambre, ovos e uma garrafa de vinho.

— Come, rapaz! — dizia o gordo e vermelho vigário. — Come, que estás magro e amarelo de meter medo! É preciso justificar o que dizem do nosso apetite, homem! Olha que fama sem proveito...

Mas Padre Lucio não tinha vontade, apesar de estar ainda em jejum, e aceitou, unicamente para acompanhar o tio, uma chávena de chá.

— É do preto — afirmava o dono da casa, vazando do bule de *electro-plate* para a taça branca, orlada de vermelho, o perfumoso e quente líquido. — É do bom... A propósito, não te esqueças nunca de perguntar às tuas penitentes nervosas a qualidade de chá que usam. Pelo que preferem, sei logo a classe a que pertencem, e pouco mais ou menos quantas culpas têm.

O Padre Lucio estremeceu ouvindo o tio falar em penitentes, e o vigário, despercebido, continuou:

— O caso é mais grave do que se supõe. O chá verde origina às vezes muitas coisas más... Já o seu uso é um pecado de lesa bom-gosto, que um padre de bem tem o dever de emendar. Eu por mim, confesso — concluía ele sempre

risonho —, que penitente que me disser não poder suportar o bom, o delicioso *black tea*²¹, não leva a minha absolvição!

Lucio ouvia sem grande atenção o tio, passeando os olhos pelas paredes da sala de jantar, cheias de quadros com molduras pretas. Via num, um grupo de aves penduradas pelos pés; noutro, um São Joao Baptista abraçado à cabeça felpuda do cordeiro branco; noutro, quatro coelhos de orelhas fitas e olhos redondos espetadinhos e malfeitos; num outro, um São Sebastião crivado de setas, de olhar levantado e doloroso; e ao fundo, numa oreografia sobre o comprido, a Ceia do Senhor: Cristo no centro, com as mãos paralelamente erguidas, os cabelos castanho-louros espalhados nos ombros em madeixas fartas e ondeadas, e os lábios vermelhos, como a sua túnica, entreabertos num sorriso plácido.

Lucio tinha qualquer perturbação na consciência, isso era evidente, e passeava distraidamente os seus grandes olhos azuis por todos os objetos e cantos da casa, procurando um meio de desabafar o que sentia lá dentro.

Tinha tomado ordens de presbítero havia um mês apenas. Era novo, inexperiente, medroso; uma organização de mulher, a dele, impressionável e temente. No dia em que dissera a sua primeira missa, ao levantar vagarosamente a hóstia imaculada, as lágrimas rolaram-lhe pelas faces, e quando se voltou para os fiéis, entre os quais estavam a mãe, as irmãs, o tio, o padrinho e os amigos mais íntimos, foi com tremuras na voz que balbuciou o solene *Dominus vobiscum* a que a mãe, lá do seu canto, embevecida e a chorar também, respondeu alto: *Et cum spiritu tuo*.²²

Pobre Lucio!

²¹ Chá preto

²² *Dominus vobiscum* (“O Senhor esteja convosco”) / *Et cum spiritu tuo* (“E com o teu espírito”), cuja tradução em vigor, no Brasil, é “Ele está no meio de nós”.

O tio sorvera o último gole de chá e ia levantar-se, quando ele, com medo de que lhe fugisse ocasião propícia para uma confissão inevitável, resolveu-se a dizer tudo naquele instante mesmo. Se o não fizesse, se transigisse com o infantil receio que lhe tolhia a língua, o tio sairia, e ele teria de carregar o dia todo, doze longas horas ainda, a consciência turbada por uma monstruosa nuvem negra.

Por isso, estendendo a mão esguia e branca para o vigário num gesto de pausa, disse-lhe:

— Tenha paciência, eu preciso falar-lhe.

O tio olhou interrogativamente para o sobrinho, recostou-se mais na cadeira, descansou no grande ventre arredondado a mão esquerda, enquanto a direita remexia com a colherzinha de prata o açúcar depositado no fundo da xícara, estendeu indolentemente as pernas e esperou.

Lucio passou e repassou nos lábios o guardanapo, tossiu, levantou-se, olhou à roda, foi fechar uma porta que dava para o interior, puxou depois para mais perto do tio a cadeira, sentou-se, e, curvando o busto anguloso e delgado, principiou:

— Entrei hoje pela primeira vez no confessionário...

— Ah! Bem! Já todos os deveres do sacerdócio te são conhecidos. Dou-te as minhas sinceríssimas felicitações

— Não me diga isso, meu tio, porque... eu não cumpri com o meu dever.

O vigário voltou-se rapidamente, e os seus olhos, por efeito talvez da digestão ou do calor, amortecidos preguiçosamente até aí, arregalaram-se cheios de espanto.

O sobrinho continuou:

— Entrei hoje na Lapa às nove horas. A igreja estava cheia de fiéis; eu devia ir dizer a minha missa no altar de Nossa Senhora, como sempre, e ia paramentar-me com todo o sossego, quando o Padre Estácio foi pedir-me que ouvisse

de confissão a filha de uma viscondessa. Eu não posso, dizia ele, porque fui agora mesmo chamado para ir assistir à agonia de um amigo meu, mas já lhe falei, e ela consente em confessar-se a você.

Agradei ao Estácio a distinção e, depois de ter dito a minha missa, encaminhei-me para o confessionário.

Tinha acabado de sentar-me quando a penitente se ajoelhou a meus pés. Era uma mulher moça, pálida e formosa; comovida, levantou para mim os olhos, dois olhos negros, brilhantes, onde nadavam lágrimas, e, com voz clara e trêmula, balbuciou uma frase queixosa do seu destino...

O vigário ouvia impassível, de sobrancelhas franzidas; Lucio curvou-se ainda mais e prosseguiu:

— Tinha entre as rendas pretas, a segurar-lhe no peito a mantilha, um ramo de violetas que me faziam mal, que me perturbavam, que me endoideciam. Eu olhava atentamente para ela, para os seus olhos lacrimosos e doces como os da Madalena aos pés do Cristo...

O vigário não gostou da comparação, abanou repreensivamente a cabeça, e o sobrinho, sem entender o movimento, repetiu a imagem e disse mais:

— Ela com certeza julgava que eu a escutava, mas não: eu via-a, via-a só, todo embebido naqueles olhos, entontecido pelas violetas. Que aroma! Como pode uma criança delicada, franzina, usar olores, que fazem quase perder os sentidos a um homem? Aquilo deleitava-me ao princípio, dava-me vertigens por fim... Acordei; fui chamado à realidade pela voz da penitente, que, admirada do meu silêncio, perguntou-me se teria de cumprir grande penitência e se estava absolvida. Corei. Senti que todo o sangue me subia ao rosto. Se de tudo que ela dissera, eu nada, nada entendera! Pensei um minuto e depois...

— Absolveste-a?! — perguntou assustado o vigário.

— Não! Dei-lhe por penitência nova confissão, amanhã, às nove horas, na Lapa.

— Fizeste bem; era o único recurso. — E pôs-se depois o vigário a recordar teologicamente a Lucio os deveres do confessional. Exprobou a fraqueza do sobrinho, fez-lhe ver o diabo, malignamente risonho, de armadilha preparada para o enlear, declamou, gesticulando, contra a fragilidade do padre, desse infeliz padre de vinte e cinco anos, débil e impressionável, que, aterrorizado do seu grande pecado, escutava-o humilde, contrito, com as mãos cruzadas sobre a batina negra e nova, os olhos baixos, a cabeça pendida sob a saraivada dos adjetivos bombásticos e fulminadores, que, como pedradas, lhe caíam em cima.

O tio era um pregador de recursos. A sua palavra ardente fuzilava no ar. Os seus conceitos ribombavam como trovões pejados de eletricidade. Nas grandes cerimônias, nas ocasiões mais solenes, escolhiam-no, a ele, entre todos os pregadores. Seus grandes sermões punham angustiosos medos no coração das devotas. Ele não apontava nunca o céu como o benéfico e doce consolo dos tristes e dos desgraçados. A palavra perdão raras vezes lhe saía dos lábios túmidos, e tinha na voz redobrado vigor ao pronunciar ali mesmo, em frente à imagem do pálido Nazareno, atirando-a com um estalido de látego sobre a multidão, a palavra castigo.

As devotas choravam, e por isso, ele descia sempre triunfante do púlpito.

Nessa manhã, como na igreja, o vigário recorreu às atordoadoras frases do seu vastíssimo e cruel repertório. Lucio chegou a tremer daquela ameaçadora cólera, e sentia dobrarem-se-lhe os joelhos.

Quando a tempestade se acalmou, o tio recolheu-se para melhor pensar e orar, dizendo a Lucio que o esperasse e lesse

o breviário, que lhe entregou. Uma hora depois, voltava o vigário à sala e dizia ao sobrinho:

— Foi grave a tua culpa; deve ser grande, para ser purificadora, a tua penitência. Amanhã, às oito horas, vai à Igreja do Castello e confessa-te lá; depois dize por mim a missa das dez em São Francisco; eu irei em teu lugar ouvir de confissão a filha da viscondessa.

Lucio curvou-se submisso e prometeu cumprir o que lhe ditava o tio.

Toda essa noite, passou-a ele em claro, iluminado pelo fulgor de uns olhos negros, os olhos da penitente, que lhe não saíam da memória. Maldição! exclamava, revolvendo-se no leito, e imaginando ver, através do brilho lacrimoso dessas pupilas cintilantes, o diabo, tal qual o pintara o vigário, a rir malignamente, preparando-lhe uma armadilha traiçoeira.

Ansioso de expiar a sua culpa, levantou-se cedo, rezou, leu muito, e às oito horas, galgava a largos passos a Ladeira do Castelo onde iria de novo lavar a sua alma enodoadá e triste.

O vigário cumpriu a promessa. Enquanto o sobrinho se penitenciava lá em cima, ouvia ele os pecadilhos da filha da viscondessa. Curvado para ela, sem deixar de ouvi-la, com a experiência de velho confessor, observava-lhe a beleza fresca e meiga, e o ramo de violetas, umas infelizes violetas de pano sem odor, flores artificiais, bem-acabadas, trabalho caro e caprichoso, com a mesma cor, a mesma forma, mas não o mesmo encanto das naturais, e com que ela segurava, como na véspera, as rendas da mantilha.

Vendo-as, dizia consigo o vigário:

— O aroma das violetas foi o brilho destes olhos negros e a mocidade de Lucio.

E, elevando no ar a mão acetinada e branca, fez, sobre a cabeça curvada da bela penitente, a cruz clemente da absolvição.

Lisboa, agosto de 1886

PRENDA DE AMOR

A MEU PAI

Numa manhã de domingo, o Capitão Frederico, inteiramente despreocupado, folheava, estendido numa *chaise-longue*, o livro de Edmundo de Amicis, “A vida militar”, quando sentiu impeli-lo de fora, como que a medo, a porta do seu quarto.

— Entre quem é! — gritou.

Vibrava ainda no ar a derradeira palavra, quando apareceu no umbral a figura imponente de um rapaz, altivo em toda a sua simplicidade de provinciano.

Cruzaram-se exclamações. Houve um abraço estreito e longo entre esses dois homens.

Frederico, finda a primeira expansão, correu a fechar a porta, e voltando-se, levou o amigo a sentar-se perto da janela.

— A que vens? — perguntou-lhe rápido, segurando-lhe as mãos. — Visitar-me? Quanto te agradeço! Ver a cidade? É bonita, é, hás de gostar. Por que não me participaste? Iria ter contigo à estação... Ora o meu querido, o meu bom João aqui! Folgo com isso! Estava tão longe de esperar-te agora!... Que rapagão bonito que te fizeste, hein? Gordo..., corado... E tua mãe? a minha boa ama! Como ficou? Vamos, responde-me, conta-me alguma coisa de tudo que deixei... Hás de crer? Tenho às vezes saudades!

— Às vezes! — exclamou o amigo. E depois, com tristeza: — A mim parece-me que as terei sempre...

— Tencionas então demorar-te por cá?

— Muito.

— Tua mãe dizia, se bem me lembro, que, se lhe quisesse fazer a vontade, aprenderias um ofício; é ao que vens, não é?

— Não — atalhou o interrogado —, venho simplesmente assentar praça.

O capitão ergueu-se de um salto e fitou o amigo, estupefato. Amava aquele rapaz como a um irmão mais novo, e era-o quase.

Órfão, dias depois de nascer, foi Frederico entregue a uma família pobre. Era enfezadito, o pai temeu que ele tivesse herdado da mãe a doença, que a levou ao túmulo, a tísica²³; daí a resolução de o mandar para a província, onde o ar fosse puro, higiênico, a ama forte, de costumes simples e saudáveis. Escreveu indagando a um amigo de Minas, que lhe apontou como a mais conveniente uma mulher da vizinhança, trabalhadora, carinhosa e robusta. Propôs-lhe com vantagens a criação do filho. Ela aceitou, e ele levou-lhe a criança.

A ama recebeu com alegria o pequenito, beijando-o docemente; deitou-o depois ao lado da sua única filha, a Ritinha, pouco mais velhita que o recém-chegado.

O perfume do asseio enchia a casa da boa criatura, filha de uns colonos suecos. O pai de Frederico saiu bem impressionado, depois de muitas recomendações.

— Aqui deixo o meu tesouro — disse-lhe ele ao despedir-se. — Trate-o como a um filho e não se arrependerá... Eu não voltarei tão cedo, vou para o estrangeiro em comissão do governo; tudo que precisar, peça ao meu amigo, a quem deixo ordem para isso.

—Vá descansado.

E o pai de Frederico partiu perfeitamente tranquilo.

²³ Tuberculose

A generosa mulher cuidava com o mesmo afago da sua meiga Ritinha e do menino.

Tinham eles já três anos, quando a pequenita, atacada de uma meningite, expirou.

Frederico tornou-se o único ídolo da casa, e completara o oitavo aniversário, quando nasceu João.

Foi uma providência, porque, reclamado pela sociedade a que de direito pertencia, onde o pai vivia respeitado, ele deixava alguém em seu lugar, consolo dessa virtuosa e bondosíssima mãe.

No dia da partida, ela levou-o ao colo, até ao carro, soluçando alto. O João olhava espantadinho, com os deditos na boca, para os cavalos rinchando, e o dono da casa limpava os olhos úmidos com as costas da mão.

Frederico, sobraçando uma espingardinha e um tambor, sentou-se nos joelhos do pai; o chicote do cocheiro estalou, e a carruagem seguiu pela estrada sombreada de árvores cobertas de parasitas.

Estudante, visitou nas férias, muitas vezes, aquela gente, que considerava sua; findo o tempo da escola, nunca mais lá foi, mas conservou sempre o mesmo afeto à sua família, como lhe chamava.

Daí o espanto que sentira ao receber a comunicação do amigo.

— Vamos — continuou —, de onde te veio essa ideia, João?

— Do teu exemplo.

— Estás doido?

— Nunca o estive menos.

— E a mãe?

— Há de ter saudades; mas...

— Mas o quê?!

— Mas hão de passar-lhe.

— Enganas-te, aumentarão com a necessidade do teu apoio. Os velhos sem arrimo são como plantas a que se corte a raiz, e sabes perfeitamente que a não seres tu...

— Não tem mais ninguém, bem sei!

— Pois não parece!

— Nota uma coisa, Frederico: foi mesmo minha mãe quem me aconselhou a assentar praça. Vendo os teus triunfos, imaginou iguais para mim.

— Ama-te muito e pensa lá consigo que tu precisas mais de um irmão que ela de um filho. Isto é que é a verdade... e que é um erro também — objetou o capitão, enrugando a testa.

— Será, mas que queres que lhe faça?

— Quero que o emendes.

Calaram-se ambos.

Frederico, visivelmente nervoso, pôs-se a passear de um lado para o outro em todo o comprimento do quarto. João fitava-o com ternura, mesclada de ressentimento, numa expressão definida entre a meiguice e a dor. O sol que jorrava pelo espaço a sua heroica luz entrava pela larga janela aberta, fazendo cintilar a branca folha da espada colocada sobre a mesa, junto de papeis espalhados e livros de estudo abertos. Fingindo incomodar-lhe o brilho do aço, João voltou o rosto para fora. As árvores, de um verde carregado e sombrio, ondulavam vagarosamente os seus folhudos galhos; na rua, movia-se em confusão o povo, tal ele nunca vira; e lá no alto, como a fugir dos homens, cruzavam-se, em voos bonançosos, bandos de aves serenas.

Frederico interrompeu-o na sua automática contemplação, parando ao pé dele e dizendo-lhe num tom todo outro do que tivera ao princípio:

— Estás doido, repito!

— Há nada que se compare à liberdade!

— Há.

— O quê?!

— O dever.

— No entanto, foges de cumprir o teu...

— Frederico!

— Queres dar-te um carácter que não tens. A vida do soldado é pesada, é a da obediência, da ordem, da disciplina. Nada de revoltas de orgulho, nem de concepções romanescas... Juro-te que me não habituo a ela, eu, que só à força de muito sacrifício, alcancei a posição a que cheguei...

— Tu sempre foste mais fraco e mais idealista do que eu...

— Mas mais ambicioso também. Fica certo que nada impele o homem como a sede de um futuro brilhante.

— Julgas bastar-me o que antevejo? — perguntou ironicamente o pobre João, quase impaciente.

— Julgo-te bom, eis tudo! — respondeu com firmeza Frederico. — Escuta: nós outros, militares, roubamo-nos ao amor da família; estamos às ordens de um senhor que nos domina despoticamente; queiramos ou não, devemos sujeitar-nos com humildade até à mais pequena das regras expressas; curvar a cabeça ao mando dos superiores, quando muitas vezes esses homens nos são pessoalmente antipáticos. Temos de suportar ou dar repreensões pela mais leve culpa. Olha, lembra-me que de uma vez tive de condenar um soldado à pena de calabouço e castigo corporal, e sabes quem era esse soldado? Um grande amigo meu! A vida do militar é dura; convence-te que não se coaduna com a brandura de teu coração naturalmente terno.

— Mas, Frederico, eu...

— Tens uma santa mãe, já velha, necessitada de ti, que leu nos teus olhos a vontade de partir e foi ao encontro do teu desejo, poupando-te o sacrifício de lho comunicares. Olha

que não é outra coisa. Ela disse consigo: “Sou um empecilho à sua vida; que ele seja feliz morra eu!” São sempre assim as mães.

— Ah! Frederico, se assim fosse...

— Voltavas?

— Voltava.

O capitão sorriu triunfantemente. Depois, chegando-se à mesa, tirou da gaveta uma caixinha de ébano forrada de escarlata e entregou-a ao irmão, que o observava atônito.

— Chegas à casa no dia dos anos de tua mãe, a nossa santa amiga, e quando ela te perguntar por que voltaste, assim, tão depressa, dize-lhe que... que vais dar-lhe os parabéns, e levar-lhe, neste pequenino cofre, o meu presente de anos. É uma bala que me extraíram de um ombro há quatro meses, que, por um verdadeiro milagre, me não matou. Afianço-te que bastará isto para que ela não mais consinta em separar-se de ti.

Dias depois, tinha a mãe de João, boa velhinha, a ventura de ver a seu lado, e para sempre, o filho estremecido.

Rio de Janeiro, 1884

TIA ANGELICA

A LEONOR SAMPAIO DA SILVEIRA LOPES

Tia Angelica é a mãe moral dos sobrinhos, a asa tutelar dos pequeninos, a doce *tante berceuse*²⁴ da família.

Mora em casa da irmã, onde acumula o alto cargo de educadora e o ofício de governante; entrega-se gostosamente ao trabalho e é econômica, cautelosa, boa.

Se ela escrevesse a sua vida, podia pôr-lhe este título: “História simples”; tão naturais seriam essas páginas singelas e comuns.

Modesta, delicada, instruída, tia Angelica passou incompreendida pelo mundo.

Em família, respeitavam-na como a uma santa; ela exercia inconscientemente uma influência de superioridade sobre os que a cercavam de perto. Lá fora, ignoravam que tesouro de amor, honestidade e meiguice encerravam o seu coração extremoso e o seu espírito refletido e casto.

Passou a maior parte da mocidade como enfermeira do pai; solícita e dedicada.

Desgostos de amor, se por acaso os teve, ninguém os soube nunca. Expansiva no gozo, retraía-se sempre, mesmo quando em menina, à revelação do sofrimento íntimo.

Aquela concentração da dor como que lhe iluminava, de uma auréola suave, o rosto empalidecido.

Numa existência aparentemente bonançosa, atravessou tia Angelica toda a juventude. Depois de morrer-lhe o pai, foi companheira assídua da mãe; cuidava dela como de uma

²⁴ Sem tradução literal, a tia que acolhe, que protege, que acalenta e cuida.

criança, como de uma filha doentinha, para quem todo o desvelo é pouco.

Haviam-se invertido os papeis. Nessa caridosa ocupação, sacrificando ao dever o seu bem-estar, foi envelhecendo a boa tia Angelica.

O futuro árido da mulher sem família não parecia aterrá-la; identificara-se com a tristeza.

O celibato de uma filha, como diz Legouv²⁵, faz estremecer os pais, porque a palavra solteirona significa isolamento, falta dos carinhos mais justos, privação das mais ternas alegrias, miséria muitas vezes, e muitas vezes ridículo.

Porém, na mãe da tia Angelica, nunca pesaram esses receios; contemplava com amargura, mas sorrindo, o cabelo grisalho da filha e deixou-se morrer sem pensar no porvir.

Ficando segunda vez órfã, tia Angelica olhou espavorida em redor de si, e viu, como uma dourada promessa, as cabeças loiras dos filhinhos da irmã.

A sua missão não era sem valor na Terra! Havia ainda alguém a solicitar os seus conselhos; rejubilou-se com isso.

Ser útil! Havia nada mais irresistível aos seus olhos?

Se não tivesse a família, reclamando-a com o direito da amizade, espalharia por estranhos a sua benéfica proteção, porque tia Angelica tem os sentimentos deliciosamente maternos; não tendo sobrinhos, os seus amores, como ela lhes chama, dedicar-se-ia ainda mais às flores, aos animais e instruiria alguma pobrezinha.

As crianças adoram-na! Nos seus folguedos ou nas suas lamentações é com ela que se refugiam.

²⁵ Ernest Wilfred Legouv²⁵ (1807 – 1903), influente dramaturgo, roteirista e ensaísta francês. A obra a que se refere Júlia é de 1848, *Histoire morale des femmes*, não traduzida para o português.

Pronunciavam-lhe o nome um sem-número de vezes no dia! Os braços da tia aparam-nos da queda, sustentam-nos sem cansaço; se algum dos traquinas esbarra num traste, faz uma confusão, é ela a primeira que o ergue, que o lava com arnica, que o entretém, que o faz esquecer a dor sofrida. Se querem qualquer divertimento, uma surpresa à mãe, um espetáculo, vão perguntar a sua opinião e veem-na rir com influência, participando os seus projetos, ampliando-os, modificando-os ou recusando-os brandamente, expondo para isso motivos sensatos e convincentes.

Para as crianças, tia Angelica é uma bênção.

É ela quem as acompanha na cultura do jardim e na fiscalização do viveiro pela manhã; nos estudos durante o dia, no passeio à tarde, e na leitura útil à noite, feita em voz alta pelo sobrinho mais velho, enquanto a imediata borda e os pequeninos dormem.

Com essa candura da alma, com tão elevada compreensão do bem, a meiga educadora infunde suavemente no espírito dúctil dos sobrinhos a educação mais forte, os sentimentos mais nobres, elucidando-os pouco a pouco nos deveres da mais sã justiça.

Não os fatiga, fá-los brincar, ri com eles.

E assim desliza hoje a sua vida.

Tia Angelica nunca foi bonita, e há mesmo quem diga que nem da atração dos feios ela jamais gozou.

Nesse ponto dá com a língua nos dentes a viborazinha inveja. Não podia deixar de ser simpática quem tem predicados de tanta valia, um sorriso tão plácido, um gênio tão igual, uma alma tão bondosa e tão aberta à desgraça. Se

dissessem que a não compreendiam, sim, mas é tão custoso confessar-se a gente de má compreensão.

A tia Angelica foi até sempre muito afável, modelando delicadamente a sua linguagem pela do seu interlocutor.

Também, quem murmura?

Duas solteironas da vizinhança, suas primas e inimigas naturais, que a acusam de garridice e lhe chamam pretensiosa.

Pretensiosa, meu Deus! Só por prender ao severo *corsage* escuro um ramo de frescas violetas e deitar com elegância sobre a trança prateada uma séria renda preta! É que tia Angelica é esmerada na *toilette*²⁶, como em tudo, dando assim um exemplo de ordem às discípulas e satisfazendo o seu gosto fino.

Queriam-na igual a si, as beatas, de rosário na mão e óculos de tartaruga, resmungando inutilmente a um canto, impertinente para os criados e rabugenta com os meninos; mas a tia Angelica é religiosa sem fanatismo, dá lições em vez de ralhos, beijos em vez de beliscões e, como teve sempre o bom-senso de se não queixar, julgam-na feliz as velhas que a censuram, e de cujas murmurações ela se ri, desprezando-as.

Difícil posição a da mulher que fica só no mundo!

As intrigas mesquinhas, tolas, urdidas contra ela, caíam aniquiladas pela indiferença dos mais e não chegavam a perturbar-lhe a serenidade. As velhas recrudesciam de furor; tinham-lhe raiva porque a achavam superior, porque a viam rodeada de cumprimentos, de afetos, de amigos, enquanto, tendo a mesma idade, elas viviam isoladas e temidas.

Tia Angelica aborrecia de morte a mentira, por mais leve, por mais pequena, por mais inofensiva. Inoculava nos seus

²⁶ (s.f.) Toailete: Vestimenta; peça de roupa; traje de cerimônia, especialmente feminino. Ação de se lavar, de se arrumar, de se vestir para algum evento, para se deitar ou para ocasiões especiais.

adorados discípulos o mesmo sentimento. Queria-os antes rudes de franqueza, expondo a sua opinião sem medo, fosse qual fosse.

Não conhecia os subterfúgios com que todos mais ou menos se desculpam de uma pequena falta.

Ninguém a encontrou jamais num elogio imerecido; era, acima de tudo, justiceira: um modelo moral de perfeição, uma criatura rara, verdadeiramente.

Mas nem sempre se pode levar ao fim um programa estabelecido. Os mais fortes sucumbem muitas vezes, por um caso imprevisto e angustioso.

Chegou, portanto uma ocasião, em que os lábios da serena tia deixaram passar uma inverdade, o que encheu de espanto as crianças.

Essa mentira não lhes esquecerá; há de ficar registrada no seu coração, por toda a vida; e quando daqui a muitos anos, da tia Angelica não houver mais que a memória, hão de deleitar-se em repeti-la, como quem se deleita em aspirar o aroma suave de uma flor, que recorda a infância.

Às vezes, num pequenino incidente revela-se uma grande alma. Tia Angelica dá frequentes provas de a ter, como por exemplo, neste caso, que acontece facilmente nas casas em que há crianças.

Estavam na sala de estudo. Os alegres raios do sol entravam pelas largas janelas sem cortinas e brincavam no soalho polido. Encostadinha à mesa de trabalho ouvia também as explicações dadas às meninas a filha do jardineiro, a Maria, criança brutinha e grosseira, de quem o cunhado da tia Angelica, homem impertinente e irascível, não gostava.

Dizia ele que a rapariguinha era uma péssima companheira para as filhas, e tinha sua razão; mas tia Angelica enchia-se de dó por ela e não só não a repelia, como até às vezes lhe ensinava as letras.

Iam concluir a tarefa, quando o dono da casa entrou, e foi mostrar à cunhada um vaso, que adquirira com dificuldade e que era um mimo.

Ele bem sabia que tia Angelica dava verdadeiro apreço a essas coisas.

A sua opinião prevalecia sobre a de todos. Ela sabia ver melhor, observar criteriosamente, com finura; tinha olhos de artista.

— Veja como é lindo! — dizia-lhe ele, fazendo notar uns violáceos lírios d'água, que desmaiavam lânguidos no fundo cor de marfim da porcelana, com um delicioso aveludado nas pétalas a refletirem umas tênues sombras num lago.

Mesmo nesse momento veio uma pessoa chamá-lo; ele colocou o delicado objeto sobre a mesa e saiu.

As lições interrompidas principiaram de novo.

Curvaram-se para os livros abertos as cabecinhas loiras, e a pena da tia voltou a ranger no papel, fazendo umas letras para modelo.

A fatalidade, o aguilhão dos infelizes, moveu então o braço de Maria num gesto tão brusco e violento, que alcançou o vaso, deitou-o ao chão e fê-lo em pedacinhos!

À bulha da queda, voltou pressuroso o dono, que ouviu estupefato da cunhada estas palavras rápidas:

— Ergui o vaso para vê-lo contra a claridade e, não sei como, deixei-o cair das mãos!

Ele saiu mordendo o bigode depois de um contrafeito:

— Não faz mal.

Maria desatou a chorar, e tia Angelica, corada pela sua primeira mentira, sentiu na testa um longo beijo da sobrinha mais velha.

Que Deus a abençoe e lhe prolongue a vida.

Campinas, 1884

AINDA BEM

A VALENTIM J. DA SILVEIRA LOPES JUNIOR

Naquele dia, o João enterrava com mais vigor a enxada; brilhavam-lhe nos olhos umas centelhas luminosas, como as fosforescências do mar. Lia-se-lhe nos movimentos, rápidos e irregulares, uma alegria estranha e intermitente; os pés enterravam-se-lhe pesadamente no barro solto, e ele tinha, nos lábios grossos, um sorriso de bondade ingênua, quase infantil. Da sua figura atlética, batida de chapa pela luz forte de uma manhã de verão, como que se irradiava a ventura.

Pensamentos alegres ocupavam-lhe o espírito.

Os companheiros, um pouco afastados, não o ouviam falar nem cantarolar tampouco. É que o bom do rapaz nadava em largo oceano de conversações mentais.

O seu trabalho era materialíssimo; logo podia livremente pensar em coisas bem diversas das que fazia... E pensava que iria, nesse dia, às Ave-Marias²⁷, quando deixasse o trabalho, direito à mãe. Contar-lhe-ia que gostava da Mariquinhas e desejava casar-se com ela. Afinal de contas, era muito justo que pensasse nisso, a mãe mesmo devia dar-lhe razão. Que diabo! Um homem, por mais bruto que seja, necessita do carinho de alguém, que zele com interesse pela sua saúde e tranquilidade. Não estava resolvido a envelhecer sozinho; e,

²⁷ A Hora do Angelus, mediante o Toque das Ave-Marias ou Toque das Trindades, corresponde às 6h00, 12h00 e 18h00, e relembra aos católicos (através de um toque especial dos sinos das igrejas e capelas) o momento da Anunciação – feita pelo anjo Gabriel à Virgem Maria – da concepção de Jesus Cristo, acreditada como livre do pecado original. Nesse momento, é comum ao cristão parar a sua atividade por uns breves momentos, e rezar uma Ave-Maria.

imaginando todas as futuras alegrias, punha-se a rir baixinho, apertando com força o cabo da enxada, que elevava bem alto no ar para a fincar no chão.

Depois da ceia, procuraria então o Manuel, o seu melhor, o seu único amigo; encarregá-lo-ia do pedido, e nele, desabafando o coração, depositaria toda a sua esperança.

Era muito natural; o Manuel fora sempre para ele um pai, respeitava-o como tal e talvez por isso nunca lhe falara em seus amores. Estimava-o lealmente, conhecia-se inferior e não se revoltava; ao contrário, a superioridade do amigo como que lhe impunha o afeto. O Manuel era influente, persuasivo; o pai da Mariquinhas não lhe diria com certeza um não, e imaginando ganha a vitória, o bom do João estremecia de contentamento à ideia de que, no dia seguinte, àquelas mesmas horas, ele seria noivo, noivo da sua querida Mariquinhas! Deus do céu, que bom!

Alongando a vista pela pradaria fora, dizia ele, consigo:

— Agora, que já tenho aquelas terrinhas lá embaixo, e que já ganho mais, hei de continuar a viver a mesma vida de cão sem dono? Ora! Era o que faltava! E zás: uma grande enxadada na terra, que se esboroava à pancada, abrindo-se em sulcos fundos.

Assim passou a manhã.

É meio-dia; e ele continua na lida do pensamento e do braço.

Saem da terra quente umas emanções mornas. As folhas amolecidas pendem para o chão. Ouve-se forte o zum-zum das abelhas ávidas, que se dão ao luxo de beber na taça d'ouro das acácias o seu querido néctar.

O solo ardente parece levantar-se a pouco e pouco, como se fosse de aço; e o céu, de ímã, tal é a absorção solar.

Nem um canto se escuta.

A natureza dorme o seu pesado sono, coberta pelo manto do ar abafadiço. À beira das estradas, vermelhas e sinuosas, pendem para os formigueiros repletos os galhos ressequidos dos arbustos velhos, e ao longe, nos extensos pastos, os animais exaustos dormem estendidos.

Todos sentem desfalecer as forças, latejar as fontes, enfraquecer os braços; só o João imprime à enxada movimentos fortes, rasgando a terra em largas covas; só ele continua alegremente na árdua faina, porque só a ele sorri perto um dia cheio de cariciosas compensações.

Chegou enfim a tarde, a suspirada tarde! Uma aragem suave fazia ondular as ramarias finas das esponjeiras bravas e as palmas delicadas dos rendilhados fetos; uma ou outra ave cortava, em voo bonançoso, o azul pálido, esmorecido, do céu sem nuvens.

João deu as boas-tardes aos companheiros, e desceu só. Caminhou com passo resoluto e firme; o coração saltava-lhe no peito, sentia necessidade de dizer muita coisa, muita! A mãe, que tivesse paciência, havia de escutá-lo aquela noite.

Mal chegou, a velha, sentada a remendar uns panos, apontou-lhe a ceia.

— Não tenho vontade de comer — respondeu.

— Fazes mal — replicou a mãe. — Sabes quem saiu agora daqui?

— Não.

— O Manuel.

— Ah! e eu que preciso tanto estar com ele!

— Ele também tem que te dizer... Vai casar.

— Casar! Que coincidência! — E a um olhar espantado da mãe: — Com quem?

— Com a Mariquinhas, a filha do Anselmo.

João deu um salto, os olhos pareciam quererem saltar-lhe; um tremor forte sacudia-o, imprimindo um aspecto feroz ao seu rosto, havia pouco bonançoso, alegre.

— Que é isto, meu filho?!

— Uma desgraça, mãe — disse ele descerrando os dentes; e, afastando de si a espavorida velhinha, lançou mão da enxada e saiu.

Principiavam a luzir as primeiras estrelas. João caminhou febrilmente para o recanto da estrada, onde todas as noites esperava o Manuel, o seu bom, o seu melhor amigo. Tinha este fito: matá-lo. Queria vê-lo caído aos seus pés para dizer-lhe:

— Morres porque roubaste a minha felicidade, porque me traíste; morres porque me estorvas e porque te odeio.

Há mistérios insondáveis no coração do homem, lutas que ensurdecem a consciência e que arrastam aos mais fundos abismos aquele que não tiver coragem para o sacrifício. João sentia pesar sobre si toda a brutalidade do amargo destino, fervia-lhe o sangue na cabeça e jurava vingar a dor que o sufocava tanto. Esperou, como um tigre esfaimado espera a ambicionada presa, mas o Manuel tardava. Sentou-se então à beira do caminho e pôs-se a olhar para o horizonte, que se ensombrava a mais e mais.

Exatamente nesse sítio é que se costumavam a encontrar os dois amigos e a trocar abraços fraternais. Era a junção das estradas, e fora ali que um dia o Manuel salvara João de uma emboscada, e fora ali que o Manuel dera ao João tão excelentes conselhos, e fora ali que eles tantas vezes se apertaram lealmente as mãos! João queria refletir, mas tumultuavam-lhe no espírito pensamentos doidos, que lhe secavam as lágrimas, mordendo-lhe o coração.

Era já tarde quando um vulto se destacou da curva do caminho. Vinha só.

João, de um pulo, colocou-se no meio da estrada; rangiam-lhe os dentes e corriam-lhe pela testa bagas de um suor gélido. Estavam afinal frente a frente os dois homens! O luar bateu-lhes no rosto, conheceram-se.

Contemplaram-se um instante em silêncio. Manuel, surpreso; João, como que sentindo desmoronar-se-lhe no peito o coração. Mais um segundo e, de repente, sacudido por um movimento súbito, atirou aos pés a enxada. O amigo abriu-lhe os braços e ele lançou-se neles, apertando-o cerradamente de encontro ao coração.

No outro dia, subia o João para o trabalho, com os olhos vermelhos e inchados, as faces pálidas, o corpo abatido; mas a sua pesada enxada, a sua vigorosa companheira, casta e boa, essa... ia pura de toda a mácula.

Ainda bem.

Rio de Janeiro, setembro de 1885

A REABILITAÇÃO

A MARIA JOSÉ LOPES DUQUE

Pelas penedias escabrosas da vila, donde saíra havia vinte anos, lá ia o velho Simão montado na mula pachorrenta e dócil, assídua viajora desse caminho traçado na montanha.

Alugara-a embaixo, no sopé da serra, a um caboclo de voz arrastada e máscula, grande cabeleira negra, alto e musculoso, barba à nazarena, curta e rala, morbidez no olhar e faca à cinta.

O caboclo não o enganara: o animal era bom; pisava com firmeza, afitava as orelhas ao menor rumor, desviava-se das ribanceiras, que desciam da estrada barrenta, seca e batida do sol, à grotta sombria, misteriosa, rumorejante de água a correr, soluçando entre pedras limosas e troncos cobertos de musgo. Os seixos, deslocados pelas patas da mula, rolavam pela ladeira íngreme, uns após outros; o velho Simão, com grande chapéu de Chile a sombrear-lhe o rosto vermelho de cansaço, a bolsa a tiracolo, o casaco de brim manchado de suor, os olhos cerrados à muita claridade do dia azul e quente, o velho Simão não parava um momento, e no seu cérebro, as ideias sucediam-se, perdendo-se umas após outras, como os seixos do caminho.

Eram quatro horas quando viu ao longe a casaria da vila.

Chegara a um ponto de paragem, onde havia sombra e um regato, que serpeava alegremente num tapete de relva; deu rédeas ao animal, que, curvando o pescoço, bebeu sofregamente da água, em que o arvoredado estendia a mancha negra das frondes.

O velho tirou o chapéu, limpou a fronte umedecida, aspirou aquele suave frescor, que vinha perfumado da

floresta, e estendeu a vista para além, para a vila, que se elevava risonha, florida, como um presépio armado pela mais crente devota.

Saíra dali havia vinte anos, por uma noite escura e triste como uma enxovia, perseguido e acabrunhado. Nem uma estrela, nem um canto, a não ser o das corujas pousadas nos galhos dessas mesmas árvores, que estavam agora cheias de aves gorjeadoras e felizes.

Lembrava-se tão bem de tudo!

A mulher amaldiçoava a sua sorte, apertando ao peito o filho recém-nascido, que chorava por não encontrar o leite que o desespero secara; a filha mais velha tinha febre, ia gelada, coitadinha, e a tossir muito.

Ele suplicava de mãos postas que tivessem paciência; ao que a mulher respondia com uma ironia; e a filha, com um soluço. Que noite interminável fora aquela!

Nem um amigo! Fugira como um assassino, ele, que estremecia de horror quando qualquer criança atravessava com um alfinete o delicado corpo de uma borboleta!

— Ah! que se eu não tivesse mulher e filhos... matava-me! — dizia ele nessa noite trágica, com as mãos crispadas.

Qual tinha sido o seu crime?

Falira: dera grande prejuízo à gente principal da terra; ameaçaram-no com a prisão e, anonimamente, com a morte.

O último, o único recurso que se lhe apresentou foi esse, tão ignominioso: a fuga; fugiu.

No outro dia, na vila, choveriam sobre seu nome todas as acusações, todos os epítetos infamantes. Havia de ser assim; e, afinal, eles teriam razão; isso é que lhe doía muito, o eles terem razão!

Ah! que se não fossem a mulher e os filhos... repetia ele a todo o instante.

Eram passados vinte anos; no entanto, aquela noite sentia-a ainda a obumbrar-lhe o espírito.

É que lhe tinha deixado na alma toda a sua escuridão e o tétrico piar das corujas.

Durante esse intervalo, trabalhou muito, o pobre Simão; economizou moeda a moeda; fez-se avarento, o infeliz.

Os filhos não tinham aspirações, a mulher acabara resignando-se, ele não; instigava-o um pensamento único, e redobrava de atividade à proporção que diminuía de forças.

Um dia entrou radiante de alegria em casa. A mulher parou de coser; a filha, de engomar, interrogando o velho ansiosamente. Ele chorava e ria, o poltrão! Agruparam-se atônitos ao redor dele, que aclarou o mistério da sua alegria, dizendo que já tinha com que pagar aos seus credores.

No outro dia, ao despontar da aurora, pôs-se a caminho por aquelas montanhas; descera-as a tatear nas trevas, estremecendo de medo ao menor rumor da folhagem, com a alma pequena, o passo vacilante, o corpo enfraquecido; e tinha então menos vinte anos. Agora palpitava-lhe jubiloso o coração ao subir aquela mesma serra, à clara luz do sol brilhante e puro, a santa, a divina luz.

Sentia uma força, um vigor estranho; sorria, admirava a natureza, via coisas que não vira havia vinte anos, vinte anos em que trabalhou dia a dia com os olhos fitos no mesmo ponto, a sua reabilitação.

De porta em porta bateu o velho, pagando com lealdade as suas dívidas. Ninguém o esperava já, por isso admiravam-se manifestando-lhe abertamente o seu espanto, ao que ele respondia satisfeito: “Mais vale tarde do que nunca”.

Finda esta missão, voltou o honrado homem ao seu lar. Pelo caminho, ia gozando de um sentimento novo, suave, festivo, como o que experimentaria um galé a quem tivessem dado a liberdade.

Cantavam as aves, punha-se o sol, dourando a ramaria das matas, e ele ia, o velho, com a fronte levantada, o sorriso nos lábios: sabia, oh! se o sabia! que havia de encontrar em casa a pobreza, mas a sua consciência sorria-lhe, mas voltava honrado, mas podia agora morrer abençoando os filhos, que haviam de respeitar-lhe a memória e abençoá-la também.

Ah! A honra! A honra é uma coisa santa!

Quando o velho Simão chegou à casa, esperavam-no alegremente todos. Nem fome, nem miséria, ele nada viu senão os braços dos filhos, que se lhe estendiam saudosos; e o sorriso da esposa, terno, acariciador.

Então, por uma transposição súbita, lembrou-se do que pensara naquela terrível noite: “Se não tivesse mulher e filhos... matava-me!” e, afastando essa recordação amarga, fitou feliz o olhar naqueles rostos amados, assim como o nauta deve olhar para o farol que o salvou do naufrágio, guiando-o como uma boa estrela.

Campinas, 1886

A FASCINAÇÃO DO LUXO

A MARIA LUIZA DE ALMEIDA

Antônio Diniz, um laborioso rapaz, tão belo na sua simplicidade de alma franca, compreendeu um dia, cheio de desgosto, que a filha da madrinha, sua prometida e desejada noiva, já o não amava. Ao princípio, calou as suas mágoas e nem à rapariga nem à mãe se queixou; um belo dia, porém, não podendo conter-se, falou à madrinha, que por sua vez interrogou a filha, obtendo esta resposta:

— Minha mãe, o Antônio tem razão... eu já não quero ser sua mulher... aquilo foi uma criancice... ele que procure esquecer-me; não mereço que se amofine por mim.

— Cecília! — replicou a mãe. — Gostarás de outro?!

Mas Cecília pôs-se a chorar, e a mãe, desarmada com esse pranto e entristecida, calou-se.

Dias depois, foi chamado o Antônio. A madrinha, que adoecera gravemente com uma pneumonia dupla, confiou ao pobre rapaz o que ouvira da filha; suplicou-lhe que lhe perdoasse... que zelasse dela, e morreu.

Foi então para a companhia da órfã uma velha tia do Antônio, que o criara desde pequenito com extremoso afeto.

Ele ia vê-las muitas vezes, recomendava que não faltasse nada, olhava para tudo como um pai, conservando-se sempre sério e respeitoso.

No fim de alguns meses, Cecília, tendo dezesseis anos apenas, abandonava aquele ninho plácido, onde decorrera a sua meninice, fugindo com um rapaz elegante e rico. O Antônio, entontecido pelo choque, teve ainda forças para pedir a intervenção do juiz de órfãos, que fez casar os fugitivos.

Do pobre namorado não se falou mais. Cecilia, sim, entrou ruidosamente no mundo elegante. Habitava um lindo palacete cercado de jardins com vista para o mar, bem diverso da casa humilde de janelinha azul no sótão, onde vivera todo o seu passado. De inteligência viva, aprendeu depressa o manejo da alta sociedade. Estudara com a mãe muito imperfeitamente, mas à força de vontade, desenvolveu por si os seus pequenos dotes intelectuais. No fim de quatro anos de casada, estando em todo o esplendor da mocidade, a sua conversação fina e cintilante confundia a mais espirituosa senhora da sua grande roda.

Cecilia não tinha senão alegrias; desde criança afagara os sonhos de grandeza: ter luxo era a sua fascinação. Em pequena, quando a mãe a arrastava pelas ruas no passo apressado de quem trabalha, já ela lamentava o não poder postar-se demoradamente em frente das vitrines, onde, numa irradiação esplendorosa, as ametistas, brilhantes, safiras e rubis cruzavam os seus fogos chispantes sobre os tons fulvos e quentes da pelúcia granada.

Cresceu, e o seu desejo íntimo era o vestido de baile, os buquês de plumas, os divãs de cetim e os braceletes caros. Decididamente uma boa fada protegia-a, pois tinha tudo isso agora.

Não se recordava com saudades do passado; só o vulto da mãe, a sua carinhosa ausente, lhe anuviava o coração, mas essa mesma lembrança, tão melancolicamente doce, prendia-a ainda mais aos prazeres frívolos da sua brilhante existência. Adorava o marido com um amor grato e profundo. Era a única alegria sincera e real da sua vida. Assim passou muito tempo, esquecida de tudo mais, até que um dia recuou espavorida, percebendo que o esposo já a não amava. Então olhou à roda de si e viu-se só; nem uma afeição profunda no meio desse fausto; nenhuma palavra consoladora lhe soava

aos ouvidos; nenhum braço caridoso se lhe estendia para guiá-la, a ela, que desfalecia.

Uma vez, perturbada, perguntou ao marido por que a abandonava, ele, a quem consagrava e consagrara sempre tanto amor.

Ao tom acariciador e queixoso da esposa, respondeu rápido e decisivo o marido com uma brutalidade.

— O quê! — exclamava ele indignado e iroso. — Ousa queixar-se uma mulher, que arranquei da triste posição de costureira! Uma criatura que...

E cuspiam-lhe em vocábulos impiedosos mil injustiças. Cecília sentiu-se cair num pavoroso abismo. No meio do seu desespero, surgiu-lhe pela primeira vez a lembrança da casa, onde a mãe trabalhava cantando e onde o Antônio, verdadeiramente amante, não se cansava de a ver. Ah! o Antônio! Como ele teria sido feliz se ela o tivesse amado sempre!

Cheia de amargura, vendo-se insultada, desprezada, lembrou-se de fugir: trabalharia de novo, viveria ignorada, longe desse homem que a calcava aos pés. Preparou-se febril, entrou no carro e disse ao cocheiro o nome de uma rua... aquela mesma em que estava a pequena casa com uma janelinha azul no sótão.

Uma hora depois, subia Cecília a estreita escada da sua antiga habitação; bateu trêmula à porta; veio abrir-lhe uma mulher nova com uma criança ao colo; entrou. Coisa singular! tudo se conservava como outrora! Ali estava a cômoda, no mesmo lugar, com o crucifixo e os dois quadros feitos por ela, um pavão de miçangas e um ramo de canutilhos... a máquina de costura a um canto... a gaiola do canário... o pequenino espelho a que tantas vezes se enfeitara e os vasos de begônias no peitoril. Era ali que ela cosia ao lado da mãe, e penetrava hoje como uma estranha nesse ninho, que tanto tempo

chamara seu! Olhava para a porta como esperando ver entrar do interior a mãe, e prestava o ouvido como para ouvir o som das suas gargalhadas sonoras, do seu riso da infância! Ah! infelizmente era bem ela a desconhecida nessa casa, donde não deveria ter saído. Comovida, explicou a sua visita, dizendo que desejava comprar aquela propriedade. Perguntou quem era o senhorio, e se isso não desgostaria os moradores.

Um sorriso plácido acolheu estas palavras, e ela ouviu em resposta:

— Minha senhora, o dono da casa é mesmo meu marido, e com certeza não a vende, porque lhe liga uma saudosa recordação. Para que me acredite completamente, eu lhe conto a história. Morou aqui uma menina, que era noiva de meu marido e a quem ele adorava cegamente. Um dia, ela casou-se com um rapaz rico; o meu Antônio adoeceu gravemente e eu fui a sua enfermeira. Ficou-me grato por isso. Mais tarde, vendo-me sem amparo, fez-me sua mulher. À força de economia comprou esta casa, avaliou os móveis e mandou, em nome dela, distribuir pelos pobres a sua importância. Até agora, e tenho razão para crer que até a morte, ele não consente nem consentirá que se altere na mínima coisa a antiga ordem; nem uma cadeira deixa de ter o lugar que tinha antes; por isso, minha senhora, eu lhe afianço que nem um tesouro demoveria o meu Antônio a vender esta morada, que encerra, segundo confessa, todo o seu passado. Bem vê que não tenho ciúmes — acrescentou com um sorriso a mulher de Antônio —, e que sou franca, o que me dá o direito de lhe pedir que nem tente realizar o seu desejo.

Cecília, pálida, com os olhos umedecidos, fixava o rosto magro dessa mulher singular, que, evidentemente desejosa de mudar de assunto, apresentou seu filho, dizendo:

— É o meu primeiro... — Depois acrescentou: — O meu Antônio não tarda.

Ouvindo isto, Cecília levantou-se, tomou a criança nos braços, cobriu-lhe o rosto de beijos e saiu.

Momentos depois, contava a mulher ao marido a extraordinária visita que recebera, e mostrava o filho, em cuja face brilhava ainda uma lágrima chorada pela desconhecida.

Aquela lágrima foi para ele um espelho, onde nitidamente se refletia aquela que a vertera. “É infeliz!” pensou ele amarguradamente, e beijou o filho sobre essa triste baga de pranto.

Cecília voltou ao seu dourado palacete com a morte na alma, mas resolvida a sofrer com resignação. Fora ela quem quebrara as cadeias da sua felicidade, era justo que suportasse em silêncio a crueldade do destino. Subiu silenciosa ao quarto e, caindo de joelhos, rogou à sua terna mãe, à sua doce amiga, que a chamasse para si.

Campinas, fevereiro, 1886

O RELOJOEIRO

A ANTÔNIO ARNALDO VIEIRA DA COSTA

Todas as tardes, depois do café, subia o velho coronel a sua longa rua até a porta de uma loja modesta, onde entrava e onde se demorava até às Ave Marias. Era uma relojoaria, casa pequena, sem vitrina, sem armários, sem balcão. Havia ao fundo, perto de uma janela, que deitava para a área cimentada, uma mesa de madeira ordinária, coberta de ferramentas pequeninas, lâminas, lentes, vidros emborcados, etc.

Sentado à mesa, com as costas para a rua, o relojoeiro curvava-se à frouxa claridade da sua oficina mal alumada para o trabalho que tinha em mãos. Era hábil, diziam todos, mas, homem extremamente modesto, não conseguira enriquecer, trabalhando naquilo havia vinte anos, nem mais nem menos, arduamente, afincadamente, cheio de paciência, pode-se mesmo dizer, cheio de amor.

Não tinha encomendas particulares, recebia serviços das outras relojoarias, que lhe pagavam, a ele, uma ninharia, recebendo, contudo, boa soma dos fregueses... Negócios! Também não se queixava, era um verdadeiro filósofo; tivesse ele com que se entreter um dia inteiro, e tudo iria bem.

Coisa singular: quanto mais complicado fosse um conserto, quanto mais escangalhada estivesse uma máquina, mais satisfeito ficava. Era um trabalhador maníaco, o tipo da paciência envolvendo o orgulho na pachorra. Quando finalizava um trabalho difícil, que tinha a consciência de ser quase o único capaz de o fazer naquela grande cidade, onde tantas casas de luxo ostentavam à porta, como tabuleta, o enorme relógio dourado, e nas vitrinas inúmeros relógios de ouro, prata, e níquel, mas cujos oficiais lhe vinham pedir tanta

vez conselho; quando ao cabo de labutar um dia inteiro com o corpo em arco, os olhos fixos, o pensamento preso num ponto, alcançava o seu *desideratum*²⁸, sorria altivamente e não lamentava o cansaço nem as horas que passara na resolução do intrincado problema. Era um herói obscuro, consciente do próprio mérito, mas concentrando a opinião de si, consigo.

Assim como artista, tinha toda a sua vida sido incompreendido como homem. Só agora ia visitá-lo todos os dias o coronel, sem por isso lhe dar provas de grande afeição. Era tão metódico, o velho militar, tão singularmente costumeiro, que havia quem afirmasse ir ele à casa do relojoeiro por hábito. Foi, a primeira vez, contratar o conserto do seu relógio inglês, bela peça a que ligava extraordinário apreço; a segunda, buscá-lo; a terceira, pagá-lo; a quarta... recolher-se da chuva que o surpreendera em caminho. Era já ter ido muitas vezes para deixar de continuar a ir.

Há pessoas assim.

O caso é que o relojoeiro acostumou-se à prosa do coronel, que era considerado como um dos heróis da Guerra do Paraguai²⁹.

Às seis horas, era sabido, entrava o arrogante militar na loja, puxava um banco para junto da mesa e punha-se a tagarelar.

Falava de política, como quem fala sozinho; era coisa de que, graças a Deus, o seu interlocutor não entendia nada;

²⁸ Do latim *deside'ratum*. Aquilo que é objeto de desejo; aspiração ou desiderato.

²⁹ A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América Latina. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Império do Brasil, Argentina e Uruguai. A guerra estendeu-se de dezembro de 1864 a março de 1870. É também chamada Guerra da Tríplice Aliança (*Guerra de la Triple Alianza*), na Argentina e no Uruguai; e de *Guerra Grande*, no Paraguai.

contava histórias da guerra e a essas o bom homem prestava mais atenção; falava da sua vida passada na campanha, abria rude, francamente, como um verdadeiro soldado, o seu coração altivo ao relojoeiro, que o escutava então com interesse.

Um dia o coronel fez a sua visita, mais triste e silencioso. O relojoeiro não o interrogou, mas julgou do seu dever distraí-lo um pouco. Também tinha o que contar, ele, que vivia tão retirado de todos e de tudo. Por isso relatou uns trechinhos, umas cenas passadas mesmo ali, dentro daquelas quatro paredes humildes, e que lhe deixaram entrever dramas misteriosos, amargos, mas comuns.

Por exemplo:

— Uma vez — dizia ele —, entrou-me por aquela porta um rapaz louro, delicado, de dezessete anos quando muito. Veio direito a mim, sentou-se aí, onde o senhor está, e ofereceu-se-me como aprendiz; disse que a mãe era viúva e que ele precisava de um ofício que a sustentasse. Aceitei-o, depois de lhe ter feito ver a pouca vantagem do emprego, mas como com boa vontade tudo se arranja, garanti-lhe que a mãe não morreria de fome.

O pequeno agradeceu-me chorando e saiu. Só muitas horas depois notei a falta de um relógio de ouro, que estava aqui mesmo perto dele, na banca. Estremeci; ninguém mais tinha entrado na loja, logo, sim... o senhor percebe o que eu suspeitei. Aquilo era um grande prejuízo para mim, que estava nesse tempo cheio de dívidas e com escassez de trabalho. Mas onde havia eu de encontrar o diabo do rapaz? Estava a pensar nisto quando entrou uma mulher idosa, pálida, com os olhos e os lábios inchados pelo excesso do choro.

Perguntei-lhe o que queria; desatou em prantos. Era a mãe do pequeno.

— Meu filho — disse ela — perdeu o pai cedo demais... é muito novo... foi criado com mimos e não se acostumou à pobreza... Hoje... ele veio cá... depois quis vender um relógio de ouro... desconfiaram e foram perguntar-me se era mesmo dele aquele objeto... Eu disse... o que havia eu de dizer? que sim, mas que me arrependera e não queria já... vendê-lo. Depois..., meu filho contou-me que o senhor lhe dera... e venho suplicar-lhe que me diga a verdade; mas se... não o desgrace!

Havia tanta dor naquela pobre viúva, que fiz o que devia, o que faria qualquer outro: respondi-lhe que sim, que eu presenteara o pequeno com o relógio. Saiu radiante, prometendo, a pedido meu, mandar-me o filho no dia imediato. O rapaz, porém, não voltou. Isto já foi há anos. No que se teria tornado? Não sei, e se quer que lhe fale com franqueza, tenho até medo de indagá-lo.

O coronel ouvia-o atentamente; o relojoeiro continuou:

— Numa outra ocasião, estava eu aqui conversando com um homem, filho de um velho companheiro de meu pai. Tinha ele acabado de contar-me, como a um amigo sincero, que a mulher, que eu não conhecera, fugira-lhe de casa com um primo, deixando duas filhinhas; que as crianças choravam pela mãe; e que ele vivia coberto de vergonha e de tristeza, quando uma mulher entrou na loja. Como fosse noite e a minha oficina nunca primasse em luzes, só me viu a mim, que trabalhava perto do lampião; tirou aflitadamente um relógio do seio, e pediu-me que o comprasse, fosse pelo que fosse.

— “Morro de fome se não recebo qualquer coisa por isto, que de nada me vale, enquanto que, ao senhor!...” Tive dó dela, comprei-lhe o relógio. Quando saiu, satisfeita com a

paga, o meu pobre amigo, apertando-me o braço com força, disse com voz sufocada:

— É ela! Agarrou nervosamente no relógio, que havia dado à esposa no dia do nascimento da sua mais velhita, e, ou por lembrar-se da filha, ou do tempo passado, desatou a chorar. Fiz-lhe presente dele, dizendo-lhe, para não ofendê-lo, que o guardasse para a menina. Quanto à mulher, procurei-a, fi-la ver e beijar as filhas, que ficaram muito contentes por encontrarem a mãe, que vive hoje feliz junta dos seus anjinhos.

Outra vez... ora! se eu lhe fosse a contar todas as cenas, que tenho presenciado!...

Era quanto bastava.

O coronel pensava lá consigo:

E chamam herói ao guerreiro, ao homem que mata, que extermina, que no ardor do entusiasmo, ou na frieza do cálculo, esmaga o inimigo fazendo perecer com ele alegria de famílias inteiras, e um homem destes passa obscuro na vida, desconhecido pela sociedade que protege!... Ingrato mundo!

Quando nessa noite o velho militar entrou no clube, a sua sociedade, a que se ria das estreitas relações que ele travara com o obscuro relojoeiro, entretinha-se em criticar fina, elegantemente as pessoas cujas casas frequentava. O coronel, passando indiferentemente os olhos pelas revistas políticas do estrangeiro, ouvia esse tagarelar confuso acompanhado pelas pancadas secas das bolas do bilhar e pensava: qual destes homens seria capaz de, como o seu amigo, fazer o bem tão despretensiosamente?... E uma voz íntima lhe respondeu: nenhum.

Desde esse dia, o coronel, o antigo frequentador, o *habitué* assíduo, abandonou o clube.

Por quê?

Porque se demorava a palestrar com o relojoeiro até mais tarde.

Campinas, 1885

ENTRE MALMEQUERES

A ADELAIDE LOPES DE SOUZA GONÇALVES

Elvira de Castro, viúva e moça, entrando em convalescença duma grave enfermidade, ouviu de seu médico o conselho de abandonar a Corte, ao menos por algum tempo. Vá, dizia-lhe ele, faça toda a diligência para seguir à risca o que lhe vou prescrever: acorde cedo; no campo não há horas mais agradáveis, nem mais úteis para um passeio do que as que se seguem ao nascer do sol; prepare-se para este exercício com um copo de leite. Não leve muitos livros; quando estiver aborrecida, em vez de ler, pesque ou passeie a cavalo; deixe-se de medicamentos, que mais do que eles, valem o sossego e as distrações que a natureza oferece; substitua as rosas do jardim pelos simples malmequeres do campo; são flores mais singelas, mas menos perigosas que as primeiras, cujo perfume excita demais o cérebro.

Elvira prometeu observar o que lhe ditava o velho amigo.

As suas esplêndidas rosas, vermelhas como sangue vivo, ou delicadamente róseas; amarelas como ouro polido, ou idealmente brancas; as suas adoradas rosas, de pétalas retorcidas e estreitas ou côncavas e largas, que ela colecionava com amor e com que se desvanecia, foram apontadas como cúmplices nessa doença esquisita, diabólica, irritante, tão investigada pela medicina moderna, e que a atormentava: a nevrose³⁰.

³⁰ Nevrose/Neurose. Doença que se caracteriza por perturbações nervosas, que surgem sem que haja qualquer lesão orgânica, e por perturbações psíquicas das quais o indivíduo é consciente (característica que diferencia a neurose da psicose): a neurose de angústia é frequente; a histeria e certas obsessões são também neuroses.

Partiu a viuvinha para R***, onde a esperava a madrinha. O lugar pareceu-lhe o mais próprio para satisfazer as prescrições do doutor: matas frondosas, campos verdes e extensos, águas abundantes e horizontes larguíssimos.

No fim de poucos dias, acabada a novidade dos primeiros passeios, Elvira aborrecia-se. Folheava livros, deixava-os com enfado.

Faltavam-lhe as amigas, o bulício, a alegria. Dormia mal as noites. Quando chegava a hora de cumprir a ordem do médico é que conciliava o sono, e à tarde, devendo recolher-se, é que achava prazer em ficar fora.

Era quase noite quando, um dia, Elvira sentou-se num banco de pedra que havia no jardim. Anunciava-se uma tempestade, porque a atmosfera era pesada e acumulavam-se no horizonte nuvens negras.

Absorvia-se na contemplação da paisagem, em que a vista se perdia; depois, para concentrar melhor os pensamentos, fechou os olhos, transportou-se ao seu viver da cidade e amaldiçoou o conselho do médico e a sua condescendência.

Nesse momento sentiu pousarem-lhe nos ombros duas mãos: olhou e viu curvada para ela uma mulher nova, vestida pobrementemente, de longos cabelos flutuantes, coroada de luzes azuladas. Elvira tentou levantar-se, mas aquelas mãos tinham muita força e obrigaram-na à imobilidade. Ouviu atônita a voz dessa estranha rapariga que, fitando-a de perto, disse:

— Vês estas estrelas, que me iluminam a fronte... — E dizendo isto, parecia querer colher uma delas. — Mandou-mas ele, ele que chora lá do céu sobre os meus cabelos. Olha, lá se aproxima uma... não vês?... Espera, eu vou apanhá-la... — E estendendo os braços, apanhou com os dedos um pirilampo que passava, prendendo-o no cabelo junto aos outros com que se enfeitara.

— Estás triste?... Por quê?... Queres também coroar-te de lumes? Olha, dize, porque tudo o que desejares do céu podes pedir-me, a mim... Sim, levar-te-ei por essas montanhas até perto da lua; lá em cima é que te hei de coroar..., depois cantaremos e correremos de mãos dadas, entregando ao vento as ondas, tu de teus cabelos negros, eu de meus cabelos loiros... vem... vem... — dizia ela, puxando por Elvira.

A dona da casa, atraída pelo rumor das vozes, apareceu.

Gritou asperamente com a infeliz; ela conteve-se. De seus grandes olhos verdes e lânguidos lançou um olhar humilde sobre Elvira; depois, rápida, beijou-a na testa e, recuando, afastou-se lentamente até sumir-se.

— É uma desgraçada aquela criatura — disse a madrinha de Elvira sentando-se a seu lado. — Teve bons princípios; era filha única de um lavrador abastado; ele cometeu um crime horroroso; gastaram na sua defesa toda a fortuna, mas, apesar dos esforços, foi condenado a galés perpétuas. A mulher, reduzida à pobreza e à ignominia, mora com um irmão caridoso, mas de poucos haveres. Dessa catástrofe, proveio a loucura à pequena. Teima em que o pai era inocente, bom e que tem no céu o lugar reservado aos eleitos do Senhor. Não para em casa; foge da família, chama irmãs às árvores, beija-as e abraça-as com ternura. Como não faz mal a ninguém, deixam-na à vontade; dorme noites inteiras ao ar livre; às vezes acorda e ouço-a cantar aí perto da porta.

Elvira, refeita do susto, ouviu durante muito tempo falar a respeito da pobre louca.

Alta noite, acordou ao estrondo dos trovões e da chuva que, violenta, batia de encontro às paredes; pelas frestas da janela brilhava a espaços a claridade amarela dos relâmpagos; num canto do quarto tintilavam as gotas caídas do teto. Elvira, conchegando mais ao corpo a roupa da cama e procurando ajeitar a cabeça no travesseiro, ia adormecer,

quando lhe pareceu ver, sobre uma montanha, à forte luz dos relâmpagos, a filha do condenado, de pé, com os cabelos flutuantes, e a cabeça erguida a desafiar a tempestade.

Foi uma noite atribulada, em que, como de costume, só pôde adormecer pela madrugada; contudo, levantou-se cedo e saiu a passear. A manhã estava límpida e alegre como uma manhã azul depois de uma noite tempestuosa. Ao acaso encaminhou-se para a montanha e sentiu prazer em respirar o ar fresco e fino. Ia leve, sem cansaço, pisando as flores que o vento e a chuva tinham derrubado e que se estendiam como um tapete debaixo de seus pés... Mimoso madrigal que lhe oferecia o arvoredor, cujos troncos torcidos e quebrados davam uma forma ainda mais pitoresca à paisagem; os regatos túmidos cantavam umas notas graves e sonoras; as aves chilreavam loucas procurando talvez um eco ou um pio nos ninhos sepultados sob as ramadas, o sol espalhava uma alegria santa pelo espaço.

Caminhando deslumbrada por tanta maravilha, acercou-se de muita gente, que se agrupava embaixo de um pinheiro copado e perfumoso.

Chegando, viu sobre uma padiola rusticamente improvisada, uma mulher. Tinha o vestido molhado e unido ao corpo; os cabelos espalhados, uma das mãos apertada sobre o peito e a outra, pendida; no rosto, a serenidade de quem dorme. Os lábios entreabertos mostravam a brancura dos dentes, e nos olhos, parecia ainda refletida a onda traiçoeira, que a arrebatara, quando, fascinada pela claridade dos raios, se precipitou na torrente, que, arrastando-a, foi enredá-la cadáver numas plantas aquáticas.

Elvira reconheceu a louca dos pirilampos! Ia retribuir-lhe o beijo recebido na véspera, quando ouviu gritos angustiosos e vozes dizendo: aí vem a mãe. Temendo a cena dolorosa que ia dar-se, retirou-se precipitadamente.

Dias depois, regressando à Corte, era chamado o médico.

Ela tinha voltado mais nervosa e doente. Apertando a mão do velho amigo, disse-lhe:

— O seu conselho ia-me matando; os modestos malmequeres do campo presenciam dramas mais comovedores do que as minhas queridas rosas. Neste tempo de materialismo, há ainda por lá muitos episódios romanescos, que, sendo da vida real como são, desprezamos por inverossímeis quando os lemos no romance. — E descreveu-lhe o que se passara.

— Engana-se, minha senhora. Pegue num jornal qualquer e verá quantos desses episódios romanescos, como diz, se desdobram na capital. Nós é que nos habituamos a lê-los e já por isso não logram sensibilizar-nos. O seu ingênuo romance de aldeia alterou-lhe a saúde, fez mal em pensar tanto nele. Fuja das impressões tristes e, pelo amor de Deus, divirta-se!

Campinas, 1883

O SINEIRO

A JOÃO DUQUE

Repicava alegremente o sino da freguesia da Conceição. As vibrações ecoavam nítidas pelo espaço azul, semeado aqui e além de pequeninos flocos de nuvenzinhas brancas.

Voavam da torre da igreja espavoridas as andorinhas mansas.

Era dia santificado. Cruzavam-se na rua os vendedores, apregoando frutas e as hortaliças ainda orvalhadas do relento da noite.

Um dia santo, numa cidade de província, é duma extrema monotonia. Onde passar doze horas sem tédio? Contudo não há nada mais pitoresco, mais risonho, colorido, alegre, do que uma manhã de domingo nessa mesma cidadezita ignorada e tranquila.

Os trajes domingueiros aparecem, dando um tom limpo à gente de trabalho, ordinariamente enxovalhada.

As famílias abrem as suas salas e as janelas à espera das visitas.

Os carros passam cheios. Ouve-se rir alto, cantarolar na rua.

Nesse dia, como nos outros, foram diminuindo a pouco e pouco os alegres rumores da manhã.

O sol aumentava de calor, os transeuntes escassearam, o sino, o alegre sino, emudeceu, e as andorinhas voltaram para o cimo da torre num silêncio ameno, no conchego doce e brando das almas satisfeitas.

O sino emudeceu, mas lá no alto, sentado preguiçosamente no parapeito da torre, o sineiro faz ainda um cigarro entre os dedos calosos, para descer depois.

O sol ia aquecendo a mais e mais, é certo, mas ali havia viração e sombra. Via-se a pequena cidade, com as suas ruas muito direitas, cortadas em xadrez; os seus quintais, imundos uns, ajardinados outros; os seus campos em volta, lisos, ou em ondulações serenas do solo, tachonados de monções de arvoredos verde-negro; as suas casas devassadas até ao interior, e as oficinas, ainda rumorejantes a essa hora, cheias de vida e de animação; os seus albergues gloriosos — os hospitais e as escolas — e, como um borrão negro numa página luminosa, esse antro de vergonha e miséria, a prisão.

Naquele grande livro aberto, não sabia ler o sineiro.

Dormia-lhe em fundas trevas, como num poço insondável, o espírito. Não tinha temperamento afinado para apreciar aquilo; olhava para a paisagem, não para admirá-la, mas porque enfim era natural que olhasse para alguma coisa.

Em qual daquelas ruas, em qual daquelas casas teria nascido ele, o enjeitado?

Seria além, num dos casebres arruinados, entre as urzes e os valados, de paredes esboroadas, teto a cair, denunciadores de uma miséria enorme, ou num desses prédios elegantes, com reposteiros pesados, jardineiras floridas, terraços de mosaico?

Ele, o sineiro embrutecido, novo e já gasto, tendo vivido boemiamamente, sem lar, sem família, sem nada, não podia imaginar, nem se inquietava a fazê-lo, que berço teria sido o seu se o não tivessem abandonado.

De penas e de cetim, ou de algodão e de trapos, o que lhe importava, desde que não tivessem chorado os olhos maternos ao pô-lo fora, longe de si?

Não o perseguiam absolutamente as visões de venturas impossíveis; não tinha que ter saudades, nem amava ninguém. Saíra ainda pequeno da roda. Embirravam com ele. Vivera sem afetos, sem conselhos, sem exemplos.

Lembrou-se um dia de ser sineiro, como se lembraria de ser... ladrão ou outra qualquer coisa.

Era musculoso, forte e leve; foi aceito sem dificuldade para o cargo a que se propôs.

Vendo pela primeira vez a seus pés, a cidade natal, podendo contar-lhe as casas e abranger-lhe com a vista os horizontes de extremo a extremo, o sineiro estendeu por tudo um olhar indolente, vago, levantando com desdém os ombros.

Nessa brilhante manhã, porém, entrava-lhe suavemente na alma endurecida um sentimento novo, de uma melancolia doce, como numa enxovia escura e infecta pode entrar, uma vez ao menos, por uma indiscrição do carcereiro, um raio de luz ou uma aragem perfumosa.

Num momento viu toda a sua degradação, a sua vida aparte da de toda a gente e sentiu umedecerem-se-lhe os olhos.

Estava a refletir nisso, sentado ainda no parapeito da torre, a revirar entre os dedos o cigarro, maquinalmente, quando sentiu bulha de carruagens. Curvou-se e viu entrar na igreja um casamento.

A noiva alva, loira, tímida, parecia uma nuvem, e outro fosse o sineiro que procuraria ver se a torre mudara de posição.

— É bonita — resmungou ele —, e, quem sabe? Talvez seja minha irmã...

Os noivos saíram e ainda o sineiro lá ficou em cima gozando o frescor e estendendo a vista pelo espaço fora.

Ele também se casaria com uma mulher assim delicada, mimosa, se fosse um homem, não um animal a viver onde o haviam atirado, no monturo!

Teria uma família, a quem amasse, uns filhinhos risonhos e adoráveis, uma esposa extremosa e honesta, se tivesse um nome.

Um nome... o sineiro pensou alguns minutos nisso, depois abriu a boca num bocejo longo e espreguiçou-se à vontade.

Ia descer quando lhe gritaram de baixo que tocasse a finados: entrava o caixão de uma senhora.

O sineiro obedeceu.

Os sons do sino pesaram lúgubres no espaço, tristes como os ais de quem sofre muito, muito!

A cada badalada, pensava o sineiro consigo:

— Quem sabe? talvez seja minha mãe!

Por fim, tudo recaiu no silêncio. Meia dúzia de pessoas atravessaram o adro carregando o caixão, onde numa grinalda roxa fulgia em letras de ouro a palavra SAUDADE.

— Quando eu morrer — pensou o sineiro —, ninguém se lembrará de mim... ora! — E com um movimento indiferente, pôs-se a cantarolar com a voz enrouquecida pelo abuso do álcool. Acendeu um fósforo, resguardando-o do vento com a mão, pôs lume ao cigarro, vestiu o casaco de diagonal havana, já roto nos cotovelos, enrolou mais no pescoço o lenço de lã cinzenta, tossiu estrondosamente e, pronto, desceu rápido a escada, batendo com os grossos sapatos acalcanhados nos degraus estreitos.

Quando chegou abaixo, a igreja estava vazia.

O sacristão raspava com a unha rente do polegar a cera pingada na sua roupa preta, resmungando coisas que não eram com certeza orações.

— Olá, pequeno! — bradou-lhe o sineiro. — O senhor vigário já foi?

— Já, sim — respondeu com mau modo o sacristão.

— E o que ficas aí a fazer, ó, tu?

— Ó, tu?! Dobre a língua, hein?, senão... — E levantando o braço mostrou o pau comprido do apagador, ali ao pé, ao lado de um dos altares laterais.

— Querem ver que o diabo do rapaz escorropichou o vinho do padre? Malandro!

— Malandro é ele!

O sineiro, rindo-se da cólera do sacristão, atirou-lhe por cima do ombro um:

— Adeus, pateta! — E, voltando costas, saiu.

Morava perto, numa casa úmida, baixa, escura, deitando sobre um quintalzinho porco, cheio de garrafas quebradas e de lixo.

Esperava-o um companheiro de jogo, saído havia pouco da cadeia por vagabundo e desordeiro.

Sentaram-se ambos a conversar perto da mesa de pinho, coberta de nódoas escuras, mal equilibrada num caixote velho. Acomodou-se um deles num mocho³¹, outro numa cadeira desconjuntada. Pela porta aberta, entrava obliquamente uma coluna de sol polvilhando de ouro uma faixa do espaço iluminado.

No meio de uns trapos imundos, amontoados a um canto, revolvía-se um cão malhado, tentando apanhar moscas com os dentes; mais adiante, um gato magro dava pinotes esforçando-se por alcançar a ponta de um *cache-nez*³² de lã roxa, que estava pendurado aos pés da cama.

Pregadas nas paredes sujas, com quatro tachas grosseiras, davam pasto às aranhas umas estampas coloridas, já

³¹ Assento sem braços nem encosto

³² Cachecol

amarrotadas, trazidas da sacristia num dia de limpeza; numa prateleira tosca, havia duas canecas de louça azul rachadas e sem asa, e uma coleção de botijas.

O sineiro tirou duma caixa de charutos o baralho ensebado e deitou-o sobre a mesa. Enquanto o parceiro embaralhava as cartas para a bisca, foi ele buscar as canecas e o garrafão.

Tudo arranjado, sentou-se outra vez no mocho e, impelindo para trás o chapéu, começou a jogar. Interrompiam-se a miúdo para beber um vinho espesso, negro, pesado, insalubre. Depois contaram histórias rindo muito, já com a voz arrastada, até que adormeceram sobre a mesa.

Que importa? Se só às Ave Marias teria o sineiro de subir à torre para tanger o sino com essas badaladas, que derramam uma melancolia vaga, doce, cheia de unção religiosa nas almas que as escutam; que fazem ao aldeão honesto e crente tirar, respeitoso, o chapéu; às mães, oferecer aos seus filhinhos o colo agasalhador e terno; à namorada, abandonar o trabalho e pensar rezando no amante ausente, a quem chegarão, talvez como uns soluços saudosos, de quebrada em quebrada, ou através a serenidade dos campos, aquelas vozes dolentes.

Então como que se aniquila a natureza. É a hora da paz, do sossego, da mansidão das coisas e dos seres.

Por isso na aldeia essas badaladas não nos parecem vibradas por mão humana, nem produzidas pelo simples contato do metal.

São como que uns suspiros do declinar do dia...

Rio de Janeiro, 1885

PIÈRRETTE

A ALICE LOPES

Pièrrette, Pièrrette! ouvia eu gritar quando passava.

Tilintavam-me os guizos do vestido num repenicado sonoro, atraindo sobre mim todos os olhares.

Decididamente, dizia eu comigo, a mamãe fez mal em pôr-me nesta *toilette*. Jesus! estou com uma vergonha!

E encolhia-me toda fazendo-me ainda mais pequenina do que sou.

O baile da baronesa estava bonito, isso estava. Havia lá tanta fantasia original...

Logo ao entrar, estremeci ofuscada e subiu-me o calor ao rosto de tímida que fiquei. Parecia-me que, através da meia máscara de veludo, viam a minha fronte morena, os meus olhos, verdes como as águas do mar em dias sombrios, o meu narizinho arrebitado, e que todos me criticavam cochichando baixinho; e quanto mais apressava o passo em busca de um cantinho ignorado, onde me escondesse, mais tilintavam os guizos numas risadinhas bulhentas e infernais, que chamavam a atenção de toda a gente.

Que vergonha!!

Também sair uma pobre menina do colégio de Itu, e ser logo de fantasia o primeiro baile a que vai!

Eu nunca imaginara coisa tão bonita. O salão era interminável, cheio de flores, pirâmides de rosas e margaridas, luzes em globos amarelos, azuis, vermelhos, cor de opala e lilás; reposteiros bordados a ouro e a matiz, rendas, plumas, perfumes fortes, que me entonteciam, espelhos de alto a baixo, bombons cristalizados em bufetes cobertos de cristais; cintilações estranhas, prismáticas, crispando-se no chão, no ar,

nas paredes, no teto, uma cascata de luz fosforescente em tudo, onde pousasse o olhar.

Aquilo amedrontou-me, tive calafrios, sentia necessidade de apoiar-me em alguém, e passei sozinha por entre uma infinidade de grupos, que riam alegremente.

Ali... era um Fausto conversando baixinho com uma castelã, enquanto Margarida sorria amorosa para Henrique IV!

Acolá, um Dom Basílio levando pelo braço uma pastorinha à Florian; uma *écuyère* dançando com Luiz XVI, e Maria Antonietta com Rouget de Lisle.

Além, uma camponesa russa abraçada com uma polaca, um Mefistófeles seguindo embelezado Ophelia, e Hamlet cortejando uma distinta e elegante japonesa.

E soldados, castelãs, peixeiras, rainhas, pastoras, fidalgas, clérigos, judeus, burgueses, tudo que no mundo existe ou existiu, acotovelava-se nesse salão enorme, cheio de vida e de encantos.

Só eu parecia sozinha! Achavam-me pequena demais talvez e ninguém queria tirar-me para dançar! Oh! se eu tivesse um par... um Pierrot alegre, jovial, espirituoso!

Era bem bom.

Depois de muita investigação, deparei com um lugar; era uma cadeira almofadada, meio oculta entre as cortinas de umas janelas do fundo.

Respirei livremente, e deixei-me cair nela, encostei a cabeça à mão e pus-me a contemplar os ruidosos mascarados, que esperavam o sinal da dona do palácio para descobrirem o rosto.

A pouco e pouco as vozes abaixaram-se, e vibrou no ar o delicado som das rabecas, tocando em surdina a mimosa *Danse ancienne* de Nollet.

Um das damas à Luiz XV deslizavam no elegante minuete.

Do jardim, subia uma bulha confusa, como um brando murmúrio de regato em misteriosa espessura, e eu senti-me tão bem... tão bem... que adormeci.

Sonhei. Vi abeirar-se de mim uma fada vaporosa e lânguida, branca como um floco de neve, triste como um raio de lua; bateu-me no ombro com a sua varinha de condão e disse-me: vem.

Levou-me pelo ar, atravessei a vastidão dos mares cheios de ondas negras, soluçantes: choravam as estrelas lágrimas de luz do fundo azul do céu, e a fada num carro de açucenas, prendendo-me pela cintura, sorria-me docemente.

— Sou a Desventura, disse ela, e vou mostrar-te os meus filhos.

Chegamos a vastos campos quase desertos, vi casas em ruínas e sombras lúgubres.

— Vês? — continuava a fada. — Aqui está a miséria; olha para aquele quadro: um velho beija o cadáver de uma neta, único consolo da sua velhice... Repara para aquele outro: um pai contempla os filhinhos enlaçados e famintos... Ali, chora inconsolável uma mulher, que ficou só no mundo!

E eu pisava destroços, chorando amargamente, e suplicava à fada, branca como a neve e triste como um raio de lua, que me fizesse voltar.

— Quero a minha pátria! — gritava súplice.

— Vamos — disse-me ela, por fim.

Nisto, ouvi um murmúrio brando como a bulha de um regato na floresta, senti baterem-me no braço, acordei; era uma varinha de ouro de uma fada que me despertara; ela ali estava, alva como a neve, mas alegre como um raio de sol!

— Quem é!? — perguntei atônita e estremecendo.

— A Caridade — respondeu-me ela com uma voz de cristal; e estendendo-me uma bolsa de veludo carmesim, concluiu: — Esmola para as vítimas dos terremotos de Espanha.

Olhei ao redor deslumbrada!

Meu pai sorria a meu lado e pôs-me na mão as moedas, que uma a uma deixei cair no saco de veludo.

E a Caridade, que era a baronesa, a dona do palácio, continuou na sua peregrinação, enquanto no extremo da sala umas damas gentis, à Luiz XV, deslizavam no airoso minuete vibrado de mansinho nas delicadas cordas dos violinos.

Estas impressões foram-me dadas por uma amiga de quinze anos, que, se não é alva como a neve, é boa como os anjos e alegre como um raio de sol.

Campinas, 1885

O REMORSO DA VISCONDESSA

A LUIZ GONÇALVES

A viscondessa era tida como uma senhora de espírito. Apesar de míope, nada escapava à sua perspicaz e fina observação. Era mesmo o que se pode chamar uma mulher superior.

Casara-se por despeito; logo, o amor não tivera o trabalho de intervir nessa aliança. De resto, a esposa que ama, afiançava ela, torna-se escrava do marido, enquanto uma que se casou por... por casar-se enfim, conserva sempre a sua independência.

O visconde era homem político, passava horas inteiras no seu escritório, inventando todas as possibilidades de vir a ser ministro.

Tinham uma filha, morena, viva, alegre, volúvel, espelho onde inteira se refletia a alma da mãe. Apontando essa menina buliçosa, perguntou um dia à viscondessa uma velha amiga sua:

— O que tencionas fazer da tua Judith?

— Que pergunta! Uma senhora adorável, alegre, gentil, feliz.

— Isso por força; o que pergunto é se lhe darás agora uma perceptora estrangeira, ou se a meterás num colégio; ela já tem quase dez anos e...

— E não lhe dou nem uma nem outra coisa.

— Oh! Viscondessa!

— Escuta, Eugenia: convence-te de que a mulher não deve ser instruída se quiser ser venturosa. Foste sempre muito romanesca, eu tenho o espírito mais prático e falo, portanto, com toda a autoridade. Estou com quarenta anos quase;

tenho pensado, visto muito, e crê que as poucas mulheres verdadeiramente felizes que encontrei, não são inteligentes. Nota bem: uma menina de grande instrução será invejada pelas outras e sofrerá as consequências de mil rivalidades, que, mesmo por serem rasteiras e pequeninas, fá-la-ão perder a paciência um dia. Será temida por uns e ridicularizada por muitos. Se eu ampliar o espírito da minha Judith num requintado apuro, ela não abafará com certeza os seus pensamentos, procurará manifestá-los, e terei assim o desgosto de vê-la... escritora, por exemplo.

— Desgosto?!

— Sim. Há um pronunciado horror pelas *bas bleus*³³, bem sabes. Eu, por mim, detesto-as.

— Tu!

— Não tanto como os homens. Se minha filha fosse escritora, quem se lembraria de casar com ela? Ninguém! E não ignoras que só no casamento está o verdadeiro futuro da mulher. Se eu pudesse viver muito e ter sempre comigo o meu tesouro... — concluiu a viscondessa passando os dedos por entre os negros cabelos da sua amada Judith.

— Mas — tornou-lhe a amiga —, se ela manifestar talento para as artes, a escultura, a pintura?

— Tá... tá... tá! nada disso! Os artistas não são felizes. Sempre ouvi dizer que as melhores inspirações são as que brotam da tristeza, e eu, entre um quadro ruim e uma valsa, não vacilo.

— Não entendo.

— Eu me explico. Se minha filha for, como quero, feliz, terá o seu pensamento absorto na própria felicidade e

³³ A expressão *bas-bleu* apareceu no Século XIX para designar uma mulher de letras. O termo rapidamente assumiu uma conotação pejorativa: mulher pedante com fumos de literata.

trabalhará por mero capricho, muito imperfeitamente, portanto; porém, se se entusiasmar, perderá horas de sono e de alegria, será ambiciosa, sedenta de glórias, e, como isso não se alcança com facilidade, terá que chorar amargos desenganos.

— Pensas erradamente. Sou pobre, melhor do que ninguém o sabes, pois juro-te que hei de lutar aferradamente para instruir minha filha. Santo Deus! Quanta mulher ignorante vive isolada e arrepelando-se por não ter a compensação do saber! Não faças tão mau conceito dos homens! E, antes de tudo, imagina que a mulher instruída não vacilará, não sucumbirá se um dia se vir só! Depois, a tua Judith está numa posição muito alta para não ser censurada se for ignorante.

— Oh! mas Judith será atraente, vestirá bem, montará bem, cantará romances... que mal faz! Aparentará educação brilhante, que tem espírito para isso; fará impressão nas salas, que é afinal o que mais seduz as mulheres. Não a constranjo, pois, aprenda o que quiser aprender, sem fadiga nem sacrifício.

— Bem, não falemos mais nisso.

E não falaram. Eugenia, viúva de um advogado pobre, retirou-se o mais que pôde da sociedade, tendo o cuidado extremo de ensinar à sua loira Amelia tudo o que podia. O tempo passou rápido para a viscondessa, que, entretendo espirituosamente relações, não perdia bailes, concertos, saraus, tudo onde se distraísse. A sua Judith acompanhava-a sempre. O trato da sociedade é o melhor mestre, dizia ela à filha, que aprovava contente estas palavras. Judith cresceu. Era a imagem da mãe: baixinha, trigueira, mimosa, olhos aveludados, boca pequena; um encanto. Por isso não se admiraram quando um dia a foram pedir em casamento. Era um rapaz rico e elegante, excelente! Judith casou-se.

Foi o primeiro dia de dor para a viscondessa. Via a filha tão alegre no seu vestido de noivado, tão despreocupada, tão bem, e sentia o coração apertar-se-lhe a mais e mais, e fugia da sala para que não lhe notassem a comoção.

Eugenia e Amelia procuravam consolá-la um pouco. Finda a cerimônia, a noiva partiu, e a viscondessa desatou a chorar.

Haviam decorrido quatro anos. Amelia perdera a sua terna mãe dias depois do casamento da amiga, e pediu, invocando toda a sua coragem, uma recomendação da viscondessa. Via-se só, desejava entrar como educadora para a casa de alguma boa família. Foi satisfeito o pedido. A mestra tinha-se habituado já ao plácido viver da província, era da província a família que a tinha acolhido, quando recebeu um dia este bilhete:

Boa Amelia.

Em vez de ensinar crianças, venha consolar uma velha. Estou só. Judith tem tantas preocupações, que me não pode dispensar o seu tempo. Conversaremos aqui. Sua amiga

Mathilde

A viscondessa assinava com o seu nome próprio. Amelia entristeceu-se lendo aquela carta. Ia responder que, não tendo concluído ainda a educação das discípulas, não sairia da casa onde tantas atenções lhe eram dadas, mas refletiu: “A viscondessa era amiga de minha mãe... Vou!”

E foi.

A viscondessa estava doente, nervosa, triste. Amelia procurava amenizar-lhe o espírito; ora tocava uma música,

que lhe trouxesse uma recordação agradável, ora lia, ora obrigava-a a fazer um pequenino passeio dando-lhe carinhosamente o braço. Uma noite, sentadas ambas ao pé da mesa, conversavam. A luz batia sobre a cabeça de Amélia, pondo uns reflexos fugitivos nos seus cabelos loiros. A viscondessa sorria ouvindo pela milésima vez falar a sua companheira da maneira deliciosa por que passava os serões no tempo da mãe.

— Olhe, senhora viscondessa, dizia, ficávamos as duas bem juntinhas; ela bordava, eu lia alto e estudava, era tão bom! Com que paciência me ensinou! Que santa que ela era... Se há coisa que me pareça impossível é não ter eu morrido quando morreu a sua boa amiga...

E levava a tecer elogios à finada, enquanto a viscondessa dizia para si: “Como deve ser feliz a mãe que é amada assim!”

Uns passos ligeiros interromperam as palavras saudosas de Amélia; a porta do corredor impelida com força abriu-se de par em par, e a figurinha nervosa de Judith apareceu no salão. Vinha pálida, os olhos brilhantes, os lábios trêmulos.

— Que é isto?! — perguntou a viscondessa admirada.

— Briguei com meu marido — respondeu Judith atirando para longe de si a manta de rendas pretas.

— Tu?! Por quê? Oh! filha, dize!

— Por uma ninharia, minha mãe... por causa de um vestido! É ridículo? Não sei, é isto!

— Oh! Mas teu marido está a rir-se de ti, criança! Acalma-te, eu vou escrever-lhe, para que venha falar-me.

— É inútil. Não nos veremos mais.

— Isso dizes agora...

— E disse-me ele há pouco...

— O quê?

— Luiz acusou-me de perdulária, supérflua, volúvel; que brinquei com a fortuna deixando-a cair por entre os dedos;

que sou caprichosa e que o fiz muito desgraçado. “Enganaste-me, tu não me amavas, casaste por casar e não me fazes feliz! O amor iludiu-me, pensei dar o meu nome a uma mulher extremosa, e que o casamento tornaria grave, sensata, e dei-o a uma criança estroina, estragada, irremediavelmente estragada por uma educação defeituosa...” Oh! ele disse tudo isto e calei-me... porque ele tem razão!

A viscondessa, gelada, sentia uma dor aguda no peito, como se lhe fincassem um punhal.

Indignada, subiu-lhe o sangue às faces e um tremor abalou-lhe o corpo enfraquecido. Amelia compreendeu-a e, querendo atenuar aquela agitação, beijou-a pensando: “Em nome de minha mãe...”

Àquele beijo terno, a viscondessa pareceu sentir a invocação da alma da amiga, cujos conselhos desprezara sempre; todo o sangue afluíu-lhe pesadamente ao coração e, estendendo os braços à chorosa Judith, murmurou num soluço:

— Perdoa-me!

Rio de Janeiro, 1885

A ESCRAVA

A LUISA DA MOTTA CARDOSO

Tínhamos partido de Campinas, a tranqüila cidade da província de São Paulo, às nove horas da manhã. O dia estava frio; um belo dia de junho, transparente e dourado. Na estrada, as rodas dos *trolys* levantavam uma nuvem de pó avermelhado e fino; sentia-se o aroma sadio das matas aos lados. Quando chegamos à fazenda — Monte Belo — ouvimos gritos de alegria. É que ao bater lá no alto a cancela do pasto, cercado de profundos valos, estendendo-se como um enorme tapete de verdura liso e fofo, a família da casa correu ao alpendre, recebendo amavelmente os hóspedes.

Entramos no grande terreiro ao som dos vivas das crianças e do latido dos cães.

Achávamo-nos em pleno campo paulista. Acabados os primeiros cumprimentos, fomos reparar as nossas *toilettes*. O meu quarto, um pequeno quarto branco, com um lavatório de madeira a um canto, uma cortina de chita salpicada de roxo a tapar os cabides fixos na parede, mesa de cabeceira coberta com crochês e leito à antiga, alto, vestido de novo, tinha uma janela. Divisava-se dali um trecho da paisagem que nos rodeava. Lá embaixo o lago, grande, oval, como uma chapa de metal polido sobre a pelúcia verde do gramado em volta. Na água uns gansos alvos e uns marrecos bravos de penas furta-cores e brilhantes. Além, os campos da pastagem, semeados de animais. Ao fundo, a linha escura da floresta.

Os negros andavam risonhos de um lado para o outro cantarolando e rindo. Era o seu maior dia de festa, a véspera de São João.

A dona da casa passou o dia a fazer doce para a ceia dos escravos; a filha mais velha, a recortar papéis de cores para o capacete de um deles, que devia aparecer de general e para a coroa de outro, que havia de ser o rei.

Deixando-as nessa ocupação, fui com algumas amigas passear a pé. Descemos uma colina sombreada de limeiras e paramos defronte do moinho em descanso. A água passava em borbotões por entre os raios negros da grande roda fixa e silenciosa. Entramos; a mó estava pousada no fundo. Uma quietação pasmosa em tudo! Demos volta e subimos pelo laranjal passando pela grande casa da máquina, fechada e triste. Atravessamos o extensíssimo terreiro de café, cimentado e varrido escrupulosamente e descemos do lado oposto ao moinho, indo ter à casa da Rosalia, a preta velha, guarda do galinheiro ali ao pé.

Ela cosia sentada ao sol, contando histórias a umas crianças pretas também. Ao ver-nos levantou-se e estendendo-nos as mãos postas murmurou o louvado do estilo.

— Olha, Rosalia — disse a filha mais nova do dono da fazenda, que nos acompanhava, vá lá para casa, não fique aqui embaixo, ouviu?

Rosalia curvou tristemente a cabeça e respondeu contrafeita: “Nhá, sim”!

“É singular!” pensava eu comigo, “*A velha mostra preferir ficar aqui, neste isolamento!*”

Seguimos por uma grande rua de bambus cerrados como enormes paredes de verdura e fomos ter à horta. No chão, estendia-se uma renda de sombras das folhas das parreiras e das latadas de maracujá.

As ramas vaporosas dos espargos ondulavam brandamente. Os grandes repolhos de um verde-azulado erguiam as cabeças redondas e duras de entre as largas folhas

arroxeadas das beterrabas. Pendiam carregadas as hastes dos guandos. Da horta passamos ao jardim, atravessando pelas ruas de jasmims do Cabo e pelos canteiros gramados, onde se destacavam alegremente as grandes rosas vermelhas e os buquês azuis das hortênsias. Entramos de novo em casa, e uma hora depois, sentávamo-nos à mesa do jantar.

Quando nos levantamos, era quase noite. Os negros dançavam lá fora acompanhados pelas pancadas surdas do batuque. No terraço, ao fundo, estava já posta a sua grande ceia. Cessou então a dança e começaram os brindes. Os arrojados romperam nos mais bestialógicos discursos que imaginar se possam. Os menos afoitos e mais delicados partiam à faca, espetando com o garfo, o pão no prato. Outros, mais filósofos, comiam vorazmente sem se perturbarem com aquele cenário tão extraordinário para eles, e ainda outros, depois de terem saboreado doces de ovos, de leite ou de batata em cálices, aceitavam umas empadas de galinha ou um bocado de leitão. Alguns recitavam versos, e faziam saúdes cantadas; raros eram os que se deixavam em silêncio.

Mas onde estava a Rosalia, que por ninguém foi vista?

Acabou-se a ceia, e saíram todos sem pensar na velha! Voltaram para a dança ao ar livre, iluminada pelas labaredas avermelhadas das fogueiras, onde as crianças assavam canas e carás. Os parentes e convidados da casa jogavam e dançavam nas salas. Eu preferi debruçar-me na grade de madeira da varanda fora, apesar do frio, a ver dançar os negros. Eles possessos, cantando numa toada melancólica, executando as mais extravagantes posições, desenhavam-se como sombras fantásticas no clarão avermelhado das luzes. As mucamas requebravam-se, inclinando sobre o ombro a cabeça bem penteada de carapinha fofa, enfeitada de borboletas e de estrelas de aço, e levantando de vez em quando os braços

arqueadamente. Depois saíam os pajens, dançando com uns passos miudinhos, de calcanhares quase unidos, recuando, avançando e torcendo, para acabar, o corpo numa volta rápida; os outros paravam fazendo circo e rompiam depois em saltos e cabriolas.

“*E são homens! Santo Deus!*” pensava eu contemplando esses vultos negros, nervosos, que se cruzavam nas mais absurdas reviravoltas, com uma alegria brutal. Cansada, retirei-me para dentro. Passei pelo corredor e ia atravessando a saleta de estudo das meninas, a mais solitária, quando notei a um canto uma rede vazia. Deitei-me nela.

A pouco e pouco os olhos foram-se habituando à meia claridade desse quarto silencioso. De repente, ouvi um suspiro débil como o de uma criança adormecida, voltei a cabeça e vi sentada encolhidamente no chão uma negra velha, a Rosalia.

Perguntei-lhe por que não se reunia aos seus, dançando ou vendo dançar os outros.

Ela aproximou-se e disse com voz chorosa:

— Ah! Sinhazinha, eu não posso ver o samba...

— Mas, por quê?

Os olhinhos avermelhados da negra brilharam na escuridão. Ouvi-lhe a respiração ofegante. Por fim contou-me ao seu modo, naquela linguagem meio africana, impossível de reproduzir, e sem frases de estilo, numa simplicidade comovente, que me ia diretamente ao coração, que o seu único filho, o Vicente, que tinha sido a flor dos pajens da fazenda e que dançava como ninguém... morrera-lhe, e de que morte!... Desde então, fazia-lhe mal, a ela, ouvir cantar e ver dançar os negros...

Um dia, acompanhara Vicente o senhor à cidade, e de volta para casa partiu da floresta um tiro, que o deitou do cavalo abaixo; o assassino errara o alvo. O dono da fazenda

chegou pálido e a todo o galope a Monte Belo, dando ordem para que fossem buscar o cadáver do pajem... Rosalia, com os braços no ar e a lamentar-se aos gritos, atravessou correndo os campos, indo encontrar o seu filho estirado na estrada; já o não ouviu respirar, estava morto! Os parceiros vieram e deitaram-no numa rede. A mãe caminhava atrás, pisando o sangue que se estendia como rasto caindo gota a gota... do corpo de Vicente.

Rosalia calou-se, e eu parecia-me vê-la nessa tarde de outono, bela e ligeiramente fria, de uma claridade suave e doce, a seguir sem apoio o cadáver do filho, pisando descalça a longa fita vermelha de seu próprio sangue!

O batuque continuava lá fora com o mesmo ardor, sentia-se o crepitar das fogueiras, o alegre rumor das vozes... Rosalia levantou-se e pôs-se a embalar-me a rede até que adormeci...

Lisboa, 1887

MEMÓRIAS DE UM LEQUE

A VIRGÍNIA GOMES LEITÃO

Um dia, ao abrir uma gaveta de objetos desprezados há muito, a velha condessa deparou-se com um leque, amarrotado e triste, de cor já duvidosa e lânguida. Parou a olhar para ele, tomou-o depois nas mãos enrugadas, e, encostando-se mais na almofada da cadeira, ficou-se cismativa a ver se se recordava da época em que o comprara. Tê-la-iam presenteado com ele? Positivamente a sua memória enfraquecida não a auxiliava, e a condessa, cuidando que investigava o passado, adormecia.

O leque então moveu-se, descaindo-lhe das mãos inertes sobre o estofo de seda do vestido preto, e baixinho, principiou serenamente a sua história.

“Só quem vive na nossa intimidade pode avaliar-nos o mérito, o espírito, a inteligente graciosidade, quando temos a ventura de cair em mãos que nos compreendem, que nos dão em meneios gentis a participação de sentimentos íntimos, que nos sabem fazer intérpretes dessa linguagem *coquette*, em que a menor das nossas ondulações é um luminoso rastro de reticências encantadoras.

Eu tinha um medo doido, no pouco tempo que vivi exposto em posição pretensiosa e firme, de ir parar nas mãos indiferentes de qualquer burguesa. Hoje, velho, inválido, esquecido, rio-me dessas veleidades, lamentando-as até! O meu almejo, o sonho brilhante que me acalentava era ser de uma mulher nova, bela elegante, branca como a neve imaculada das montanhas, perfumada como os lírios das grutas musgosas e sombrias, risonha e fresca como uma alvorada, mimosa e doidejante como um colibri! Queria

descansar num quarto guarnecido de sedas e pinturas, descobrir segredos inocentes ou maliciosos, dormir entre as finas dobras da mantilha de rendas deixada sobre o mármore cor de opala de um toucador.

Por isso, no dia em que, entre todos os meus companheiros, fui escolhido por uma senhora bonita e moça, experimentei um delicioso e inexplicável prazer! Era levado em mãos irrepreensivelmente enluvadas, dentro de um coupé magnífico, sentia um não sei quê, uma sensação indefinível de orgulho e de alegria, um desejo de chegar ao termo da viagem, de observar o meu novo domicílio. Cheguei e vi que toda a minha aspiração se realizava. O que me rodeava era deslumbrante de riqueza e de gosto.

Vivi dois dias preguiçosos, deitado sobre o cetim acolchoado de uma caixa a rever-me no espelho que lhe forrava a tampa. Vendo a minha imagem, fiquei satisfeito comigo mesmo e preparei-me para entrar em cena, pronto para toda a espécie de aventuras.

Quando fui arrancado daquele *dolce far niente*³⁴, comecei num exercício vivo e alegre. Fui feliz; choviam sobre mim os elogios; e sobre a minha dona, frases lisonjeiras. Eu, com a minha perspicácia de leque travesso, desconfiava de tantas amabilidades e vingava-me rindo umas gargalhadas francas, em que cada uma das minhas varetas cantava uma nota à proporção que a mãozinha nervosa de Amelia abria-me e fechava-me com indolência ou rapidez.

De todos os trechos dessas cenas de galanteio em que me empregava, o mais do meu gosto era positivamente aquele em que Amelia me punha em contato com as suas faces, que ousei comparar ao meu cetim, por terem a mesma maciez e a mesma cor de rosa fina e pálida. Ali eu sentia-lhe o calor da

³⁴ locução substantivo: Ócio prazeroso e relaxante.

respiração e via-lhe bem de perto o fulgor deslumbrante dos olhos.

Quantas e quantas vezes servi de anteparo a olhares importunos! Quantas e quantas vezes cobri, como uma asa benévola, palavras indiscretas, sorrisos amorosos!

Uma noite, levou-me Amelia ao teatro. Nunca a vi tão graciosa, tão amável, tão bonita. Num dos intervalos do drama, subiu ao nosso camarote um rapaz alto e elegante que, depois de ter dito muita coisa lisonjeira com certa intimidade, notou a minha singeleza.

— É o que me desagrada! — exclamou a minha adorada *coquette*. — Desejava antes ver pintada sobre este pano, alguma coisa que me servisse de pretexto a um olhar, quando quisesse desviar a atenção de qualquer ponto.

— Se Vossa Excelência consentir, encarregar-me-ei de desenhar nele um pensamento... uma fantasia...

Amelia sorriu agradecendo com um olhar longo e doce, eu... estremeçi!

Temí que a minha placidez, comparável à serenidade dos lagos quando, nas madrugadas quentes, refletem o rosicler do céu, fosse transformada barbaramente numa confusão fantástica de flores chinesas, de coloridos flamantes, carregados, feitiços grotescos e impossíveis.

No dia seguinte, fui, na caixa de veludo acolchoada, para casa do pintor.

Ele, o artista, ao receber-me, comovido, aspirou inebriado o meu aroma e apertou-me contra o coração.

Espantou-me aquele excesso de ternura. Compreendi então, por aquele movimento espontâneo num lugar solitário, que o amor não era o que eu julgava!

O coração de Amelia segredara-me que se amava na vida a muitos homens, simultaneamente, conforme qualquer pretexto melindroso ou fútil; o coração do artista disse-me o

contrário: que toda a vida era pouca para se amar uma pessoa só.

Depois de um instante de indecisão, o apaixonado pela minha senhora e dona abriu-me, colocou-me sobre uma mesa com o cuidado de quem espeta uma borboleta, temendo ofender-lhe as asas. Ia principiar o desenho quando entrou no quarto um velho que, rindo da puerilidade da tela, participou-lhe que se ia casar...

— Veja o amigo, dizia o conde torcendo o bigode branco, há uma pequena que deseja ser condessa e, como eu gosto dela, aproveito a pretensão. — E ria-se contente. Depois chegando-se mais perto e batendo-lhe familiarmente no braço pronunciou o nome da noiva. O meu pintor, fechando-me convulso, fez-se pálido.

Era o teu nome, Amelia!

Dias depois, voltei. A noiva conversava ao lado do piano, com uma amiga. Ouvi-lhe repetidas vezes dizer: “Quando eu for condessa...” antes de me tirar do meu esquisitezinho aveludado.

— Que pintura imaginas que ele fez?

— Uma figura representando a traição...

— Qual!...

— Um cupido a chorar sobre um ramo de saudades...

— Não seja mazinha, senhora condessa... — disse-lhe maliciosamente a amiga. — Vá, abra o leque.

E, as mãos de Amelia, sem a mais leve agitação de remorso, abriram-me vagarosamente.

Ouvi um gritinho de surpresa, uma exclamação de prazer. É que Amelia reconhecera numa esplêndida cabeça de mulher, meio encoberta por um tênue véu branco, o seu retrato nítido, perfeito!

Passaram-se dias, muitos dias de bulício e de alegria. Chegou a tarde do casamento. Minutos antes de se ajoelhar

aos pés do altar, foi a mesma desvelada confidente de Amelia, dizer-lhe que o seu adorador e desprezado artista morreria nessa manhã.

Eu comtemplei aquela cena, sobre o mármore cor de opala do toucador, meio envolto num lenço de rendas de Inglaterra, ao lado dumas rosas muito abertas, mostrando o miolo vermelho-escuro, como o sangue pisado de um coração doente...

Correram o reposteiro do *boudoir* para a capela.

Cercada de amigas, Amelia caminhou para a sala onde a esperava o noivo.

Houve um instante de silêncio. Depois, os sons do órgão repercutiram-se pelo aposento.

Quando se concluiu a cerimônia, eu, estremecendo, caí no chão onde senti que se estalavam as minhas delicadas varetas.

A condessa acordou sobressaltada com a bulha quase silenciosa do seu leque, que, resvalando pelo vestido, tinha-lhe tombado aos pés... Ergueu-o e, demorando nele um olhar umedecido e triste, reconstruiu, graças ao sonho, todo o seu passado.

Campinas, 1883

O TRIBUNAL

MINIATURA

Estava aberta a sessão.

Tratava-se de um medonho crime, de um infanticídio... um horror!

Eu, que estremeço às narrações sombrias, em que se cruzem voos de morcegos e piar de mochos, que tenho aversão às absurdas criações das fantasias tétricas, abertos túmulos onde rangem ossos, dormem felizes os sapos e passeiam impunes os répteis viscosos numa temperatura geladamente úmida, eu, que adoro os espíritos alegres como os ninhos das toutinegras e o coração das crianças, que me enlevo pelas manhãs de sol e de perfumes, pela passarada gorjeando os seus rendilhados trilhos, notas nítidas que nos caem n'alma cristalinamente como as gotas de orvalho nas pétalas de uma flor, eu, eu mesma, tracei essa negra e bárbara palavra — infanticídio — sem que a indignação me colorisse as faces ou o pavor me enregelasse as mãos.

O mais hediondo dos crimes tinha sido perpetrado. Matar uma criança é... deixemo-nos de dissertações.

Estava aberta a sessão.

Para dar mais solenidade ao ato, cerraram a veneziana, mas o sol, curioso como um bom repórter, penetrava pela fresta da janela e estendia no chão uma coluna luminosa e oblíqua, que acabava majestosamente junto à cortada cabeça da morta, pondo-lhe uns tons fulvos e mordentes na revolta cabeleira loira, beijando-lhe, como se tentasse reanimá-las, as faces ainda cor-de-rosa, dando um ardor estranho e vivo às dilatadas pupilas azuis, que, numa imobilidade vítrea, deixavam sondar-se pela luz; olhos sem névoas, sem sombras,

transparentes, limpos como os lagos pequenos nas serenas manhãs de primavera.

E a luminosa columela, cortando o recinto sombrio como um raio que se imobilizasse no espaço numa agreste noite de tempestade, o raio do remorso na negra consciência de um crime, estendia-se triunfante para sustentar vitoriosamente essa mimosa cabeça infantil, flor desprendida do tronco e que parecia ainda cheia de orvalho matutino...

Os grandes heróis das grandes revoluções! Vós nunca tivestes um pilar assim, feito de sol!

Há trevas densíssimas na fria e pavorosa história deste crime: quem matara a criança fora a mãe!

A ré, a infame, a indigna, fixava, ora o rutilo pedestal, ora o severo rosto do juiz, que, de pé, sustentando com altivez uns grandes óculos, lia o processo, grave, firme e correto na sua grande toga.

Ao lado esquerdo, o advogado da defesa, republicano exaltado, caráter audaz, ardente e impetuoso, torcia-se de impaciência, esperando a sua vez de falar e de pôr tudo em pratos limpos.

À direita, estava o promotor, frio, com o sobrolho franzido, braços cruzados e lábio arregaçado, sorriso de ironia, cortante, mau.

Ao fundo, os jurados, com as mãos gordas espalmadas nos joelhos, a boca aberta e os olhos arregalados, pasmavam de ver aquela mãe, tão bonita! que ali estava sentada, em frente ao mutilado cadáver da filha, vendo-lhe o tronco sem membros e os membros espalhados, sem que ao menos uma lágrima viesse turvar a calma superfície dos seus olhos negros.

Teve primeiro a palavra o acusador.

— Senhores! — disse ele, levantando-se e cumprimentando o auditório com voz moderada e num tom frio e seco: — A mãe que mata o filho... deve morrer.

— Não apoiado! — gritou o defensor, fazendo com um gesto e com a voz vibrante e clara um rasgão azul no nebuloso tom do acusador.

— Silêncio! — ordenou o juiz.

Ouviu-se um fraco gemido da ré.

O promotor continuou vagaroso, geladamente:

— Quereis saber como aquela fera realizou o crime? Eu conto.

Fez pausa, bebeu dois goles de água, passou e repassou o lenço pelos lábios e, sacudindo a cabeça com desprezo, disse:

— Aquilo não é mãe... É uma infame; matou a filha, que a estremecia, degolou-a, arrancou-lhe as pernas e os braços! — E, cheio de imponência, repetiu: — Deve morrer, para que não continue a matar os filhos, vidas mais preciosas do que a sua!

Os jurados estendiam o pescoço, atônitos, e ele, o acusador, seguiu com lágrimas na voz:

— A bárbara matou a filha, porque a desgraçadinha era órfã, não tinha um pai que a defendesse!...

Era demais!

— Mentira! — rugiu então o defensor, saltando para o centro da sala e batendo resolutamente no peito. — Porque o pai... sou eu!

Abriu-se a porta, e uma rapariga com uma ruma de bibes veio chamar os meninos para jantar. Eles precipitaram-se pelo corredor.

Aquelas palavras — para a mesa — calaram-se-lhes as consciências.

A boa mulher, pacientemente, apanhou o roupão que servira de toga, os óculos da senhora, os papeis espalhados,

arrumou as cadeiras, abriu as janelas e saiu levando ao colo um dos jurados, que ficara adormecido numa cadeira de braços.

Entretanto, uma gatinha, olhando filosoficamente para o abandonado busto da boneca, decidiu-se a levá-la para *joujou*³⁵ dos filhos; e essa loira cabeça, que pedia um patíbulo, rolará afinal de um telhado.

Campinas, 1884

³⁵ Brinquedo

CONFESSOR E PENITENTE

MINIATURA

— Olha, menina, que o senhor vigário já está no confessionário — resmungou impaciente uma beata ao ouvido da filha.

A avisada benzeu-se à pressa, levantou-se e dirigiu-se nervosa e pálida para essa guarita feita de... escusam-se descrições; o que é certo é que o padre já lá estava com as suas mãos brancas, pequenas e finas cruzadas sobre o ventre grande, os olhos castanhos erguidos numa expressão seráfica para o teto, movendo continuamente os lábios numa orações, que a devota imaginava puras e que ele tinha suas razões para classificar de diverso modo.

O vigário tinha a aparência feliz da gente gorda. Era um homem bonito, robusto, são. Inteligente era ele, e também mais esperto não conheço ninguém. Era desses que têm o pacato aspecto de um santo, mas que levam maciamente a água ao seu moinho, que, em passo miúdo andam milhas numa hora e que sabem astutamente tecer redes de intrigas com mãos alheias e chuchar os presentes das ovelhas; era desses que vivem imersos num bem-estar delicioso e que morrem serena, santamente no seu leito como o abade de Alcobaça do monge de Cister.

A penitente era uma criaturinha franzina e doce, toda envolta numa mantilha preta, toda medrosa e trêmula. Mal se lhe via o rosto; unicamente as mãozinhas, contritamente postas, sobressaíam do negror do traje com uma palidez marmórea...

Na sua consciência, havia um peso enorme! Ela necessariamente queria aliviar-se dele; para isso, um meio: a confissão.

Desejava a sua vida mansa e justa: ia se casar. A responsabilidade moral desse ato avaliava-a ela; jurava ser uma esposa dedicada e uma mãe exemplar. Ia mais longe: queria fazer a sua época tão bela, que ainda servisse de exemplo aos seus últimos descendentes, sendo assim abençoada até... “*de ceux qui appelleront ce temps le temps antique*”³⁶ como diz Michelet.

Quando se ajoelhou aos pés do padre, ordenou-lhe este:

— Reze.

Ela rezou.

Finda a oração, ele aproximou o ouvido do rosto da penitente, e ela murmurou misteriosamente e num soluço:

— Senhor vigário, tenho pecados negros!

O padre sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha!

Tentou sondar com o olhar o espesso véu da pecadora contrita, e fez-lhe sinal de prosseguir.

O sol brincava alegremente nos vidros das janelas. A manhã estava quente. Um besouro, que entrara em busca de frescura, andava pelo ar acompanhando com o seu zum-zum impertinente a monótona oração resmungada pela velha beata, que ajoelhada a um canto, batia estrondosamente no peito.

A confessada conservava-se calada.

— Então, filha, fale, fale! — instou o padre.

Ela começou com voz melodiosa, mas confusa:

— Senhor... eu cometi... um roubo!

O vigário abriu a boca e rolou os olhos nas órbitas.

³⁶ Do francês: daqueles que chamarão este tempo de antigamente.

— Misericórdia, meu Deus! — exclamou. Depois, abaixando a voz: — E o que roubou?

Ela torceu as mãos, e levando o lenço aos olhos, implorou perdão.

— Mais tarde! — respondeu ele friamente — Se o merecerdes... Contai-me claramente o vosso crime.

Recomeçou ela então com mais afoiteza:

— Vou casar-me... quero entrar na minha nova vida cheia de confiança em mim... por isso venho lavar a minha consciência neste sacrifício, porque... custa-me muito a confessar!

O vigário não gostava de muitas palavras; impacientou-se.

— Sim, sim, já sei; tudo isso eu sei; diga o que roubou, quando e onde, e é quanto basta.

— Pois sim.

A voz da penitente tornou-se firme e sonora. O tom imperativo do confessor chocou-a. Indignada, principiou assim a narração do seu pecado negro:

— Foi anteontem; estávamos todos no terraço; minha tia deu-me a chave da sua gaveta das joias e mandou-me lá buscar... nem já me lembra o quê. Fui; quando ia mesmo dar a volta na fechadura, vi em cima do toucador... oh tentação!... um cofre de cristal cheio de coisas que brilhavam como os anéis de minha mãe; havia ali esmeraldas, pérolas e rubis! Abandonou-me a razão!... Pouco a pouco esvaziei a caixa! Depois fugi para o meu quarto com o fel do remorso na consciência, mas... assim como que um gosto de mel... na boca!

Aclarara-se o mistério! O vigário ergueu-se furibundo e abandonou o confessional, gritando:

— Foste, então, tu que roubaste os meus doces?!

Esquecendo-se do papel que representava, com a lembrança das suas saudosas pastilhas de licor, o Carlinhos deixou cair a almofada que lhe engrandecia o abdômen, e voar a coroa de papel.

Ergueu-se também a penitente, que saiu branca e bela como uma borboleta do casulo, de entre a saia preta e a mantilha da avó. Ela bem sabia a quem roubara, e, para confessar o crime, foi que inventara o tal brinquedo.

O que não supôs, o que nem de leve lhe passou pelo espírito, é que um vigário de oito anos perdoasse tudo, menos... roubarem-lhe os seus doces.

Rio de Janeiro, 1884

Miss WILKENS

A ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA

— *O, dear, no!*

Era o que respondia seca e rapidamente *miss* Wilkens quando Alice, criança nervosa e ousada, lhe perguntava se nunca entrara nos seus sonhos, ou em linguagem menos romanesca e, portanto, mais compreensível para ela, nos seus planos de método de vida, isso que se chama casamento.

Nunca admirou a ninguém a resposta negativa da mestra, o que espantava deveras era o arrojo da pergunta feita em tom todo confidencial e íntimo a uma pessoa que não dava o mínimo direito a ser interrogada, nem a mais leve esperança duma confissão sincera.

Miss Wilkens era o dique da caprichosa fantasia de Alice, barreira de gelo invencível e até certo ponto intolerável. Avara de palavras e de gestos, sorria sem alegria, tratava-a com bondade sem meiguice. Só conhecia exageros duma coisa, a reserva. Vivia para si, movia-se como um autômato, tinha algumas excentricidades, aderências comuns nos caracteres ingleses, e um modo independente e frio como uma lâmina de aço.

À tarde amaciava algum tanto o espinhoso dorso de seu gênio, quando acompanhava, ou antes quando se fazia acompanhar pela discípula, no passeio, que ela dizia de recreio e Alice... de martírio.

Miss Wilkens era uma locomotiva humana, caminhando a toda a pressa, carregada sempre com os livros de que ouviria ler um pouco quando chegadas ao ponto de paragem e sobre que daria explicações precisas.

Com o rosto sombreado pela grande aba do chapéu de palha, imprimindo no solo a forma das suas grossas botas londrinhas e deixando flutuar livre de arregaços a ponta da *polonaise* larga e escura, conduzia a sua companheira num marche-marche britânico, que a fazia ofegante.

Pobre *miss* Wilkens! Mal sabia ela que essa angélica criaturinha, que aí andava a seu lado, chamava-lhe então mentalmente fóssil implacável, e que horas depois, descrevendo-a às amigas, pintava a sua entidade com cores vivas e cruas, talhando-lhe um perfil à semelhança dos velhos ídolos egípcios, e fechando a descrição com esta frase gasta e absurda: “Ela é um mito de chapéu escuro, de óculos e de *spleen*!”³⁷

— Nas ruínas de Pompeia acham-se preciosidades... escavemos o coração de *miss* Wilkens — dizia Alice — para contemplarmos o que se esconde lá dentro... Daí a sua tenacidade quase inverossímil!

Mas os dias sucediam-se aos dias, os meses aos meses e a mestra sempre inalterável, constante até na cor da *toilette*, monótona no trato, cuidando sempre esmeradamente das mãos compridas e macias como cetim, mas de uma força hercúlea; da pele, no que tinha o maior desvelo; e da saúde, que era de ferro.

Uma tarde o passeio foi mais curto. Subiram a montanha e sentaram-se lá em cima numas pedras, gozando a vista calma da paisagem campestre. Dum lado, os muros baixos da

³⁷ Tédio, mau humor e melancolia, geralmente causados por amores não correspondidos ou pela descrença na vida em razão da aproximação da morte, temáticas comuns na poesia ultrarromântica.

chácara, os ramos das laranjeiras vergadas ao peso das frutas e os pessegueiros em flor; do outro, um campo vasto, uma casa cercada de limoeiros, a fumaça que se enovelava pelos ares saindo da chaminé esguia; além uma tropa passando na estrada, uma dourada nuvem de pó e as notas gemedoras das rodas do carro de bois.

O livro desse dia não era, como de costume, um tratado de história natural; por uma circunstância estranha e até hoje incompreensível para Alice, *miss* Wilkens levava em vez dos compêndios de botânica ou de zoologia... um poema d'amores!

Era um livro simples, páginas deliciosamente encantadoras, ingênuas, cheias de sentimento e de meiguice, escritas talvez àquelas mesmas horas em que eram lidas, inspiradas à suave claridade do crepúsculo, nessa branda luz religiosa.

Leu a primeira página, uma poesia pequena, a despedida de um soldado à sua velha mãe... leu a segunda, um poema de mimo, traçado entre sorrisos e lágrimas, leves voos de imaginação serena, perfumes alegres de roseiras e reflexos tristes de luar... O romance era comovente, embora nada original. Uma mulher envelhecida repentinamente ao ver expirar-lhe nos braços o adorado noivo; a dor sofrida com aparente resignação, mas profundo desespero; as visitas ao cemitério, onde sob a ramaria soluçante das árvores as cruzes abriam piedosamente os braços à hera, que subia do fundo da terra a enlaçar-se nelas, como mandada pelos mortos.

Quando soou a última palavra da leitura, *miss* Wilkens estava extremamente pálida, moviam-se-lhe os lábios convulsivamente, nos seus pequenos olhos garços brilhava uma luz nova, a comoção revelava-se enfim naquele corpo de mármore.

Alice vendo-a assim, tomou-lhe as mãos e perguntou com voz meiga e doce:

— Adivinharei a causa dessas lágrimas se lhe disser que li a sua história?

A pergunta foi indelicadamente à meta da indiscrição, mas, ó céus, o que respondeu *miss Wilkens*?...

— *O, my darling, yes!*

Subiu-lhe uma onda de sangue ao rosto, depois veio-lhe o frio sorriso da ironia, afivelou de novo a pesada máscara, mas que importa se aquele “Sim, minha querida” tornava-a transparente?

Nessa noite, *miss Wilkens* tocou mais inspirada os seus romances de Mendelssohn, e Alice ouviu-os mais comovida também. O tempo foi passando sem que tornassem a ler poemas em comum.

Hoje, quando falam a Alice na frieza, na indiferença do coração de uma mulher, vem-lhe subitamente à memória aquela frase espontânea — “*o, my darling, yes!*” — e ri-se.

Campinas, 1884

NUM SERÃO DE MARINHEIROS

A MINHA MÃE

O vapor cortava as tranquilas águas do mar, balançando-se monótono. Ouvia-se a hélice numa cadência rítmica.

Era noite; uma noite quente, serena, bela. No fundo escuro do céu brilhavam as estrelas por entre castelos de nuvens prateadas. A lua, ora velada ora descoberta, inundava de luz o tombadilho. À roda do paquete, a água revolta formava como que um ninho de espuma alva e fosforescente.

O vapor levantara ferro nesse mesmo dia. À proa, os marinheiros narravam aventuras dos seus dias de folguedo em terra. Unicamente um deles tinha lá a família; por isso ao chegar chorara de alegria, vendo de longe as sombras curvas das montanhas, e acenara feliz ao divisar nitidamente a cidade onde nascera, onde deixara um passado na casa em que brincara em pequenito, nas ruas que mais frequentara, na escola, e no túmulo da mãe; mas onde o aguardava também o porvir no sorriso adorado de um filhinho e no amor saudável da esposa. Esse, com os olhos rasos de pranto e os lábios cheios de riso, descrevia a sua chegada ao lar.

Logo que sentira terra firme embaixo dos pés, corra para casa, entrara com o coração trêmulo e a respiração cortada. Do corredor vira a salinha; bem em frente, pela janela aberta, num relance, conhecera as roupinhas do filho penduradas nos galhos secos de uma laranjeira. A mulher estava ali, bem perto, contra a claridade, curvada sobre a tábua de engomar, com as tranças soltas e as mangas arregaçadas. Mal lhe distinguira o perfil incorreto no fundo luminoso do quadro. E a voz do marinheiro grossa e forte tinha umas modulações doces e maviosas ao dizer que aos pés

da mulher, numa esteira, o seu pequenito tentava levantar-se agarrando-se às saias da mãe, até que a esposa, descansando o ferro, voltara-se de frente, curvara-se e tomara nos braços o menino sôfrego. Foi então, ao erguer-se, que os seus olhos se encontraram; ele, de comovido, nem falara nem se movera tampouco!

Abraçaram-se, transportados de alegria, e a criança, então assustada, desatara a chorar.

Contava uma outra história um outro marinheiro. Este tivera as alegrias da taverna, ouvira tocar violão como nunca, e como nunca bebera tão bom vinho! Davam todos o seu contingente para o serão, contando cenas de terra, alegres e aventurosas.

Cansaram-se por fim.

Tomou então a palavra um velho lobo do mar.

Espalhados aqui e acolá, os marinheiros dormiam estendidos uns, que haviam perdido em terra a noite antecedente e fumavam em seus cachimbos outros. Os grumetes³⁸, sentados, segurando os joelhos com as mãos entrançadas, ouviam interessados as histórias do velho, que, sobre um rolo de cabos, com o barrete deitado para trás, narrava episódios da sua vida passada.

— Tive o primeiro desgosto — principiou ele — aos doze anos.

Era grumete num navio de vela, o Veloz.

Puseram-me para ali sem recomendações; por isso também tinha o tratamento de cão sem dono. Como, louvado

³⁸ Grumete é um tipo de aprendiz a bordo, menor de idade, responsável por limpar e ajuda os marinheiros nos diferentes trabalhos.

seja Deus, fui sempre muito estúpido, não me revoltei nem procurei livrar-me do cativeiro.

O capitão era mau homem, severo, ríspido às direitas. Os marujos batiam-me e empurravam para mim todo o serviço. Eu resignava-me a tudo; tinha um gênio desgraçado!

Revoltas de dignidade? Eram coisas que abafava como verdadeiros crimes! Um dia, porém, chegou-se para mim um marinheiro novo, deu-me do seu fumo, tratou-me como igual...

Adorei-o!

Tornamo-nos inseparáveis.

Assim vivíamos, alegres e felizes, quando uma noite, julgando-me adormecido, levantou-se pé ante pé.

Vi-o afastar-se... Esperei por ele muito tempo... Voltou afinal com as mesmas precauções.

Brilhavam-lhe de um modo estranho os olhos... Pôs-se um momento à escuta, olhou à roda, curvou-se, abriu a sua caixa de pinho e depositou nela muitas moedas de ouro.

Assustado, eu não tinha ânimo para falar; mas, compreendendo qualquer coisa terrível, escondi o rosto abafando os soluços. Chorei e chorei muito!

Levantei-me no outro dia, pálido, com os olhos injetados e a cabeça aturdida.

Não podia olhar de frente para o meu amigo, que era, no entanto, a única pessoa caridosa para mim.

Ainda cedo o capitão, desesperado, notou que o haviam roubado.

Chamou toda a gente, interrogou a todos; quando chegou a vez do meu companheiro, eu tremia, arquejava de medo, sustinha-me a custo em pé...

Ele não; completamente calmo, respondeu afirmando a sua inocência.

Notaram a minha perturbação, fizeram-me perguntas sobre perguntas; tentei justificar-me, mas... ora adeus! ninguém me acreditou.

O capitão, enraivecido, mandou ao próprio criminoso que trouxesse a minha roupa... Eu tinha apenas uma trouxinha... E ele obedeceu! Vi-o voltar firme e resoluto, pô-la aos pés do capitão e abri-la.

Os marinheiros em volta olhavam silenciosos. A manhã estava sombria, as águas verdes, um vento gélido, forte, enfunava as velas, fazendo ranger as enxárcias³⁹ e abalar os mastros.

O capitão ordenou a revista, olhando-me com desprezo.

Mais uma vez, obedeceu o *meu único amigo*! Procurou um momento, e de repente, revolvendo mais a roupa, tirou de dentro um punhado de libras.

O miserável, temendo ser descoberto, pusera-as ali, e eu, desgraçado! caí estendido, ouvindo a marinhagem vociferar contra mim!

Estive à morte muitos dias; ainda bem doente, fui expulso no primeiro porto. Felizmente encontrei aí um protetor no médico do hospital.

Vivi dois anos em terra, depois... não sei que atração tinha para mim o mar... voltei. Não me arrependo.

O velho parou e limpou os olhos na manga.

Um dos grumetes perguntou então:

— E o maldito, o traidor, o ladrão, que fim levou?

— Não sei.

— Oh! pois não quis vingar-se, Anselmo?!

³⁹ Conjunto de cabos, manobras e polias que servem para içar, aguentar e manobrar as velas de um navio.

— Como me havia eu de vingar?... Matando-o? Mas não te lembras, desgraçado, que foi ele o primeiro homem que me estendeu a mão?!

Os grumetes calaram-se. O velho, silencioso, deixou cair a cabeça sobre o peito e mergulhou-se em tristes recordações.

Cortando as tranquilas águas do mar, o vapor continuava no mesmo balanço monótono. Ouvia-se unicamente o som da hélice numa cadência rítmica.

Rio de Janeiro, 1885

QUADRO BÍBLICO

E Abrahão disse ao servo:

— Eliezer, vai ao meu país e escolhe aí noiva para Isaac. Não quero para nora uma filha de Canaã. Vai, e traze contigo aquela que deve compartilhar da tenda de meu filho e do seu pão.

O servo obedeceu.

Enquanto o velho orava no campo de Machpelah, onde Sara dormia o último sono tranquilo e doce, Eliezer seguia com os seus dez camelos sobre as areias da estrada de Nahor.

O sol da Arábia punha fogo no chão, no ar, em tudo. As palmeiras, silenciosas, pareciam pintadas no fundo azul do céu, tal era a imobilidade das suas copas estreladas, verde-negro.

Os camelos seguiam-no docilmente, com os pescoços muito arqueados e os olhos imperturbavelmente fixos no espaço adiante.

O cansaço, o calor, a sede, prostravam a comitiva. A estrada, branca, árida, batida de luz, não tinha fim.

E o servo de Abrahão, levantando os grandes olhos negros para a cúpula profundamente azul do firmamento, orou.

O árabe tinha fé, a mesma fé ardente que lhe inspirara o patriarca.

As linhas carregadas do seu rosto trigueiro suavizaram-se no enlevo da oração; a barba preta, pontuda, salientou-se das dobras do albornoiz, que lhe envolvia o corpo, quando, deitando a cabeça para trás, deixou passar pelos lábios grossos, secos, ávidos de fresquidão, a prece da sua alma triste.

Senhor! Que a primeira mulher caritativa, que nos mate a sede, seja a esposa de Isaac! Que ela leve à família de Abraão o mesmo consolador reparo, que ao meu corpo enfebrecido trazer a água, que me oferecer.

Seja a filha de Nahor tão pura como a sombra das palmeiras, que nos dão o óleo santo, imaculada como os lírios do Jordão!

Senhor!...

Chegara finalmente à desejada Mesopotâmia.

Eliezer fez ajoelhar os camelos ao pé de um poço silencioso e esperou.

Pisando descalça a grama amarelecida pelo ardor do sol vinha uma mulher do lugar, nova e bela, tirar água do poço. Trazia o cântaro no ombro, à moda oriental, os braços nus, arqueados; sobre o cabelo escuro, o turbante de largas pontas caindo pelas costas; na cinta, uma faixa arrepanhando a túnica; mais acima, um cordão também unido ao corpo; no pescoço, o colar de sândalo perfumado; nas orelhinhas mimosas, delicadas como duas conchinhas das praias do Mar Vermelho, uns argolões de âmbar.

A gentil rapariga aproximava-se pensativa, destacando-se no fundo violáceo do horizonte, serena, elegantemente.

Chegada à fonte, descansou na borda o cântaro e, embrenhada ainda na floresta de seus pensamentos, floresta de jasmineiros em flor, olhava sem atenção para as folhinhas de avenca nascida nas paredes interiores e úmidas do poço.

Pensava talvez no amor, nos suspiros que lhe levantavam o peito e lhe perturbavam o sono, no amor que se lhe anunciava em sonhos abalando-a toda e que não compreendia. Pouco tempo assim esteve; depois, curvando-se

resoluta para a água, puxou com as mãos nervosas a corda para cima, e o balde subiu. Encheu o cântaro e voltava-se para seguir o caminho de casa, quando o sequioso Eliezer, parando em frente, pediu que lhe matasse a sede. Ela desceu do ombro o vaso e, pousando-o sobre o braço esquerdo, impeliu-o com a outra mão até a boca do árabe.

Ele bebeu, bebeu sofregamente.

— Os teus camelos têm sede — disse ela, e levou também água aos animais.

Nos camelos ajazados com metal fino e cores vistosas partia a noiva de Isaac e a sua comitiva; as donzelas do lugar davam-lhe flores; e os parentes, bênçãos. Rebecca acenava rindo às amigas, fazendo reluzir ao sol o ouro dos seus braceletes e colares, ofertas de Abrahão.

Quando chegava à terra de Isaac, punha-se o grande astro tingindo de rubores quentes o poente.

No vasto campo semeado de boninas, o filho de Sara passeava. Vendo-o, Eliezer apontou-o a Rebecca, e ela, corando, puxou para o rosto o cândido e longo véu.

Isaac aproximou-se, e ajudou a descer do camelo a gentil criatura, que pela primeira vez via. Eliezer contou-lhe então o encontro que tivera com aquela que estava destinada a ser esposa de seu senhor.

Recebeu-a ternamente Isaac, e, dando-lhe a mão, conduziu-a para a tenda em que vivera Sara.

Seguindo com o olhar aquele par gracioso dizia mentalmente Eliezer:

Seja a esposa tão pura como a sombra da palmeira que nos dá o óleo santo.

Que jamais os seus lábios desfolhem senão palavras de doçura e amor, levando à alma do marido a vida nova, saudável e clara; como o consolo que ao enfebrecido escravo deu a fresca, a cristalina água que lhe matou a sede!

Lisboa, 1887

A FALÊNCIA

FRAGMENTO D'UM ROMANCE

A FILINTO DE ALMEIDA

1

Francisco Theodoro da Silva Amaral, importantíssimo negociante da praça do Rio de Janeiro, falira. O caso fez sensação. Ouviam-se comentários a respeito.

— Aquilo é uma vergonha! — diziam uns, acompanhando as palavras com gestos largos e atraindo assim a atenção de todas as pessoas agrupadas na esquina. — Sim, aquilo é... É ladroeira! Vocês verão! Daqui a pouco tempo, comprará ele uma casa ajardinada lá para a Gávea ou para a Tijuca, passeará a mulher com vestidos de seda feitos na Guimarães ou na Lambert, e, para disfarçar mágoas, tomará uma assinatura para a primeira época lírica.

E riam-se, riam-se estrondosamente.

— Quem sofre mais com esta quebra — acudia um —, é o visconde de B***, pelos modos, o maior credor...

— Ora! que não fosse tolo — acrescentava um terceiro.

— O que eu duvido é que o visconde perca ou se resigne... — aventurava um outro, e ainda um outro concluía com um movimento indiferente:

— Que remédio terá ele?

Entre as senhoras, a falência da grande casa Amaral tinha outro aspecto; não era fundada na desconfiança de ilícito procedimento do negociante, mas sim no extremo luxo da família.

— Pudera! — diziam elas. — Aquela pompa arruinaria um Rotschild, quanto mais um Francisco Theodoro!

Enquanto nas ruas, em frente das vitrines, nas portas dos cafés e dos escritórios dos jornais e nas esquinas se comentava o caso colorindo-o cada qual a sua maneira, o ex-guarda-livros do estabelecimento falido atravessava sereno por entre o zum-zum das condenatórias observações, dirigindo-se pensativo para o seu *chalet*, na Ponta do Caju.

Durante o tempo da viagem da cidade ao arrabalde foi ele ouvindo duas senhoras que, sentadas a seu lado, repetiam os nomes da mulher e da filha de Amaral como cúmplices no desastre. Lembrava uma os piqueniques feitos na pitoresca ilha de Paquetá, os escaleres enfeitados de flores, o grupo dos músicos que as acompanhava sempre nessas excursões; a outra recordava os bailes, os verões, de Petrópolis, os magníficos cavalos em que passeava a elegante amazona, única filha de Amaral, a mestra alemã, que era tratada como fidalga acompanhando sempre a menina, os saraus das terças-feiras na sua casa das Laranjeiras, as *toilettes* com que se apresentavam no lírico, no Cassino, etc., e exageravam somas em cálculos extraordinários.

Todo o caminho foi o guarda-livros ouvindo a importuna música, chiada pelas incansáveis senhoras; chegando ao Caju, apeou-se.

O sol declinava dourando as águas do mar, lisas como um lago. A linha das palmeiras desenhava-se imóvel no fundo azul da serena e plácida baía. Ao entrar em casa, pareceu-lhe entrar no paraíso. Empurrou o portão de ferro e atravessou cabisbaixo o pequeno jardim. A areia estalava-lhe debaixo dos pés. No alto de um jasmineiro manga, estrelado com as suas perfumadas flores cor de ouro velho, gorjeavam alegremente os passarinhos. No peitoril da janela entreaberta da saleta, dormia estiradamente a gatinha branca, a Frou-frou, a nervosa

e leviana Frou-frou, que ele costumava mimar passando a mão pelo dorso acetinado e airoso.

Não se importou ele essa tarde nem com a cantiga das aves nem com a elegante gatinha; sem reparar em nada, deu volta à casa indo entrar pela porta da sala de jantar. A mãe cosia a um canto, numa cadeira de balanço; vendo-o, exclamou assustada:

— Que é isso, meu Carlos, tão cedo! — E indagou solícita se ele estava doente, que o achava abatido... pálido...

Carlos sossegou-a, sentou-se a seu lado e principiou a fazer a narração do que se passara no escritório.

Ela fixava no filho os seus tristes olhos muito abertos como espantados do que viam, a costura caiu-lhe sobre os joelhos, os braços penderam-lhe arredondados no regaço.

— Eu entrei às oito horas — dizia Carlos —, e escrevi até as onze e meia. Silva Amaral foi cedo, estava terrivelmente pálido, tem envelhecido dez anos nestes dez dias. Eu não sabia que o estimava tanto! Ao vê-lo hoje andar vagaroso pelo armazém, olhando detidamente para as paredes, o teto, as sacas de café empilhadas em grandes rumas, para tudo, enfim, como se se despedisse, e depois voltar silencioso para o escritório, senti, confesso, apertar-se-me o coração.

Ao meio-dia, os caixeiros alinhados no armazém como sentinelas prontas para o primeiro sinal, um silêncio cortado pelo esvoaçar das moscas sobre as barricas de açúcar, davam uma soturnidade de claustro àquela casa ordinariamente alegre.

Acabei a escrita, pus em ordem os livros, esperando os novos donos a quem tínhamos de prestar contas. O primeiro a chegar foi o Sousa Leite, o mais feroz dos credores. Pisou com altivez o soalho, que rangia sob seus pés nuns gemidos que me ecoavam cá dentro do peito. Silva Amaral levantou-se para cumprimentá-lo, balbuciou umas palavras que nenhum

de nós entendeu, e voltou a sentar-se com a cabeça pendida e as mãos cruzadas sobre a mesa.

O Sousa Leite olhava para os livros cobiçosamente, adivinhei-lhe o desejo de folheá-los, mas não lhe ofereci semelhante coisa; tê-lo-ia mesmo negado se me pedisse.

A uma hora estavam reunidos todos. Amaral suava, tinha uma cor amarelada, fria. Tomei por ele, incapaz de dizer duas palavras, o encargo de explicar o método e sistema seguidos nas transações da casa.

Abri-lhes depois os livros e retirei-me, deixando-os com a liberdade de fazerem, à vontade, seus comentários. O exame foi longo. Vim para fora, para o armazém, onde continuava a reinar um silêncio absoluto. De vez em quando, sentíamos o folhear dos livros, uma palavra dita mais alto, um arrastar de cadeiras.

No fim de longas horas, a comissão examinadora saiu satisfeita; concluíra a tarefa que havia dias a preocupava; tinha razão.

Silva Amaral deixou sair todos, e, chamando os caixeiros, despediu-se com um modo bondoso e comovente. Aconselhou-lhes que ficassem na casa; que no comércio, a persistência é a fortuna; que fizessem por ser dignos de apreço, de consideração e de estima.

Quando chegou a minha vez, apertou-me com força as mãos, agradeceu-me o ter-lhe poupado explicações e a boa vontade com que trabalhei sempre a seu lado, perguntando-me por fim se continuava... Que me tinha visto em conferência demorada com o Leoncio Guedes, que naturalmente combináramos ficar eu como até então.

— É certo que o Leoncio me pediu isso — respondi-lhe —, mas não aceitei o convite.

Nos olhos claros de Amaral, relampejou uma alegria que passou depressa, e ele disse com voz ligeiramente trêmula:

— Fez mal; não devia cortar a sua carreira...

— Eu não poderia entrar nesta casa tendo dela saído o meu benfeitor e amigo — respondi-lhe.

Sorriu, tornou a apertar-me a mão, e saiu sem dizer mais nada.

Todos os empregados estavam compungidos; nos olhos dos mais fortes, havia um brilho denunciador de mágoas.

Ao vermos afastar-se o nosso bom patrão, austero, mas justiceiro, inabalável em tudo que não fosse de razão, ao vermos cair esse trabalhador vencido, que nos acolhera dando-nos sem mesquinhez o salário com que temos amparado os nossos, não podíamos deixar de sentir uma comoção profunda e dolorosa.

Compreendíamos-nos em silêncio; olhávamos uns para os outros como a dar-mo-nos mutuamente os sentimentos.

Despedi-me dos companheiros e desci triste a escada. No último degrau, esperava-me ainda uma comoção. Tenho-lhe bastantes vezes falado no Nero, um soberbo Terra Nova, guarda do armazém, que foi em pequenino para lá, e afeioou-se ao Amaral e a mim... principalmente a mim. Logo que eu entrava no escritório, atirava-me ao peito as suas grandes patas, tentando lambe-me a cara, depois estendia-se a meus pés e dormia sereno e feliz horas seguidas. Pois foi o Nero que me aumentou a tristeza na despedida. Estava ele, como todos os dias a essa hora, deitado sobre o ventre na soleira da porta, com a cabeça altivamente erguida e alongadas as patas dianteiras. Vendo-me, levantou-se e veio roçar-me pelas mãos o focinho frio e úmido.

— Vá lá — disse eu ameaçando-o —, amanhã talvez te não acariciem as mãos daquele que me substituir...

A ideia de ir um outro sentar-se no lugar que ocupo desde... desde criança por assim dizer, entristece-me, minha mãe! Parece-me, que loucura! Que ele se devia conservar

vazio. É um egoísmo tolo, uma coisa que não sei explicar e que faria sorrir ironicamente os homens que não tivessem passado por casos idênticos, se eu tivesse a infantilidade de lhes contar as minhas íntimas sensações.

A minha mãe bem vê, não me acanha a confissão dessas puerilidades. Até à velhice, carrega o homem na alma alguma coisa da criança, e raras vezes é nisso que está a sua fragilidade ou a sua perdição. De outro homem, por mais amigo que seja, encobre ele esse resto de meninice que lhe ficou como um tênue perfume a prendê-lo doce e misteriosamente ao seu passado longínquo; à mulher, porém, revela-o espontaneamente.

Sabe por que lhe digo isto? Porque o Terra Nova, o Nero, fez-me compreender esta manhã que tenho muito do Carlinhos de há vinte anos.

Senti os olhos umedecerem-se-me ao dizer-lhe adeus, como se falasse a uma pessoa inteligente e extremosa, repetindo umas palavras breves e cheias de amizade. Saí, acompanhou-me, olhando-me enternecido, meigamente, como se me entendesse e participasse da minha grande tristeza.

Na esquina, separamo-nos e... e quer que lhe diga a verdade, minha mãe?... Tive vontade de beijar o cão...

Lisboa, 24 de dezembro de 1886

O DINHEIRO

FRAGMENTO DE UM ROMANCE

II

A claridade de um belo dia, morno e doce, espalhava-se brandamente pela sala, beijando acariciadora as cabeças encanecidas e severas de uns retratos a óleo pendentes da parede. No largo espelho ao fundo, refletiam-se as flores artificiais da jardineira erguida ao centro pelos braços arredondados de uma estatueta de jaspe. Sobre uma mesa, a um canto, como um protesto, erguiam-se airosamente numa açucena de vidro, com toda a sua pureza natural, ao lado de um livro aberto, *L'amour*, duas *La France* esplêndidas. Na estante do piano aberto estava uma música interrompida por enfado da pianista, e ao lado, numa cadeira dourada, um começo de bordado, esquecido pelo mesmo motivo que a música; em tudo a prova palpável da pior e mais desconsoladora das doenças — o aborrecimento. Fazia exatamente vinte anos que Helena, a elegante burguesa de formas esculturais, se casara sem amor com um negociante rico, fugindo de ouvir repetirem-lhe sensatamente ao ouvido a palavra economia, que a fazia estremecer de horror.

Havia exatamente vinte anos que julgara libertar-se para sempre daquela vida apertada, trevosa, ameaçadora e tirânica como um cárcere — a pobreza; e, como de propósito, o destino, o mais feroz dos mestres, escolhera essa data para cortar-lhe o caminho luminoso e brilhante por um pavoroso abismo — a raiva.

Tremenda fatalidade! Justa punição. Por isso Helena passeava febril de canto a canto, cerrando apertadamente os dentes.

A multidão graciosa dos seus bibelôs dispersos nas prateleiras de cristal das *étagères*⁴⁰ nas paredes, nos dunquerques⁴¹ no chão, parecia-lhe rir-se dela ironicamente, tilintando à tremura, que os seus passos nervosos, miúdos, irregulares, faziam no soalho de mosaico e polimento.

E ela olhava raivosa e excitada para as ingênuas pastorinhas à Pompadour, as chinesas dos vasos e dos pratos antigos, as figuras em relevo dos metais.

Nesses desordenados passeios, foi encontrá-la a filha.

A mãe olhou-a sem meiguice, interrogativamente, como a dizer com impertinência:

— Que vens cá fazer?!

Evelina, por única resposta, aproximou-se serena e pôs-se nos bicos dos pés para beijar-lhe a fronte.

Fez-se o silêncio, um silêncio que nenhuma parecia ter ânimo de quebrar. Com aquela serenidade recrudescera a agitação de Helena. Continuava de um lado para o outro num giro entontecedor, como uma hiena em jaula apertada, sentindo um ferro em brasa a queimar-lhe as carnes. Súbito parou perto da filha, como doida desdobrou aos olhos da atônita criança todo o seu passado.

As palavras sucediam-se cortadas pela respiração ofegante. Não amara o marido, ele não fora mais do que um meio de que se servira para elevar-se de uma posição precária

⁴⁰ Espécie de estante de prateleiras abertas e sem portas, às vezes com um gabinete fechado na base, onde se guardam objetos ornamentais ou ainda objetos de louça ou baixelas; aparador.

⁴¹ É um móvel como o consolo. Normalmente apresenta uma ou duas portas e gavetas. Pode ser utilizado nos mais diversos ambientes, especialmente em salas de estar e de jantar.

a outra de conforto e de luxo. Acusava-o, amesquinhava-o, pisava-o. Amaldiçoava o instante em que aos pés do altar lhe dera o sim. Dizia-o estúpido, brutal, ignorante: casara-se não com ele, mas com o seu dinheiro; logo que esse dinheiro desaparecia, considerava-se viúva. Não queria vê-lo nem ouvir falar dele. Que vergonha! Que ignominia!

— Se eu o tivesse amado — concluiu ela —, se eu o tivesse amado... resignava-me. Mas aborreço-o! Mas nunca o amei!

Evelina cortava o bárbaro discurso com exclamações indignadas: Minha mãe... ao princípio; Minha senhora! depois.

Não havia dique possível para aquela cólera, que explodia correndo impetuosa. O acesso durou ainda muito tempo, a crise tornou-se mais e mais violenta, até as convulsões características da histeria.

Evelina amparou assustada a mãe, fê-la deitar-se, desapertou-lhe o vestido, desprendeulhe as soberbas tranças negras, que se estenderam como duas serpentes no cetim cor de ouro fulvo do divã, puxou-lhe uma manta de casimira até os joelhos, ajeitou-lhe as almofadas, e só saiu quando Helena, com um gesto, apontou-lhe a porta, fingindo querer descansar.

Atravessou então o aposento em bicos de pés, deixou entreaberta a porta para acudir ao mais leve chamado e encostou-se à janela de uma sala próxima.

Faltava-lhe o ar. Sentia-se vestida de chumbo. Um peso superior às suas forças caía sobre ela e dominava-a. Olhava para tudo como se estivesse no escuro; nada via. Batia-lhe lentamente o coração, como se de cheio não se pudesse mover mais facilmente.

Assim esteve muito tempo envolvida numa onda negra e gélida que a afogava com que não lutava, porque a sentia esmagadora sobre o peito.

A pouco e pouco adelgaçou-se aquela massa negra; Evelina respirou com mais força e demorou os olhos na paisagem abstratamente.

No espaço azul brunido, nem uma nuvem, tênue que fosse; uma limpidez tão pura, tão imaculada, tão bonita! Embaixo, no jardim, entre canteiros largos e côncavos de relva, semeados de grupos de roseiras, de açucenas e de fúcias, nadavam mansamente num lago dois cisnes brancos. Havia tantos anos que Evelina os conhecia ali. Mais além, nos grossos galhos de duas mangueiras copadas, o baloiço vazio, onde tantas e tantas vezes brincara, parecia-lhe agora uma força silenciosa, em que se estrangulavam todas as suas alegrias.

E cantavam os passarinhos, os passarinhos ingratos.

Então, pensava ela consigo, olhando para o elegante jardim: *“Eu gozei tudo isto, não porque minha mãe amasse meu pai, mas porque desejou o seu dinheiro.*

O seu dinheiro!”

E voltavam-lhe à memória obstinadamente as palavras da mãe, aquelas expressões envenenadas, que lhe tinham feito tanto mal, essa confissão súbita, impetuosa, ferina, de uma verdade revoltante e baixa!

A ambição de hálito impuro e olhar de fogo vivera naquele coração que ela queria o mais puro, o mais perfeito, o melhor de todas as mulheres. Em vez do amor, o amor santo, o amor sublime, que é o hino triunfal, o espontâneo hosana nos dourados tabernáculos do ideal, da verdade e da luz; em vez do amor que consola os tristes e fortifica os bons, que é o bálsamo das grandes lutas e o supremo poder; em vez do amor que faz iluminado e ridente o casebre tosco do lavrador pobre, que transforma o mais rude alimento no mais fino manjar, o mais duro leito no mais fofo arminho, o pior tecido na mais linda e delicada trama, caleidoscópio mágico,

tornando cintilante e preciosa a mais humilde coisa; em vez do amor, que tão bem compreende as flores, os ninhos, as estrelas, que é sagrado e suave como uma bênção da invisível e santa mão de Deus; o amor, como o sentia a pobre Evelina a desabrochar na seu ingênuo coração, docemente, como desabrocham, aromatizando sutilmente o ar, as modestas flores dos prados; em vez desse amor justo, digno, leal e verdadeiro, tivera a mãe na sua mocidade, por sonho de futuro, como ideal de toda a felicidade na terra, o dinheiro... Só o dinheiro, única e exclusivamente o dinheiro!

Miséria!

Evelina corava de vergonha, como se aquele vendaval que lhe abalava a alma, lhe vergastasse o rosto.

O pai, o amigo sincero, que vivera para o trabalho e para a família, tornou-se para ela um ídolo.

Ele, muito mais velho do que a esposa; ele, homem batido em guerras acérrimas, vencedor tantas vezes, vencido agora, tivera por ambição... o afeto de uma menina pobre, aceitando numa candidez de alma boa os seus protestos de amor e de fidelidade eterna.

O mundo tem desses dramas, infelizmente vulgares: Evelina é que os não compreendia. A fatalidade deu-lhe um exemplo perto e doloroso. Agora via que o dinheiro não é só o positivo da vida, a magna luta da sociedade, é mais, é a máxima glória, a única felicidade que sonham atingir os que não têm na alma outra riqueza.

O sol iluminava brandamente a terra, como uma carícia maternal. Brilhavam reluzentes os cômodos relvosos do jardim, esvoaçavam entre flores as borboletas alegres, doidejantes, e Evelina, cercada de confortos e em plena

mocidade, invejava a mais humilde das mulheres, que, entrando descalça em casa, vinda do trabalho ao sol, ao vento ou à chuva, visse, sentados ao lado um do outro, os pais, com as mãos entrelaçadas, na mais doce e serena intimidade.

Lisboa, 1886

IRMÃ CHRISTINA

Setembro, o mês das flores da laranjeira, estava em meio.

A Irmã Christina, a mais querida da irmandade, assistia à agonia de um velho. Do seu coração, todo meiguice e afeto, saía uma inundação de consoladoras promessas, apontando um mundo de felicidade intangível para o que deixasse este vale de lágrimas sem penas. As suas palavras, melancolicamente doces, soavam brandamente, cheias de unção e caridade. Das camas vizinhas, os doentes, cessando de gemer, levantavam a cabeça e, apoiando-se nos cotovelos, prestavam atenção respeitosa àqueles balsâmicos conselhos que se lhes infiltravam também no coração.

Quando o velhinho fechou os olhos, numa incrível serenidade de ânimo, a Irmã Christina ajoelhou-se abraçada à cruz que erguera sobre o peito do moribundo e rezou. Fínda a oração, cobriu piedosamente o rosto do cadáver, levantou-se, caminhou silenciosa entre as duas fileiras de camas, falou com os enfermeiros, para que tirassem dali o corpo do morto, saiu da enfermaria, desceu a larga escada batida pela luz do gás, atravessou o corredor e abriu a grande porta da chácara.

Era noite. A irmã Christina parou no umbral ofuscada, como se tivesse sabido de um calabouço escuro. O luar suave, misterioso, derramava na doce serenidade do ar uma transparência prodigiosamente pura. Os eucaliptos esguios, firmes como sentinelas, e muito prateados, difundiam o seu aroma agreste. Nos tapetes de grama, embebiam-se a luz. Do fundo escuro da folhagem as grandes magnólias pálidas abriam o seio ao orvalho destacado das nuvens flutuantes no azul, como flocos de espuma num mar sem tormentas e sem vagas sequer.

Nas paredes brancas do hospital, desenhava-se, aqui e além, a palma descaída de um coqueiro airoso, a haste torcida de um cipó florido, despenhando-se da copa de uma árvore, como serpente ansiosa por mergulhar na terra, e parte da rama de um tamarindeiro coberto das suas alegres florinhas amarelas.

A religiosa abriu os pulmões àquele ar fino, levemente úmido, da noite, aspirou com avidez o perfume doce das esponjeiras brancas que pareciam, ao luar, árvores cobertas por inúmeras aves pequeninas, alvas e penugentas.

Depois, caminhou vagarosamente por sob a grande parreira, as chatas copas dos cajueiros avermelhados e dos cajuzeiros enormes; passeou absorta, isolada de pensamentos, numa abstração profunda, imensurável.

Chegou assim insensivelmente à beira de um pequeno tanque, cercado de violetas e assombrado por laranjeiras; ali havia um banco, sentou-se. Os rumores da noite faziam-se ouvir como os sons de uma orquestra misteriosa tocando em surdina; os raios da lua, passando por entre os galhos cerrados do arvoredor, punham lapidações brancas e fixas no cristal da água.

A Irmã Christina, com as mãos unidas e cruzadas no colo, a cabeça reclinada para trás, olhava a cúpula côncava do céu, na atitude serena de quem repousa de fixar a terra.

Pouco a pouco em seu espírito foram-se formando pensamentos e reavivando saudades que surgiam quase insensivelmente, como o desabrochar das flores.

De lembrança em lembrança, voltou aos seus primeiros anos; via-se na sua aldeia natal, nesse ninho poético armado ocultamente em um recanto da Europa, todo florido, pendente sobre um rio largo, onde o irmão escapara de morrer um dia, e de que ela tinha um medo atroz em pequena; lembrava-se das visitas que fazia ao moinho do

Anselmo, embaixo da ponte grande; das cerejas furtadas ao pomar do vigário; do leite saboroso e espumante que ia beber de manhã cedinho à granja do tio; das histórias que lhe contava a criada, da longura das horas de ficção, de tudo que boiava à tona dessa idade, que é o mais sereno lago da vida — a infância. E nos seus olhos calmos nadava uma saudade meiga, quase risonha, impressionadora e terna.

Subitamente mudou de aspecto; feriu-lhe os lábios um sorriso amargo; sacudiu a cabeça como querendo afugentar uma ideia dolorosa; fez um movimento com o corpo, tentando levantar-se para fugir dali, mas uma força invencível, imobilizara-lhe a ação, pesando sobre ela como um braço de ferro.

Despertaram-se-lhe então na memória algumas cenas da sua mocidade.

Lembrou-lhe o dia de outono, em que lourejavam ao sol os trigais ondulados pelo vento e os maduros cachos de uvas; e em que ela, entrando risonha no escritório do pai, com uma alegre colheita de moscateis no avental, o surpreendera com um revólver apontado ao ouvido.

Que instante aquele! Sentia agora o frio que sentira quando, tirando a arma da mão de seu velho amigo, lhe disse, dominando a agitação e cheia de meiguice: “Se se mata, com quem ficaremos nós?!”

E via as lágrimas do pai rolando-lhe silenciosas pelas faces; ouvia-lhe as palavras de delírio descrevendo a vergonha da sua raiva e estremecia toda.

Depois... depois... lembrou-lhe o casamento da prima com o homem a quem a pobre Irmã Christina amava; a atitude serena com que assistira ao ato; a bondade com que colocara na frente da noiva a grinalda e o véu... a febre que tivera a noite inteira; a romanza que cantara no dia seguinte, fingindo-se indiferente; a resignação suprema, inspirada, com

que suportara sempre os mais tremendos choques; a demência e morte do pai, a partida do irmão, o abandono da sua terra pela solidão do claustro, a troca dos alegres murmúrios do mundo pela soturna mudez da cela.

Nasci para os ternos gozos da família, pensava ela; mas por que não fui amada, eu, que era moça, formosa e boa?! A irmã Christina corou com este pensamento; quis de novo levantar-se, embrenhar-se por aqueles labirintos, para recolher-se de cansada, e dormir; mas nesse instante, a dez passos de distância, passaram dois vultos abraçados. Era a filha do enfermeiro, a Maria, que ia com o noivo, o Eduardo; falavam em segredo... ela ouviu-lhes o murmúrio das vozes enamoradas... e ficou extática. Aos seus ouvidos, chegou então, distinta, clara, argêntea, uma frase que nunca lhe fora dita, e em que o universo parecia resumir-se:

— Amo-te!

E ela, a proscrita do amor; ela, a consoladora dos aflitos, a carinhosa enfermeira, que acabara de assistir serena ao passamento de um velho triste e só; a religiosa obscura, a visionária infeliz, mordeu a estamena do hábito, abafando um grito de desespero e de angústia.

Os vultos tinham desaparecido havia muito, quando a freira, sentindo o rosto banhado pela doce inundação das lágrimas, caiu de joelhos, procurando com mãos trêmulas as contas do rosário.

Rio de Janeiro, 1884

LA POBRE CHICA

— *Quiere usted flores?* — perguntava, com a sua vozinha débil, a Sanchita, na Puerta del Sol.

Foi ali que lhe comprei os mais belos cravos que tenho visto, grandes, brilhantes, raiados de vermelho e de ouro.

— *Muchas gracias!* — dizia ela depois, com um sorriso nos lábios desbotados.

Era uma criaturinha raquítica, muito baixa, coxeando de uma perna e com um ombro um pouquinho mais alto do que o outro; no mais, galante: cabeça pequenina, mãos bem-feitas, alva, serena, com os olhos de um negror misterioso e doce, profundo como abismos. Toda a sua vida parecia concentrar-se nas pupilas de veludo, sempre iluminadas por um clarão íntimo e sério.

De todas as floreiras madrilenas era aquela a de mais capricho. Tinha sentimentos delicados, via-se. No seu açafate de vime, chato e oval, carinhosamente acolchoado de musgo fresco e aromático, sorriam as papoulas pequeninas, como gotas de sangue vivo, e os mimosos buquês de *forget-me not* azuis como o céu clemente das manhãs de maio. Os cravos, trazia-os num vaso de vidro branco, alto e esguio, cheio de água.

E assim passeava a Sanchita de esquina a esquina, rodeada de perfumes e emoldurada de flores, como uma Virgem na capela.

Todos a conheciam, todos a estimavam. Às vezes, de dentro de um carro particular, a mãozinha bondosa e enluvada de uma *niña* dizia-lhe adeus, e ela respondia com modéstia ao cumprimento com um modo humilde e triste. Que diferença entre a Sanchita e as outras raparigas da sua classe, que passavam por ela roçando-lhe o fato, com as

pontas do chale traçadas e a orla do vestido curto batido de um lado para o outro nos requebros do corpo!

Algumas delas paravam às vezes em frente da paciente pequena e mercavam-lhe alegres uma flor qualquer. Depois seguiam, *salerosas*⁴², cheias de vida, palpitantes de entusiasmo, com um ar insolente, os olhos faiscando lumes, a cabeça levantada e, entalada entre os dentes esmaltados e brancos, a haste da rosa, que parecia pálida, junta aos seus beijos escarlates e frescos.

Essas, sim, continuavam no passeio, risonhas e atrevidas, e a Sanchita ficava, sempre serena e melancólica, como a estátua de um túmulo.

Ninguém passava por ela indiferentemente.

Os rapazes, a caminho do clube, escolhiam na cestinha o mais fino raminho para a *boutonnière*, e as burguesas, ricas ou pobres, vestidas de preto e agitando o leque, diziam-lhe amigavelmente:

— *Adiós, querida chica.*

Até mesmo a gente do trabalho, que andava preocupada e à pressa, sorria-se para a pobrezinha assim como quem sorri para uma criança amiga.

Popular, a Sanchita!

Uma noite, subíamos a pé a alegre *calle*⁴³ de Alcalá, conversando com uma família madrilenha com quem nos tínhamos relacionado em Burgos.

⁴² Graciosas; que têm tempero; provocantes

⁴³ Rua

As estrelas salpicavam de botões de ouro o fundo igual do céu, a temperatura suave dava à gente um delicioso bem-estar.

Passeavam em carruagens descobertas famílias elegantes; cruzavam-se no passeio alguns árabes, com seus turbantes e faixas, viajantes como nós, e as espanholas de mantilha, a poética mantilha, transparente e discreta, à sombra da qual deve ser mais doce o beijo e que lhes faz, a elas, sobressair a alvura da pele, mimosa como a macieza das camélias brancas. Uns pequenos apregoavam alto:

— *La Nación! El Correo de la Noche! El Pueblo! La Correspondencia* e outros jornais, passando como flechas; e as mendigas nas esquinas, estendiam, andrajosas, as mãos suplicando:

— *Una limosna, por el amor de Dios!*⁴⁴

Entramos num café, cheio de espelhos e colunas douradas. Numa harpa, ao fundo, um velho de cabelos prateados, caídos sobre os ombros e a barba cobrindo-lhe o peito em flutuações de neve, tocava uma *malagueña*⁴⁵ terna e cadenciada.

A seu lado, de pé, um rapazito cego, rolando nas órbitas os olhos sem luz, cantava, como antítese da sua desgraça, os versos de Eusebio Blasco:

*Unos ojos... que cayendo
con pereza, blandamente
y gyrando
lentamente, lentamente, al descuido van mirando.
Y al mirar, el alma entregan*

⁴⁴ Uma esmola, pelo amor de Deus.

⁴⁵ Não diz respeito a nenhum tipo de música em particular, apenas indicativo do folclore latino, tocado em violão

*y hasta el alma mía llegan:
presto el alma se traspasa...
y...; ay de mí!
yo no sé lo que me pasa
viendo unos ojos así.*⁴⁶

Nas diversas mesas, homens e senhoras, bebiam chocolate, *granadine* ou café, conversando animadamente.

Os criados atravessavam, fazendo tilintar os cristais nas salvas reluzentes, e a um canto, três políticos, distintos e letrados, questionavam alto.

Nós sentamo-nos perto da grande porta de vidros, junto à primeira mesa disponível que encontramos. Serviram-nos e íamos principiar, quando a Sanchita murmurou a nosso lado:

— *Quieren ustedes flores? Las tengo bellas aquí... olorosas y frescas...*⁴⁷

E mostrou os raminhos de primavera, armados de plantas silvestres, boninas, junquinhos, muguet e malmequeres, dispostos no musgo verde e orvalhado, como um trecho do campo, que ela tivesse trazido consigo.

O chefe de família, que nos acompanhava, *don* Benito Rivera Gonzalez y Saavedra, perguntou-lhe paternalmente, se lhe corria bem o negócio se ela não sofria necessidades, se estava contente.

— *Sí, señor, sí* — respondeu com o seu modo encolhido e triste, como o de uma ave ferida —, *la viuda trátame bien.*⁴⁸

⁴⁶ Uns olhos que caem preguiçosamente, suavemente e, girando lentamente, lentamente, descuidadamente, vão olhando. E ao olhar, entregam a alma; e chegam até minha alma: a atravessam... E... Ai de mim! Não sei o que me acontece, quando vejo uns olhos assim!

⁴⁷ Os senhores querem flores? Estão muito bonitas, perfumada se frescas!

⁴⁸ A viúva me trata bem.

D. Benito disse-lhe que receava muito por ela e que lhe tinha constado ser a viúva uma mulher má.

— *No tal! Mi tutora es una mujer de corazón... soy feliz, yo...*⁴⁹

Momentos depois, a Sanchita conversava noutro grupo, oferecendo os seus raminhos, sempre bem acolhida e sempre medrosa e humilde.

Don Benito então, voltando-se para nós, depois de ter bebido um trago de *groseille* gelado, e retorcido as grandes guias do seu farto bigode grisalho, principiou:

Há dez anos, era eu juiz numa pequena comarca de Andaluzia, foram-me um dia dizer que uma mulher de circo, uma *écuyère*⁵⁰ desprezível, matava à pancada a filha, criança de nove anos, raquítica e doentia. Mandei-a chamar. Ela negou chorando e batendo no peito grandes e ressonantes pancadas. É que o demônio era oco, não tinha coração. Dei-lhe liberdade por falta absoluta de provas, mas mandei-a vigiar de perto. Uma noite, durante o espetáculo, foi surpreendida num dos seus ataques de fúria contra a pequenita, e trouxeram-na imediatamente à minha presença. Entrou arrogante na sala do comissariado. Vestira à pressa, sobre o seu saiote de boêmia, encarnado e coberto de lantejoulas, um casaco cor de mel, já roto e mal abotoado. Nos cabelos loiros eriçados (há espanholas loiras, para que saibam, dizia com um sorriso à parte) brilhava uma coroa de pechisbeque cravejada de vidros azuis, amarelos e verdes numa confusão diabólica. O rosto avermelhava-se-lhe de raiva sob a grossa camada de pintura e os olhos sublinhados a nanquim engrandeciam-se furiosos, como se me quisessem intimidar, ou, mais depressa, devorar.

⁴⁹ Imagina! Minha tutora é uma mulher de coração... Sou feliz...

⁵⁰ Pessoa que monta um cavalo; amazona

A pequena, muito fraca, vinha ao colo de um policial, desmaiada e fria, enrolada no capote grosso do bom homem, que olhava para ela enternecido.

Tornei a interrogar a *écuyère*, que se chamava, se me não falha a memória, Mercedes. Vejam que antinomia.

Desta vez não havia dúvidas, tinha sido presa em flagrante delito; disse-lhe que, na minha qualidade de juiz, ia tirar-lhe das garras a vítima e pô-la a seguro, onde a tratassem com carinho e amor.

Ao ouvir isso, transformou-se. Caiu a meus pés arrastando-se, a pedir-me pelas divinas chagas de Cristo que a não separasse da menina. Levantava as mãos grossas, unidas numa prece, e machucava sob os joelhos o saiote vermelho de boêmia, salpicado por uma chuva brilhante de lantejoulas.

Ao vê-la assim diriam-na uma extremosa e dedicada mãe. Cheguei a abalar-me, eu! a sentir mesmo piedade, quando um suspiro doloroso partiu da sombra, e os meus olhos caíram sobre o vultozinho pálido e emagrecido da criança, que, afagada e aquecida pelo policial, voltava do desmaio.

Indignado, perdendo quase a calma, mandei os guardas conduzirem dali a delinquente, dizendo-lhe de uma maneira terminante, que a separava da filha, falando-lhe severamente dos deveres maternais.

Ao ver-me resoluta e firme, a leoa levantou-se de um salto e, afastando as abas do casaco, pôs as mãos nas ilhargas soltando uma gargalhada estrondosa, que reboou pelo teto abobadado... Estremeci de horror!

A voz daquela criatura tinha um som cavo e lúgubre, que, mesmo a rir, fazia arrepios em quem a ouvia.

Depois recolheu-se pensativa e ficou-se silenciosa. Transparecia-lhe na fisionomia a indecisão de um ato prestes a resolver.

Chamei-a à situação. Mercedes avançou com firmeza e, fugindo de olhar para os meus olhos, principiou:

— Senhor juiz, aquela pequena não é minha filha. Encontrei-a uma noite, à beira da estrada, quando voltava com minhas companheiras de um teatro de feira; ela gemia e estava roxa de frio... Eu tive pena de a deixar aos lobos e levei-a comigo.

Olhei-a com desprezo e dúvida.

Ela, confusa, interrompeu-se, baixou a cabeça e, fitando os pés calçados de marroquim branco, mordeu o beijo inferior com raiva.

— Não minta, que eu tudo sei — disse-lhe calmo, mas ferido por uma suspeita medonha: aquela criança foi roubada...

— Não! — exclamou com resolução e raiva, aquela criança...

Mercedes cortou com uma pausa, repentinamente a última frase.

— Acabe!

Ela então, levantando bruscamente os ombros, concluiu:

— Aquela criança... comprei-a.

Todas as pessoas na sala estremeceram.

Assombrado ainda, exige-lhe a narração do fato, e ouvi-lhe a história dita dessa vez com verdade.

A menina fora-lhe vendida por um cigano, na Sierra Morena, numa tarde de inverno. Ela fumava à porta da barraca vendo a neve amarelar-se aos últimos raios do sol sem vigor. O cigano aproximou-se e propôs-lhe o negócio; dizia-se com pressa; tinha de levantar nessa mesma noite acampamento.

Mercedes, examinando a criança, achou-a galante, mas muito pequena... tão cedo não lhe prestaria para nada... O boêmio convenceu-a do contrário; reduziu o preço a menos

de metade... Evidentemente o homem queria se desfazer do fardo... Era provável que a tivesse roubado a alguém. Isso é que não podia afiançar Mercedes...

— Eu não queria comprá-la, dizia, mas o infame afirmava que a pequerrucha se tornaria uma mulher bonita e que eu podia ensiná-la a dançar na corda, ganhando muito dinheiro... muito dinheiro! Tentou-me, o diabo do homem! Fechamos o negócio. Cedo me arrependi. A criança não tinha ainda um ano e dava-me muito trabalho; parecia estúpida... uma lesma! Tinha medo dos cavalos, andava aos trambolhões, não se sustinha nas pernas, delgadas como alfinetes! Há cinco anos que a ensino, está na mesma! Trabalho para o seu bem... Se a castigo é porque desejo que faça mais progressos... Agora se a justiça a quer... que a tome, que eu — declarava sacudindo as mãos — estou farta, fartíssima!

Quando a criança pôde falar, interroguei-a com brandura.

— Aquela mulher batia-lhe? Foi ela que lhe manchou de negro o seu corpinho, não foi?

Curvou a cabecinha e não me respondeu; depois, levantando os olhos melancólicos, disse-me com meiguice:

— Não lhe faça mal...

— A menina perdoa-lhe?

— Perdoo...

Os guardas conduziram para fora a *écuyère*, e eu levei para minha mãe a pequenita.

Mandeí examiná-la pelos médicos. Disseram que o seu raquitismo era devido ao mau tratamento, péssima alimentação e rigorosos castigos e que nunca poderia ser perfeita.

Estava condenada a infeliz. Ela deixou que a auscultassem, que lhe apalpassem a espinha já curva e as articulações moles e fracas, e viu sem pestanejar, com angelical paciência, o que a medicina desenrolava a seus olhos.

Esforcei-me por alegrá-la. Levava-a a passeio, sentindo que me prendia muitas vezes apertadamente a mão, como se tivesse medo de que eu a deixasse.

Correu toda a Espanha essa história infeliz. Foi publicado o nome do lugar em que tinha sido vendida a inocente e o da compradora... tudo! Mas a infortunada não viu chegar quem a reclamasse com o direito da família, e do amor, e, apesar de muito nova, mortificava-a a ideia de não ter feito falta a ninguém.

Durante uma viagem que fiz a França, minha mãe faleceu, e a enjeitada foi viver com uma vizinha viúva, que a adotou e que veio morar em Madri.

A viúva devera importantes favores à minha mãe, e jurava, numa carta que me escreveu, zelar pela Sanchita como se sua filha fosse.

De fato, constava-me isso mesmo. Fiquei descansado completamente. De vez em quando, mandava alguma coisa à pequena, mas, por fim, perdi-a de vista, apesar do meu grande interesse.

Isto foi há seguramente oito anos. Vindo eu residir em Madri, encontrei um dia, casualmente, a nossa floreira, sentada nos degraus de Nossa Senhora de Atocha, vendendo ramos. Admirado perguntei-lhe se queria vir para minha casa, ou se preferia receber uma pequena mesada; sorriu-se negando uma e outra coisa; “Gosto de trabalhar”, respondeu. “E não abandono a viúva”.

Hoje a sua alma, a sua alegria, a sua vida são as flores.

Dizem alguns que a tutora trata-a com rigor..., mas, como viram, Sanchita afirma que não.

É um exemplo de resignação e doçura; e ali onde a veem, despreziosa e necessitada, tem feito benefícios, grandes relativamente.

Há coisa de seis meses organizaram umas senhoras da aristocracia um concerto em favor das órfãs pobres. O teatro estava repleto, e o programa era brilhante, verdadeiramente brilhante. No fim do espetáculo, apareceu nos bastidores a Sanchita, muito embuçada e fria, afastando-se dos pontos mais luminosos, como se receasse ser vista.

Queria falar sem testemunhas à tesoureira... e, ao vê-la, passou-lhe para as mãos o produto do seu dia de trabalho. Ficara todas as horas da noite na rua a vender flores, ao frio, um frio de janeiro, praticando na sombra a caridade, e ouvindo apenas o eco dessa festa, ruidosa como poucas em Madri.

Quiseram levá-la ao palco, divulgar-lhe o ato generoso, pediu, porém, de mãos postas, que não, vergando os joelhos, trêmula.

Deixaram-na sair, visto pedir instantemente isso, por uma porta do fundo, e no outro dia, porque os jornais falassem com louvores da Sanchita, ela não os vendeu, nem foi à rua tampouco. Escondeu-se como se tivesse cometido um crime.

E aí está a história dessa criaturinha raquítica e... e forte como poucos homens.

Partindo desse ponto, Don Benito discreteou filosoficamente sobre a vontade, a inteligência humana, ostentando uma linguagem brilhante cheia de conceitos e de graça.

Externou as suas íntimas impressões, brincando com a frase, ostentando toda a sua imaginação de espanhol. Proclamou com entusiasmo tudo que tem uma existência independente e rica de seiva própria, dizendo adorar a palavra e a discussão de ideias novas.

Quando nos retiramos do café, o velho de cabelos prateados e longas barbas de neve continuava ferindo as

cordas da harpa no acompanhamento do ceguinho, que prosseguia cantando:

*Más de dos y tres mañanas
vi salir unas tartanas
caminito de la mar.
Salió el alma a sus ventanas
para mirarlas pasar...
Ocupaban las banquetas
unas lánguidas chiquetas,
y eran todas muy bajitas de color;
paliditas, paliditas,
pero qué lindas, Señor!*^{51 52}

Numa manhã nebulosa e levemente fria, dirigíamo-nos para a Estação das Delícias, passando por entre as fileiras dos tabuleiros alinhados à beira dos passeios. Os repolhos, as cenouras e os grandes molhos de espargos passavam das mãos das vendeiras para as das criadas, de vestidos claros, cabelo bem penteado, avental branco e cesto de asa no braço. Sentia-se na rua um rumor alegre de vozes e de passos, um chilrear de aves, postas em gaiolas, à venda, e na gare mais escuridão, e a bulha das carretas e dos passageiros apressados.

Quando ia entrar para o vagão, vi aproximar-se, destacando-se das paredes escuras, a meiga Sanchita. Àquela hora não passava na *Puerta del Sol* quem lhe comprasse os seus ramos, e ia então para a gare, oferecer ao viajante “*las últimas flores de Madrid como un recuerdo*”, dizia ela.

⁵¹ Mais de duas ou três manhãs, vi sair umas tartanas, a caminho do mar; a alma saía à janela para vê-las passar. Ocupavam as banquetas, umas mocinhas abatidas e de pouca cor; palidinhas, palidinhas, mas que lindas eram elas, Senhor!

⁵² Tartana: embarcação de pequeno porte a vela, alongada e coberta.

Vendia também jornais. Trazia uma ruma deles debaixo do braço, contudo o seu principal comércio, a sua predileta ocupação era vender flores. Ao passá-las para o comprador olhava-as com ternura, como se se despedisse com saudade. Nos periódicos, vêm quase sempre histórias amargas: a humanidade refletida, estampada, com todos os seus vícios e dolorosas queixas. Nas flores não vêm mais do que a magia do perfume, que faz sonhar na idealidade das coisas.

Era por isso que a enjeitada, *la pobre chica*, como lhe chamavam em Madri, vivia voltada para elas, só para elas!

Quando a máquina silvou, e o comboio moveu-se na primeira oscilação, debrucei-me da janela e olhei mais uma vez para a branca e acetinada rapariga, que ali ficava de pé, cercada de baunilha e malmequeres, como uma imagem.

Passei bastantes meses sem ouvir falar e mesmo sem pensar na pobre espanholita. Há pouco, trouxe-me um acaso notícias dela.

Estava no porto.

Tinha-me levantado cedo e subido, numa manhã de junho, à Serra do Pilar.

O dia, de um azul inefável, estava fresco. Dei volta ao convento vendo as paredes, marcadas fundamente pelas balas, e os varões de ferro das janelas, retorcidos e quebrados.

Os pardais cantavam estrondosa, sibilantemente. Num grande pátio, ao fundo, alguns soldados riam alto, e a seus pés, na terra, rolavam seminuas e sujas umas crianças pobres.

Tornando para trás fui com os meus companheiros debruçar-me do paredão, vendo em frente a cidade com a sua casaria entre verdura e as esguias chaminés das fábricas deitando fumo. Sob a grande ponte, pousada delicadamente

nas margens, como uma *bijouterie* de filigrana prateada, rolava as suas águas pardacentas, o poético e sombrio Douro.

Estávamos olhando atentamente para aquela paisagem, quando senti baterem-me no braço mansamente. Voltando-me, vi, surpreendida, a filha mais velha de *Don Benito* ao lado de um rapaz desconhecido para mim.

Contou-nos que andava na sua *voyage de nocces*⁵³. Apresentou radiante o noivo e respondeu pacientemente às perguntas que lhe fizemos da sua Espanha.

Quando chegou a vez de falar na Sanchita, abriu muito os olhos e perguntou atônita:

— Pois não sabem?

— Não.

— A Sanchita morreu.

— Oh! Que pena!

— É verdade... A infeliz tinha uma organização especial, raquítica, doentia; mas foi sempre ativa e boa. O seu coração e espírito eram grandes demais para um invólucro tão pequeno. Morreu no princípio do inverno. O caixão em que a meteram era como o de uma criança, e ela ia deitada em flores perfumadas e frescas. Vi-a, e estava tão serena, tão bonita, emoldurada de rosas e lilases, que parecia mesmo uma imagem de santa na capela.

Caldas de Vizella, 1887

⁵³ Lua de mel

*ACTA EST FABULA*⁵⁴

Além, na escuridão da noite, destaca-se a massa negra do teatro, com os seus óculos luminosos como os olhos de um lobo muito abertos.

Encostada ao umbral da janela, à vacilante luz das estrelas, a velha atriz, arfando de cansaço, com as mãos caídas sobre o peitoral, contempla silenciosa aquele monstro sombrio, onde passara as mais belas noites da sua vida, em que expandira a sua mocidade, o seu grande talento, faminto de aplausos, o seu estudo profundo e fatigante, a sua paixão ardente e insaciável, toda a sua alma.

Nesse tempo, chamavam-lhe a personificação da arte e da beleza! Deitavam-se-lhe aos pés as rosas mais frescas e, ao colo, as pérolas mais finas; entoavam-lhe o nome como um hino, vibrante e altivo. As plateias levantavam-se ao ouvi-la desdobrar a sua voz de sereia. Havia um frêmito, que se lhe comunicava magneticamente, na turba ávida quando, no palco, ela gemia um soluço ou desprendia uma risada. As ovações sucediam-se, o entusiasmo recrudesceu. Diziam-na única.

Vira ajoelharem-se diante de si as notabilidades da época; pisara milhões; enterrara as mãos em pedras preciosas nos seus cofres de filigrana e marfim... E, de tudo isso, que lhe restava?

O esquecimento!

A mais efêmera glória é a da cena; brilha e não deixa, ao extinguir-se, vestígio da intensidade em que se consumiu! A ex-atriz pensava amargamente nisto, confrontando o passado e o presente. Erguera-se do leito a custo, arrastadamente. A

⁵⁴ *Terminou a peça.* Expressão usada no teatro antigo, pelos romanos, para comunicar o fim do espetáculo.

inação e a doença tinham-na posto havia muito tempo ali, mas nesse dia, trouxera-lhe a criada fiel e antiga um jornal em que, entre os mais quentes elogios, anunciava-se para a noite o Romeu e Julieta. O noticiarista demorava-se a tecer uma esteira de douradas felicitações à protagonista, afirmando que jamais se fizera com tanto sentimento, delicadeza e verdade o papel da amorosa heroína do poeta inglês.

Ah! Quanto daria a desgraçada enferma por adquirir, num instante ao menos, a sua longínqua mocidade e entrar soberbamente no palco, nesse papel que lhe tinha pertencido, e em que espraíara toda a sua meiguice e juventude

Rolavam-lhe pelas faces engelhadas as lágrimas do desespero.

A inveja mordida-lhe o coração apertando-o atrozmente, e a saudade irremediável abria sobre ela as suas grandes asas abafadiças.

Quis ver as coroas... os buquês... os restos dos seus triunfos de outrora. Segurou sofregamente a grinalda de louros... as grandes fitas com letras e franjas de ouro, mas... as folhas mirradas, e as fitas desmerecidas caíram-lhe das mãos geladas sobre a alcatifa, e ela permaneceu aparentemente inerte!

À noite conseguiu levantar-se, impulsionada por uma vontade dominadora. Apoiando-se aos móveis caminhou até a janela e abriu com um movimento nervoso a cortina de reps branco.

Que paz! Que serenidade, e que beleza! Mas que lhe importava a contemplação do céu estrelado, a linha prateada do mar, o baloiçar das ramas dos jardins, cujo aroma subia em espirais dulcíssimas?!

O que a desgraçada queria ver eram as paredes exteriores do casarão impassível, onde nessa mesma hora sonolenta e pacificadora se agitava a multidão sequiosa e bulhenta.

Como há quarenta anos ela dissera amorosamente a cariciosa linguagem de Julieta! Que ternuras na fala, que mistérios de coração adivinhados e transmitidos ao auditório atento! Como sabia pronunciar, em murmúrio quase inaudível, o amo-te, que percorria toda a sala como um suspiro! Como fazia sentir aos mais indiferentes a magia dos beijos prolongados, silenciosos, no adeus repetido envolvendo o amante na sua alma apaixonada, sensível, terna, fazendo-o ouvir o canto da calhandra e ver, além, a linha do horizonte ruborizar-se pouco a pouco.

Por que transição medonha passara essa mulher, que aí estava de pé, apesar de doente, de velha, de frágil, com o olhar alongado, o corpo trêmulo, os cabelos prateados, em desalinho, ondulados pela viração perfumosa da noite.

Ingratos! Que se não lembram de mim! Têm outro ídolo sem, nem ao menos, me respeitarem a memória! Oh! se eu pudesse ainda fazer uma das minhas cenas... uma só que fosse! E voltava para dentro tentando relemburar um dos seus papeis favoritos. Passavam-lhe em cortejo pelo espírito desordenado as figuras, como visões aladas e intangíveis, de Maria Stuart, d'Adriana Lecouvreur, de Izabel de Inglaterra, de Maria Antonieta, de Soror Thereza e de muitas outras, sem que a memória lhe reproduzisse separadamente um trecho, uma fala de qualquer delas. Confundia todas... embaralhavam-se-lhe as idéias tumultuosamente e daqueles cabos surgia, como uma cristalização idealmente pura, a imagem de Julieta. Fora o seu primeiro triunfo; era agora, a sua punição, a sua grande e imensurável agonia!

No relógio dourado, sobre o velador, as horas indiferentes iam passando, e a velha atriz, sozinha, relia o jornal que amarrotara raivosa de manhã...

— Principia para essa mulher inteligente e nova, a gloriosa carreira do teatro! Ela vai ter tudo que eu tive! Tudo! Será amada... Rodeá-la-ão de festas, risos, bulha, flores, joias e cantos. Embriagá-la-ão de vaidades, mas... — E nos lábios frios da velha pairou um sorriso de maldoso contentamento. — Mas há de chegar-lhe um dia como este, em que se veja esquecida e só.

— Subirá talvez ao apogeu da arte, satisfará aos mais exigentes, aos mais requintados..., mas o tempo há de passar; virão as rugas, a vacilação nos passos... o enfraquecimento na voz e descerá como eu descí, sentindo arrefecer o entusiasmo em torno e vendo voltarem-lhe as costas enfadados aqueles mesmos que a tinham passeado no fim do espetáculo em carro descoberto, iluminado por fogos vermelhos, azuis ou cor de violeta, que é a mais verdadeira, por ser a dos tristes e dos mortos.

A predição do mal deu novo ânimo àquele corpo sem alento e àquele espírito combalido. O destino encarregar-se-ia da vingança; podia morrer tranquila.

Todavia teve ainda desejo de ver o teatro, de longe, de olhar, olhar para ele mais uma vez.

Levantou-se e, apoiando-se nos móveis, conseguiu, como antes, aproximar-se da janela.

Passou pelo espelho e parou mirando-se de perto. Lembrou-lhe a cena de Margarida na Dama das Camélias... Oh! como se consideraria feliz se a única alteração da sua fisionomia fosse a da pálida criatura do drama de Dumas!

— A velhice é o mais aterrorador dos males! — exclamou ela com rancor, voltando para fora os olhos cansados e vermelhos.

Ia já tarde a noite, e a aragem arrefecera umidamente. Naquela ocasião levantava-se talvez a desfalecida Julieta do seu marmóreo esquiife.

À luz aveludada do luar emanava-se o aroma das açucenas, as urnas lácteas dos beija-flores adormecidos... A velha atriz aspirou com força o delicioso ambiente dos jardins vizinhos e quedou-se a olhar fixamente para o sombrio vulto do teatro além.

Permaneceu imóvel, com os lábios contraídos, as narinas dilatadas e as mãos caídas sobre o peitoril.

De repente, pareceu-lhe sentir, atravessando todo o espaço, como um eco no silêncio augusto, religioso e poético da noite, um grito de entusiasmo, o estrépito influidor das palmas, o levantar de uma multidão ruidosa, delirante e feliz!

Prestou o ouvido atento, curvando-se para fora, e pôs-se numa quietude de pasmo e de espera.

Assim ficou até sumir-se subitamente a luz dos óculos do teatro. Acabado o espetáculo, o monstro fechara os olhos.

Então, no meio indeciso das sombras, distinguiu luzes de cores... Ouviu gritos de mocidade aclamando a nova e bela atriz, esperança do palco moderno, estrela no céu puro da arte!

Aqueles sons repercutiam-lhe no peito dolorosamente. Estendeu para a noite os braços magros, engelhados, hirtos, numa maldição de ódio.

O alarido festivo continuava como uma fanfarra brilhante, vitoriosa. Como um canto de paz, segredado em blandícias, volatilizava-se o aroma sutil da baunilha e dos roseirais. A velha atriz blasfemava, estendendo violentamente as mãos emagrecidas pelo espaço fora. Súbito estremeceu.

Aproximavam-se as aclamações, as vozes alegres, frescas, retumbantes, a flutuarem no ar desvairadamente.

A deusa de hoje passaria sob a janela da antiga deusa! O rodar dos carros e o clarão dos fachos faziam-se já sentir perto.

— É o escárnio... É o desprezo, o que me vêm oferecer!
— Cuidou a Desdemona de outras eras, a doce encarnação do ideal, como a chamavam então, e, recuando espavorida, numa alucinação angustiosa, as faces empalidecidas, os olhos chamejantes, tentou com um gesto violento cerrar a pesada cortina de reps branco. Os dedos tatearam o pano do reposteiro em vão e o corpo vacilou-lhe. Nuns passos de agonia, já sem vista, nem ar, a velha atriz girou nos calcanhares e caiu ao longo do corpo, ao lado das grinaldas emurchecidas, únicos vestígios dos seus passados triunfos.

Lá fora vibravam em ondulações sonoras as vozes da mocidade alegre e ardente.

No silêncio, porém, do quarto mortuário, não houve quem, como nos teatros antigos, anunciasse o fim daquela tragédia com o *Acta est fabula*, e essa mulher, que levantara as multidões ébrias de entusiasmo, caiu no isolamento, ignorada, sem um apoio, sem uma lágrima!

Lisboa, 1887

CRONOLOGIA

1862 – Em 24 de setembro desse ano, nasce Júlia Valentina Silveira Lopes, na Rua do Lavradio, 53, na cidade do Rio de Janeiro. Foram seus pais o Doutor Valentim José da Silveira Lopes, Visconde de São Valentim, e Dona Antônia Adelina Pereira, ambos portugueses emigrados para o Brasil. Em razão de saúde frágil, a jovem filha do Doutor Valentim não frequentará escolas regulares, mas receberá os primeiros ensinamentos de sua irmã Adelina e de sua mãe; depois, completará seus estudos com o pai, dono do Colégio de Humanidades, e com alguns professores particulares de inglês e de francês.

1869 – Muda-se com a família para Campinas, São Paulo, pois seu irmão irá se dedicar a uma fazenda de vinhedos. Nessa cidade, a família residirá até 1885.

1875 – Primeira viagem com sua família para Portugal.

1881 – Por influência de seu pai, escreve sua primeira crônica, *Gemma Cuniberti*, que é publicada na *Gazeta de Campinas* em 7 de dezembro.

1884 – Dá início à sua colaboração como cronista do jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro.

1885 – Em uma viagem ao Rio de Janeiro para visitar a irmã Adelina, através do Diretor de *A Semana*, Valentin Magalhães, é apresentada ao poeta português Francisco Filinto de Almeida.

1886 – Acompanha a família a Portugal. De lá, envia crônicas para a *Gazeta de Campinas*. Publica, em colaboração com sua irmã Adelina, o livro *Contos Infantis*. Em 1891, por decisão da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária da Capital Federal, este livro será adotado para uso nas escolas

primárias do Rio de Janeiro e depois para as de todo o Brasil durante mais de vinte anos.

1887 – Ainda em Portugal, publica, às suas expensas, seu primeiro livro de contos: *Traços e Iluminuras*. Em 28 de novembro, casa-se com Francisco Filinto de Almeida na Igreja de Santo Domingo. Passa a colaborar em diversos jornais e almanaques, tanto do Brasil quanto de Portugal.

1888 – O casal retorna ao Brasil, fixando residência no Rio de Janeiro, no casarão da rua Haddock Lobo. Logo, eles mudam-se para o Campo de São Cristóvão, onde nasce seu primeiro filho, Afonso. Publica, em folhetim, seu primeiro romance com o sobrenome de casada: *Memórias de Martha*.

1889 – Os Lopes de Almeida transferem a residência para a capital paulista, onde Filinto irá dirigir o jornal *A Província de São Paulo* e será eleito deputado estadual. Júlia Lopes continua sua colaboração em diversos jornais e revistas. Publica, pela Casa Durski, de Sorocaba, as *Memórias de Martha*.

1891 – Publica em folhetim na Gazeta de notícias, do Rio de Janeiro, *A família Medeiros*. Colabora no *A Estação* (1888 – 1891).

1892 – Sai, em volume, *A Família Medeiros*. Segundo a crítica Lúcia Miguel Pereira, essa edição esgotou-se em três meses.

1893 – Após a perda de dois dos filhos, Adriano e Valentina, nascidos em São Paulo, o casal volta a residir com o Doutor Valentim, no Rio de Janeiro. Logo, alugam uma casa na Rua Aprazível, n.7, em Santa Tereza.

1894 – Nasce seu quarto filho, Albano. Continua colaborando com a *Gazeta de Notícias*.

1895 – Em folhetim, a *Gazeta de notícias* publica *A Viúva Simões*.

1896 – Primeira edição do *Livro das Noivas*. Em abril, nasce a filha Margarida.

1897 – Publicação da obra *A Viúva Simões* em formato de livro pela *Antonio Maria Pereira Editor*, de Lisboa.

1899 – Iniciada no ano anterior, segue a publicação, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, do romance *A casa verde*, escrito em conjunto pela ficcionista e pelo marido, Filinto. Nascimento da filha caçula, Lúcia.

1901– Com uma carreira consolidada e tendo obtido sucesso e retorno financeiro, a publicista carioca lança a obra *A falência* que, devido ao apreço do público, tem uma segunda edição nesse mesmo ano.

1903 – Sai, pela *Casa H.Garnier*, seu livro de contos *Ansia eterna*.

1904 – Ela e o marido dão início às obras do casarão de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, onde residirão até 1925 e onde manterão o “Salão Verde”, local frequentado pelos artistas e intelectuais da época, tanto brasileiros quanto estrangeiros.

1905 – Publica a coletânea de algumas de suas crônicas jornalísticas: *Livro das donas e donzelas*. O *jornal do Commercio* apresenta mais um de seus enredos romanescos: o folhetim *A intrusa*.

1907 – Lança *Histórias da nossa terra, contos infantis*. Continua publicando em revistas e almanaques, no Brasil e em Portugal.

1908 – Publicação do seu romance *A intrusa* em forma de livro. É agraciada com o prêmio da Exposição Nacional com sua peça teatral *A herança*.

1910 – Compilados e publicados em um volume vários monólogos e diálogos intitulados *Eles e Elas*. Devido ao sucesso, há uma segunda edição nesse mesmo ano.

1911 – Publica um romance sobre a vida dos pescadores de Copacabana, *Cruel Amor*.

1912 – É premiada em primeiro lugar no concurso de comédias e dramas aberto pela Companhia Dramática Nacional com o drama *Quem não perdoa*.

1913 – Viaja com a família para Portugal e outros países europeus. É desse ano a edição de *Correio da Roça*.

1914 – Reverenciada, aclamada, é homenageada em Paris, na data de 14 de fevereiro, com um jantar oferecido no famoso Mac-Mahon Palace Hotel, ao qual comparecem a intelectualidade francesa e muitos brasileiros, dentre eles, Olavo Bilac e Medeiros e Albuquerque. Retorna com a família acossados pela guerra iminente. Ainda nesse ano, é publicado o romance *A Silveirinha* (crônica de um verão).

1915 – Homenagem da sociedade e da intelectualidade brasileiras na passagem do aniversário da romancista, com recepção no Salão do Jornal do Comércio, no Rio de Janeiro. Afonso casa-se com Isaura Diniz Drumond.

1916 – Sempre preocupada com as crianças e a natureza, publica o livro *A Arvore*, em parceria com seu filho Afonso.

1917 – Aparece o volume intitulado *Teatro*, contendo três peças: *Quem não perdoa*, *Doidos de amor* e *Nos jardins de Saul*, publicado na cidade do Porto, em Portugal. Publica *Era uma vez*, livro de contos.

1918 – Faz uma viagem de navio para conhecer o sul do país. É recebida e homenageada no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

1920 – Publica *Jornadas no meu país*, resultado da viagem ao sul do Brasil.

1922 – Convidada a ir a Buenos Aires, profere a conferência intitulada “Brasil” diante do *Consejo Nacional de Mujeres de La Argentina*. No jornal *La Nación*, de Buenos Aires, sai o conto *La tuerta* (A caolha); em 22 de outubro desse ano publica *A Isca* (4 novelas). Participa do *I Congresso Feminino do Brasil*, realizado no Rio de Janeiro.

1923 – Sai um livreto com a conferência intitulada *Oração à Santa Dorotéia*.

1924 – A filha de Júlia, Margarida, recebe um prêmio da Escola de Belas Artes, do Rio de Janeiro, que a obriga a ficar estudando em Paris por quatro anos. A Família resolve acompanhá-la.

1925 – Primeiro partem Margarida, Lúcia e Filinto. Júlia providencia a venda do casarão de Santa Teresa, aplica o dinheiro em ações e parte com Albano e a esposa. Embarca no cais Pharoux no dia 03 de setembro. A escritora passará a residir com a família em um apartamento no n.8 da *Avenue de Friedland*.

1928 – No passaporte há o registro da entrada na Itália em setembro e a chegada na Alemanha em 10 de outubro. Faz tratativas com Jean Duriau para a tradução de *Memórias de Marta* e *A família Medeiros*.

1929 – Continua viajando seguidamente: Oslo, Espanha, Bélgica, Alemanha. Passeios em Nice, onde se hospedam no Hotel de Londres, estações de cura em Vichy. No entanto, não para de trabalhar. Muitos de seus contos foram traduzidos para o idioma francês e acabaram sendo publicados em jornais parisienses. Aproveita para corrigir muitos de seus textos, reedita as *Memórias de Marta* e escreve um novo romance, ambientado em Paris, *Pássaro Tonto*.

1931 – Retorno da romancista e de Filinto ao Brasil. Afonso é cônsul em Xangai e Margarida permanece na Europa realizando espetáculos. Fixam residência na Av. Nossa Senhora de Copacabana, 466. Prepara um livro intitulado *Os outros*, que acabou inédito.

1934 – Viaja à África para trazer de volta a filha Lúcia, que adoecera, as netas e o genro. Vitimada pela febre amarela e com complicações renais e linfáticas, vem a falecer oito dias depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, em 30 de maio. É enterrada no cemitério São Francisco Xavier. Comparecem as maiores autoridades da terra, artistas, amigos, parentes e

admiradores. Um mês após sua morte, é publicado *Pássaro Tonto*, seu último romance.

COLABORAÇÃO EM JORNAIS E REVISTAS

- :: Almanaque - Gazeta de Notícias (1897-1898)
- :: Almanaque Literário de São Paulo (1884)
- :: Gazeta de Campinas (18881)
- :: A Bruxa (1897)
- :: A Estação (1888-1891)
- :: A Semana (1885-1887, 1894)
- :: Correio de Campinas.
- :: Diário de Campinas.
- :: Estado de São Paulo.
- :: Gazeta de Notícias (1888-1894)
- :: Ilustrada Brasil-Portugal (1899-1914). Revista quinzenal ilustrada. Disponível na Hemeroteca Digital da BN. (acessada em 29.4.2014).
- :: Jornal do Comércio.
- :: Kosmos.
- :: O Mundo Literário.
- :: O País (1907-1912) parte dos seus textos foram destruídos devido a um incêndio, teria publicado nesse jornal por aproximadamente 30 anos, segundo depoimentos do filho Afonso Lopes de Almeida.
- :: Revista Brasil.
- :: Revista dos Novos, São Paulo (1895-1886)
- :: Tribuna Liberal, Rio de Janeiro (1888-1889)

Colaboração em revistas femininas

- :: A família, São Paulo e Rio de Janeiro (1888-1889)
- :: A mensageira, São Paulo (1898-1900)

:: Nosso Jornal, Rio de Janeiro (1919-1920) — [com Cacilda Martins]

:: Revista Feminina, São Paulo (1915-1917)

JOHN BULL



FALE CONOSCO



(47) 9 9794-1287